



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

EM REDE NACIONAL - PROFARTES

ALEXSANDRA SILVA OLIVEIRA BURITI

RECREIO ESCOLAR EM CENA: a mediação por meio dos jogos teatrais

JOÃO PESSOA – PB

2020

ALEXSANDRA SILVA OLIVEIRA BURITI

RECREIO ESCOLAR EM CENA: a mediação por meio dos jogos teatrais

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional (PROF-ARTES) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Artes

Linha de Pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Vieira de Melo

JOÃO PESSOA – PB

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

B958r Buriti, Alexsandra Silva Oliveira.
RECREIO ESCOLAR EM CENA: a mediação por meio dos jogos teatrais / Alexsandra Silva Oliveira Buriti. - João Pessoa, 2020.
103 f. : il.

Orientação: Paulo Roberto Vieira de Melo.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jogos Teatrais. 2. Escola. 3. Mediação. 4. Artes. I. Melo, Paulo Roberto Vieira de. II. Título.

UFPB/BC

ALEXSANDRA SILVA OLIVEIRA BURITI

RECREIO ESCOLAR EM CENA: a mediação por meio dos jogos teatrais

Aprovada em: 03 /Julho/2020.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Paulo Roberto Vieira de Melo

Orientador: (PROFARTES-CCTA)



Prof. Dr. Fernando Antônio Abath Luna Cardoso Cananéa

Membro Interno (CCTA-PROFARTES)



Prof. Dr. Damião de Lima

Membro Externo (CCHLA/MPPGAV)

Prof. Dr. Henrique Paiva de Magalhães

Suplente Externo

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me proporcionado a experiência do magistério e por me guiar sempre pelo caminho da sensibilidade.

Aos meus alunos e aos seus pais da EMEF Cícera da Silva Sousa por todo carinho, amizade, compreensão, dedicação, escuta e ajuda, sempre.

Aos amigos Ailma, Joht, Juliana e Shirley por nossas conversas muito úteis deste projeto e pelo incentivo constante. Aos meus professores do PROFARTES da UFPB por todo apoio, confiança e conhecimento compartilhado.

Aos meus colegas de profissão que acreditam no trabalho que faço, que me apoiam e compartilham comigo o cotidiano desta prática difícil e gloriosa. Aos meus queridos amigos por todo incentivo e carinho e porque sem eles a minha vida seria muito sem graça e sem sentido.

Aos amores da minha vida que me acompanham, me incentivam e compreendem minhas ausências: meu marido Antônio Erinaldo, meus filhos Rayan e Renan, meus netos, meus pais, meus irmãos, meus sobrinhos. Atitude que, em muitos momentos difíceis, me impulsionou para seguir em frente.

Agradeço aos professores, Drs. Fernando Cananéia e Damião de Lima pela orientação comprometida, confiança e incentivo para sempre melhorar este trabalho, pelos encaminhamentos e dicas no percorrer de minha pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte desse momento importante para minha vida pessoal e profissional, gratidão.

Agradecimento Especial – Ao professor Dr. Paulo Vieira, meu orientador, cujo aprendizado que me proporciona é de um valor inestimável, não somente no que diz respeito ao conhecimento científico, mas, principalmente, em relação a ética, à generosidade. Muito obrigada por sua compreensão e cumplicidade.

[...] De cada lado da sala de aula, pelas janelas altas, o azul convida os meninos, as nuvens desenrolam-se, lentas, como quem vai inventando preguiçosamente uma história sem fim... sem fim é a aula: e nada acontece, nada... Bocejos e moscas. Se ao menos, pensa Margarida, se ao menos um avião entrasse por uma janela e saísse pela outra! [...] Mário Quintana (1948, p. 115).

RESUMO

As crianças, assim como os adultos passam por pequenos tormentos durante sua trajetória escolar, eu particularmente fui vítima do famoso “ Na hora da saída eu te pego”, fui agredida fisicamente bem na hora do recreio, cheguei na sala chorando e nem por isso a professora perguntou o motivo do choro e dos arranhões. Diante desse e outros acontecidos que me tornei a professora que olha e escuta com muita amorosidade o que os alunos contam sobre o recreio escolar e uso os jogos teatrais como aliado para essa aproximação. Diante disso, comecei a problematizar os efeitos dos jogos teatrais nesse espaço que também é educativo e que estava cheio de conflitos. Então comecei a problematizar os efeitos que os jogos teatrais poderiam causar no recreio escolar e consequentemente com seus professores em sala de aula. Alcancei com êxito o objetivo geral, que foi analisar o impacto do jogo teatral sobre o recreio escolar, promovendo uma mudança no convívio entre os alunos da Escola Municipal do Ensino Fundamental Cícera da Silva Sousa, localizada em Barra de Santa Rosa, curimataú paraibano. O ponto de partida da pesquisa se justifica no atual cenário escolar, onde as relações de convívio entre os alunos dentro de sala de aula e, principalmente, nos recreios escolares, acabam de certa forma esbarrando no ensino-aprendizagem e na convivência. É uma pesquisa participante com abordagem qualitativa e dividida em cinco capítulos, no capítulo um intitulado como Acolhida: Roda de conversa. Nele eu descrevo detalhes da minha infância até a chegada ao mestrado. No capítulo dois, “Nos bastidores” eu descrevo toda a fundamentação teórica que utilizei para compor as oficinas/aulas que são os autores: Augusto Boal, Viola Spolin e Olga Reverbel que abordam sobre jogos teatrais. Já no terceiro capítulo “Jogando outro jogo: troco bolinhas de gude por uma conversa” ,trago toda as estratégias que utilizei para me aproximar dos alunos durante a pesquisa. Em “Fora dos muros da escola” eu relato todos os temas dos encontros das oficinas/aulas como também sobre como a viagem ao teatro impactou nossas criações. Por último o quinto capítulo que é “Memórias, lembranças de ontem”, onde analiso todos os dados que observei na pesquisa, que foi surpreendente e enriquecedora. Utilizei como coleta de dados as entrevistas, gravações de áudios, anotações em diário de bordo e registro fotográfico que ao longo da dissertação aparecem. O grupo focal tinha vinte alunos, do segundo ao quinto ano, matriculados em horários oposto as oficinas/aulas.

Palavras-chave: Arte. Educação. Jogos teatrais. Prática teatral.

ABSTRACT

Children, as well as adults go through small torments during their school trajectory, I was particularly the victim of the famous "At the time of leaving I catch you", I was physically attacked right at recess, I arrived in the room crying and not for that reason. teacher asked why she was crying and scratching. Faced with this and other events, I became the teacher who looks and listens very lovingly to what students say about school recess and I use theatrical games as an ally for this approach. Therefore, I started to problematize the effects of theatrical games in this space that is also educational and that was full of conflicts. So I started to problematize the effects that theatrical games could have on school recess and consequently with their teachers in the classroom. I successfully achieved the general objective, which was to analyze the impact of the theatrical game on the school break, promoting a change in the interaction between the students of the Municipal School of Elementary Education Cícera da Silva Sousa, located in Barra de Santa Rosa, Paraíba state. The starting point of the research is justified in the current school scenario, where the relationships of interaction between students within the classroom and, mainly, in school recess, end up in some way bumping into teaching-learning and living together. It is a participatory research with a qualitative approach and divided into five chapters, in chapter one entitled as Welcome: Round of conversation. In it I describe details of my childhood until I reached the master's degree. In chapter two, "Backstage" I describe all the theoretical foundation that I used to compose the workshops / classes that are the authors: Augusto Boal, Viola Spolin and Olga Reverbel that address theatrical games. In the third chapter, "Playing another game: I trade marbles for a conversation", I bring all the strategies I used to approach the students during the research. In "Outside the walls of the school" I report all the themes of the workshops / classes meetings as well as how the trip to the theater impacted our creations. Finally, the fifth chapter, "Memories, memories of yesterday", where I analyze all the data I observed in the research, which was surprising and enriching. I used as data collection the interviews, audio recordings, notes in the logbook and photographic record that appear throughout the dissertation. The focus group had twenty students, from the second to the fifth year, enrolled in hours opposite the workshops / classes.

Keywords: Art. Education. Theatrical games. Theatrical practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Legendas

Foto 1	Frente da Escola Municipal Cícera da Silva Sousa.....	23
Foto 2	Corredores da Escola, na hora do recreio.....	23
Foto 3	Fila para o lanche, no recreio.....	24
Foto 4	Oficina troco bolinhas de gude por uma conversa.....	64
Foto 5	Oficina/aula troco bolinhas de gude por uma conversa.....	65
Foto 6	Momento em que aluna sobe no palco para interagir com atores.....	80
Foto 7	Alunos na frente do Teatro Severino Cabral, em Campina Grande...	81
Foto 8	Alunos e professores com os atores do espetáculo.....	82
Foto 9	Oficina/Aula com alunos na escola.....	83

SUMÁRIO

ABREM-SE AS CORTINAS.....	12
1 ACOLHIDA: RODA DE CONVERSA.....	17
1.1 PRÓLOGO.....	26
1.2 I ATO.....	28
1.3 II ATO.....	40
1.4 EPÍLOGO.....	43
2 NOS BASTIDORES.....	46
2.1 TEATRO ALÉM DAS CORTINAS.....	47
2.2 CRIATIVIDADE INDIVIDUAL.....	49
2.3 TEATRO DO OPRIMIDO.....	52
2.3.1 Primeira categoria: sentir tudo que se toca.....	54
2.3.2 Segunda categoria: escutar tudo que se ouve.....	54
2.3.3 Terceira categoria: ativando os vários sentidos.....	54
2.3.4 Quarta categoria: Ver tudo que se olha.....	55
2.3.5 Quinta categoria: a memória dos sentidos.....	55
2.4. O TEATRO NA EDUCAÇÃO.....	56
2.5 TEATRALIDADE BRASILEIRA.....	57
2.6 EM BUSCA DE UMA FUNDAMENTAÇÃO.....	59
3 JOGANDO O JOGO.....	62
3.1 TROCO BOLINHAS DE GUDE POR UMA CONVERSA.....	64
4. FORA DOS MUROS DA ESCOLA: REFLEXÕES INTRA ESCOLAR.....	68
4.1 OS ENCONTROS.....	70
4.1.1 RELACIONAMENTO.....	71
4.1.2 ESPONTANEIDADE.....	71
4.1.3 IMAGINAÇÃO.....	73
4.1.4 OBSERVAÇÃO.....	74
4.2 A Viagem.....	75
4.3 Arrumando as malas.....	76

4.4	Dia da viagem.....	79
4.5	Desembarque.....	81
5	MEMÓRIA LEMBRANDO O ONTEM.....	83
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
	REFERÊNCIAS.....	91
	ANEXOS	95

ABREM-SE AS CORTINAS

Sou professora concursada no município de Barra de Santa Rosa desde 2005, formada em pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), com especialização em psicopedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UFPB). Desde os primeiros anos em sala de aula que observo o recreio escolar com muito carinho, pois sempre me remete a minha infância, as brincadeiras, como também aos pequenos tormentos que passava, falo dele no próximo capítulo. O recreio escolar é o momento mais esperado pelos alunos. É o espaço onde a imaginação floresce, lugar de conversas, de confidências entre amigos, lugar de novas brincadeiras, descobertas, de saborear o lanche, de dividir com quem não trouxe, de abraçar o outro até dizer basta e correr para outro abraço.

No entanto, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cícera da Silva Sousa (EMEFCSS), o recreio escolar era praticamente o avesso do mencionado acima. Observando por vários meses, eu percebia o descontentamento dos alunos, as confusões frequentes, a falta de diálogo para resolver os conflitos que apareciam durante as brincadeiras, as brigas físicas, o *bullying* por partes de alguns e o distanciamento de outros. Aquilo me incomodava, eu fazia vários questionamentos para tentar entender por que o recreio escolar não era tão prazeroso como deveria ser. Todos os dias aconteciam ocorrências no recreio da escola com relação aos alunos que agrediam outros, nada se resolvia e tudo se repetia.

Na classe que ministrei conteúdos era comum as rodas de conversas e o assunto abordado por eles era sempre o recreio. Eu abria esse espaço sempre que o sinal tocava, estipulava uns 15 minutos dedicados à conversa, sempre sentados no chão, em círculo. Cada aluno tinha o direito de falar e de ser ouvido. As reclamações sobre o recreio eram constantes, todos, sem exceção, traziam à tona as confusões do dia, cada um que opinasse sobre quem estava certo e quem não estava. Eu ouvia e mediava acerca das conversas na esperança de entender o porquê agiam daquela forma, mas não consegui respostas convincentes.

Aqueles comportamentos foram me incomodando a ponto de eu procurar estratégias para amenizar a situação. No início procurei ajudar apenas os meus alunos. Foi quando pensei nos jogos teatrais e toda a sua potencialidade de transformação. Então, nosso primeiro bom dia, antes de iniciar qualquer conteúdo, passou a ser experimentar jogos teatrais. Primeiro selecionei alguns jogos, que tinham como objetivo trazer o desenvolvimento de relações

amigáveis no grupo. Para minha surpresa, os alunos que participaram dessa experiência, conseguiam se comportar positivamente no recreio escolar. Percebi isso nas rodas de conversas ao se posicionarem de maneira diferente. Eu comecei a perceber algumas evidências do que poderia estar ocasionando um recreio tão violento. Um aluno relatou que em uma de suas brincadeiras se chocou com outro no corredor, imediatamente pediu desculpas e tentou explicar que foi sem querer, já que o corredor é estreito e que o colega apareceu de repente, mas, o menino não o escutou direito e o socou na barriga. Percebi que um estava aberto ao diálogo, a se justificar, a argumentar sobre o ocorrido e tentar resolver da melhor maneira possível. Estratégia que vínhamos realizando diariamente com os jogos teatrais sobre relacionamento.

O outro, no entanto, não conseguiu nem sequer ouvir o colega e já partiu para a agressão, ocasionando mais uma ocorrência na secretaria da escola. Apesar da forma positiva como meu aluno se posicionou diante do fato, de nada adiantou, porque o outro não estava disposto a escutar. Mas, como fazer brotar no outro o desejo de escuta? Todos teriam que passar pela experiência dos jogos teatrais e vivenciar situações parecidas dentro dos jogos? Foi nesse momento que resolvi elaborar um projeto para participar da seletiva do mestrado ProfArtes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na ocasião, o edital estava aberto e para minha alegria fui aprovada. A pesquisa sobre o Recreio Escolar: a mediação dos jogos teatrais veio contribuir para a transformação do recreio e quebrou os paradigmas negativos sobre suposições dos comportamentos dos alunos.

Este trabalho dissertativo tem a intenção de aproximar o leitor, os professores, o teatro e os alunos ao ambiente escolar, mais precisamente ao recreio escolar, estimulando a reflexão e ao questionamento, apontando possíveis caminhos e possibilidades para o desenvolvimento de oficinas (aula de jogos teatrais), compartilhando experiências e informações e partindo das possíveis causas de conflitos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cícera da Silva Sousa.

Sabemos que cada escola deve recorrer, junto com os alunos, as melhores estratégias para solucionar a questão. Pensando em contribuir para um bom funcionamento da escola e identificando os conflitos abordados no recreio escolar, a pesquisa foi feita com o intuito de atender aos anseios dos alunos, professores e gestão escolar. Certamente que as oficinas/aulas não tem a intenção de substituir as aulas da disciplina arte na escola, que cada professor realiza, mas ser uma inspiração, especialmente, nas acolhidas destes alunos antes de iniciar as atividades. No entanto, precisamos refletir sobre algumas questões:

1. Como você identifica os conflitos existentes no recreio escolar?
2. Você já presenciou conflitos, brigas nesse espaço escolar?
3. Você acredita que desenvolver oficinas/aulas dos jogos teatrais pode ajudar a solucionar ou amenizar a questão?
4. O que está fazendo para contribuir a resolução do problema?
5. Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Os questionamentos acima surgiram após conversas, entrevistas e trocas de experiência com os professores e alunos. As conversas informais com os alunos aconteceram no recreio escolar. Passamos a refletir, com base nesta experiência, sobre as respostas e argumentações dos entrevistados. As conversas foram de grande importância, pois, foram apontados problemas, limitações, dificuldades, indicaram também acertos, transformações, descobertas.

As cinco questões apresentadas acima também sintetizam, a um só tempo, questionamentos e alguns dos objetivos desta pesquisa que são: Analisar todo o impacto da prática do jogo teatral na hora do recreio escolar, promovendo uma mudança no convívio entre os alunos. Nesta perspectiva, acreditamos que foi imprescindível proporcionar aos alunos do grupo focal espaços de experimentações por meio dos jogos teatrais. A partir dos pressupostos preconizados em leituras nas obras de autores que se dedicaram a registrar a importância e os resultados da utilização do teatro na educação.

Nesta pesquisa apresenta-se uma experiência vivenciada em uma primeira viagem ao Teatro Municipal Severino Cabral, localizado no município de Campina Grande, no interior do Estado da Paraíba. A experiência foi única e destinada para todos os alunos do grupo focal. Nessa viagem, observamos o espetáculo, a infraestrutura do teatro, o trajeto da ida e da volta causou nos alunos e contribuiu para melhoria de nossos encontros nas oficinas (aulas). Foram grandes descobertas. Observamos que a cada oficina/aula uma ideia nova surgiu, a criatividade e a imaginação afloraram ainda mais.

A motivação para essa pesquisa surgiu da necessidade de demonstrar a importância dos jogos teatrais no bom convívio entre os alunos. Tive como grupo para o desenvolvimento da pesquisa um conjunto de vinte alunos, do segundo ao quinto ano do fundamental 1, da Escola Municipal do Ensino Fundamental Cícera da Silva Sousa, do município de Barra de Santa Rosa (PB). Estes estudantes me ajudaram a refletir sobre a importância dos jogos teatrais no convívio escolar como também em outros espaços onde estão inseridos.

Está pesquisa é do tipo participante e teve abordagem metodológica qualitativa, em que descrevo e interpreto a experiência estudada. Nessa direção, fundamentei a minha discussão em autores como: Viola Spolin (2008), Augusto Boal (2015), Olga Reverbel (2009) e outros que abordaram temas relevantes com o estudo em foco.

Este trabalho dissertativo possui cinco capítulos, o primeiro capítulo eu apresento como foi a acolhida e a roda de conversa, mostrando a minha relação, desde quando era pequena, com as mais diversas artes; a minha vivência de aluna no recreio da escola, como as decisões e quais caminhos percorri para a escolha da minha profissão, as conquistas que obtive no percurso da vida profissional. Explico também como e por quê escolhi este tema para pesquisar e estudar, sinalizo os autores e escolhas que fiz dos jogos teatrais, a partir dos objetivos específicos; contextualizo nos bastidores os autores que nortearam toda a pesquisa; jogando outro jogo,uento como foi a metodologia que usei para escutar os alunos, pois, foi muito importante escutar os protagonistas do recreio; em fora dos muros da escola apresento as abordagens das oficinas/aulas e de como a experiência de ir ao teatro impactou nos alunos; em seguida a análise e discussão de tudo isso e por último as considerações finais.

A oficina/aula foi organizada da seguinte forma: Foram 28 oficinas/aulas, com duas horas de duração. Os jogos teatrais foram adaptados a partir da proposta sugerida pelos autores Viola Spolin (2008) e Augusto Boal (2015). Quanto aos temas para as oficinas/aulas foram escolhidos de forma a fazer com que os alunos vivenciassem uma relação com os objetivos propostos para cada encontro. Ao final de cada aula/oficina foram discutidas as apresentações de criação coletiva que eram dramatizadas nas salas de aulas, destacando-se que o momento mais significativo foi a apresentação final para todas as turmas, que se encontra descrita na análise de discussão sobre a experiência vivida junto aos alunos e explicitadas nesta dissertação.

Do ponto de vista pedagógico a oficina/aula de jogos teatrais ofereceu uma experimentação interativa e construtiva, pois, com as apresentações nas outras salas, todos os alunos vivenciaram e experimentaram arte. Essa experiência se deu em uma dimensão que proporcionou aos alunos a liberdade de expressão sobre temas pertinentes que conversávamos no recreio escolar, buscando ainda repensar o papel de cada um, aluno, professor, gestor e comunidade escolar.

Está dissertação é uma tentativa de ampliar o debate sobre o tema do recreio escolar e o que a mediação dos jogos teatrais podem fazer para com ele. Almejo ainda que seja reconhecida por toda gestão escolar a importância dos jogos teatrais como espaço de

construção de conhecimento por trabalhar os domínios afetivos, físicos, estéticos e pedagógicos.

1 ACOLHIDA: RODA DE CONVERSA

Eu nasci próximo a tudo que se relaciona a afeto. Foi no quarto da casa de minha mãe que no dia 1 de dezembro de 1975 recebi meu primeiro abraço. Até hoje, quando vou lá, sou recebida com muito afeto. Nasci no interior do Curimataú paraibano, Barra de Santa Rosa, onde cresci e aprendi os valores mais importantes para a vida.

Neste lugar as tardes eram de brincadeiras com as crianças da minha rua. Brincávamos de tudo, casinha, professora, cantora, circo. Esse último concordia com a brincadeira de ser professora, as duas preferidas, atuar em um quintal, fazendo do chão de barro um picadeiro e ensinar as minhas bonecas a ler, era mágico. Passei minha infância assim, preservada das turbulências inevitáveis que muito provavelmente ocorreram no seio familiar e social da época.

Fui matriculada na Escola Estadual Professor José Coelho. Embora ficasse distante a poucos metros da minha casa me lembro da minha mãe levando-me até o portão durante os primeiros anos. Neste tempo não tínhamos celulares ou jogos digitais, nem muito menos internet. Parece até que isso aconteceu há séculos devido a velocidade com que a tecnologia avançou. Fui privilegiada em viver em uma época em que tínhamos que inventar nossas próprias brincadeiras e ocupações.

Lembro-me de cobrar uma caixa de fósforo aos amigos, para que assistissem o circo no quintal da minha casa. Essas memórias afetivas ainda estão guardadas em meu coração isto só confirma que tudo que remete a arte tem o poder de emocionar e transformar. Há mais de quarenta anos isso tudo aconteceu. O impacto daquelas brincadeiras construiu minha trajetória profissional. Minhas brincadeiras de infância tiveram um papel importante em minhas escolhas, não tenho dúvidas. Fui uma criança que conversava muito e que também escutava bastante. Pensando nisso agora, lembrei que formamos um grupo, de aproximadamente 15 pessoas, que nos reuníamos semanalmente e falávamos sobre temas que nos interessava na época, como dança, festa, comida, música. Era nossa rede social e presencial, se é que posso chamar assim. Esse grupo de amigos fazia parte da mesma escola que eu estudava.

Toda minha infância foi na escola estadual que mencionei anteriormente. Infelizmente não tenho lembranças de nenhuma professora afetuosa comigo, mas lembro muito bem das brincadeiras do recreio, que era o melhor momento e o mais esperado. Brincávamos de “rouba

bandeira”, à sombra de uma árvore grande algaroba, de correr aos arredores das salas imensas, de “toca”, de “esconder” e de disputar em qual grupo as alunas novatas iriam fazer parte.

Todos as queríamos no nosso time. Elas eram rápidas, ágeis, comunicativas e lindas. Tinham acabado de chegar na cidade em um circo. Ficaram pouco tempo na escola, só até desarmarem as lonas e partirem para outra cidade. Com essas meninas eu lembro a maneira diferenciada com que a minha professora as tratava, até nós alunos também as víamos diferentes. Com um olhar de admiração, de encantamento por saberem expressar arte. Confesso que pensei em fugir com o circo, fazer tudo aquilo que as meninas faziam era um sonho. Acredito que o circo foi meu primeiro contato com um espetáculo, além dos que já costumava realizar no meu quintal. No entanto, não aguentaria ficar tanto tempo longe dos abraços de minha mãe.

Voltando ao recreio da minha escola. Lembro-me também de uma vez em que fui agredida fisicamente, por motivos banais que ocorreram primeiramente em sala de aula, o famoso “na saída eu te pego”, ouvi isso com muito terror. Quem escutou sabe o quanto é apavorante o sentimento que essa frase causa. Então, por medo ou covardia, nunca denunciei o agressor, nunca esqueci o que passei e tenho até hoje memórias daquele momento. Vi também muita injustiça, colegas sendo punidos por agressões que não fizeram, suspensões e castigos eram constantes. Ninguém se preocupava em saber os reais motivos das agressões, o que se procurava era apenas o superficial, “por que fez isso menino?”; “Peça desculpas agora, ou vai para a secretaria”. Ironicamente essas são as mesmas frases que costumo ouvir na atualidade.

Só que nos últimos tempos, essas agressões, consequentemente as punições, tem sido intensificada cada vez mais, passando até para ameaças e atos concretos de violência dentro e fora do ambiente escolar, com alunos, professores e funcionários em geral. Tudo acontecendo de maneira assustadora e o que se percebe é que a escola não tem se preparado para a mudança. Continuam os mesmos paradigmas de décadas atrás, em que a preocupação era com a disciplina e tentar disciplinar os corpos dos alunos em ambientes mal estruturados e sem condições para que eles extravasem suas energias no recreio escolar, já que são tão contidos em sala de aula.

O que observo é um aumento de matrículas, já que o número de aluno é consequência do montante de dinheiro que a escola recebe, sem preocupação de que a qualidade da educação também passa por outras esferas, como sala de aula adequada, com professores que possam ajudar nas dificuldades dos alunos, com uma infraestrutura planejada para aquela

faixa etária. Ao contrário disso, o que vejo são salas minúsculas superlotadas, alunos lanchando em pé ou sentados no chão, porque não temos refeitório, corredores estreitos para brincarem, sem espaço para falarem o que pensam e o que sentem naquele lugar, sem participação democrática. Com tudo isso não há condições do professor fazer um bom trabalho. Tanta demanda para dar conta acaba o aluno tentando resolver à sua maneira, as brigas constantes são as possíveis causas de tentarem ser vistos e que não estão conformados com o modelo de educação que se encontra. Novos tempos merecem novas atitudes.

Quando terminei o primário ingressei no Colégio Barra de Santa Rosa. Salas pequenas e superlotadas, pois, era o único Colégio Municipal da cidade. O colégio tinha na época o antigo Magistério, e comecei a observar e admirar os alunos daquelas turmas. Participavam de aulas produtivas, estavam sempre em contato com material concreto, revistas, isopor, tintas, papeis coloridos, argila. Também era conhecida como a sala que mais fazia “barulho”, apresentavam trabalhos, conversavam bastante. Isso me chamou atenção, queria ter aulas assim. Fiquei com essas imagens guardadas na certeza que lá na frente encontraria salas de aulas semelhantes.

Ao terminar a 8^a série fui matriculada, por minha mãe, no Colégio Estadual José Luiz Neto. Para minha deceção, em nenhuma série do ginásio encontrei uma sala de aula como a que tinha observado no magistério do Colégio Barra de Santa Rosa. Mesmo assim concluí o ginásio e voltei ao Colégio Barra para cursar o tão sonhado curso normal (Magistério). Sempre gostei de crianças e ser professora me encantava, além de preparar-me para uma profissão. Ainda estudando conheci meu marido, e com um ano de namoro, eu com 15 anos e ele com 24, nos casamos. Eu estava grávida e ele cursando a Universidade. Só esperamos o término do seu curso para nos aventurarmos no Estado do Mato Grosso, à procura de emprego.

Partimos e graças ao meu curso de magistério fui contratada pela Prefeitura Municipal de Primavera do Leste para lecionar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Mauro Wandelino Weis e ainda consegui um emprego em uma Escola Particular, a Carrossel do Saber. Foram quase três anos de muito aprendizado e novas experiências. A escola pública onde eu trabalhava era muito conceituada na cidade no ano de 1996. Dispunha de laboratório de informática e de gestão democrática, em que os professores eram escolhidos pelos alunos, pais e funcionários para exercer o cargo de diretor escolar. Eu percebia cada vez mais, que aquelas brincadeiras de infância, sendo professora das bonecas, estavam se concretizando, e tinha a certeza de que estava na profissão certa. Fiquei lecionando em Primavera do Leste de 1996 a 1999.

Retornei para minha cidade natal grávida do meu segundo filho. Quando cheguei fui contratada pela Prefeitura Municipal de Barra de Santa Rosa para lecionar no ensino fundamental I. Todo aprendizado e experiência que obtive em sala de aula em Primavera do Leste, eu trouxe para essa nova experiência em minha cidade. Conseguir exercer o ofício com novos desafios, sala de aula superlotada, alunos com problemas de socialização, e uma direção indicada por gestores. O que até hoje é comum em todas as escolas do município.

Eu sentia a necessidade de aprender mais, de me qualificar para poder ajudar aos alunos. Sabia que a minha experiência adquirida não era suficiente para os desafios que estava enfrentando, eram outras dificuldades, outro ambiente, outro contexto e outras histórias. Então meu desejo nessa época era fazer um curso superior, sabia que para lecionar bem eu precisava de mais estudo, de muita pesquisa.

Ingressei no ano de 2000 no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). O meu primeiro desafio na graduação era ter que estudar sozinha em casa, já que o curso era em regime especial e a maior parte do tempo os estudos eram à distância. Sem acesso à internet na minha casa, eu procurava solucionar minhas muitas dúvidas em uma única *lanhouse* da cidade, enfrentando horas de espera para poder fazer as pesquisas, pois, os pontos com computadores eram limitados. Entretanto, a cada pesquisa que fazia eu tinha certeza que era a profissão certa que eu tinha escolhido.

Em 2002 prestei concurso para EMEF Cícera da Silva Sousa, fui aprovada e sou do quadro efetivo até hoje. Percebendo a atração que tinha pelo magistério e a necessidade de mais aprimoramento, ingressei em 2004 na Especialização de Psicopedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A minha monografia, intitulada O Papel do professor diante de dificuldades de aprendizagens apresentados pelos alunos do ensino fundamental, foi aprovada pela professora orientadora Valnisa Maria Carneiro. Nesse percurso, para ser mais exata, em 2007, elaborei e desenvolvi um projeto de artes com meus alunos “O Olhar se Educa”, que me rendeu o Prêmio Professores do Brasil, prêmio patrocinado pelo Ministério da Educação (MEC), como experiência de relevante valor pedagógico voltada à melhoria da qualidade do ensino do País. Fui à Brasília (DF), onde participei como convidada do Seminário Professores do Brasil e na ocasião recebi a premiação.

Voltei com mais sonhos, com mais desejos de trabalhar a disciplina de artes e todos os seus conteúdos, vi a transformação em minha sala de aula, 100% de aprovação. Sabia que tinha a arte como minha aliada em sala de aula, que os alunos podiam desenvolver suas

habilidades e capacidades por meio dela. Até hoje tenho contato com alguns alunos dessa turma de 2007, nesses quase 13 anos ainda escuto depoimentos emocionantes deles, que foram as melhores aulas que tiveram, que lembram o quanto o trabalho em grupo era criativo e mais produtivo. Que se lembram das músicas que ouviam quando eu colocava na hora das atividades, das histórias contadas por mim e por eles, dos afetuosos abraços, das entrevistas que deram a TV sobre o projeto e que se ver na televisão foi a concretização do trabalho em equipe, das rodas de conversas nas quais podiam se expressar e falar sobre qualquer assunto, sem medo de ser criticado e nem tanto pouco de criticar o que não concordavam.

Qualquer professor sabe que o melhor reconhecimento vem do aluno, de sua gratidão, de seus depoimentos, de seu protagonismo na sociedade. Eu me sinto parte de cada um, sou vencedora quando vencem e fracassada quando não conseguem. Continuo pensando e trabalhando assim, na formação dos cidadãos que precisam acreditar que juntos venceremos. Em seguida, em 2008, fui convidada para exercer a função de supervisora educacional do município de Barra de Santa Rosa (PB), onde fiquei por 10 anos. Nessa época, recebi o desafio de elaborar e ministrar um curso de formação para os professores da rede municipal de educação infantil e da creche municipal “Oficina do Fazer”, no qual uma das metas era fazer com que as aulas se tornassem mais lúdicas, incluindo a dança, a musicalização e o teatro nos planos de aulas dos professores, uma experiência fantástica.

Em 2015, tive a satisfação de escrever o conto Sonho Novo, e com ele fui selecionada entre tantos inscritos pelo Projeto Revelando os Brasis. Escolheram as 20 melhores histórias do país para transformar em um curta metragem. O filme foi exibido na minha cidade, em praça pública, inclusive o filme já participou de vários festivais, premiado como melhor direção de arte, melhor fotografia e melhor atriz. Fui ao Rio de Janeiro participar de uma entrevista no Canal Futura, em 2017 exibiram a minha entrevista seguida do curta metragem.

Atualmente estou lecionando, entre outras, a disciplina de Artes, a qual tenho certeza que é a protagonista para o crescimento e avanço dos alunos em todas as outras áreas de conhecimento. Pretendo aprofundar, apreciar, estimular em meus alunos o aprendizado específico do teatro que, contudo, perpassa as competências e habilidades necessárias à vida cotidiana, às relações humanas e futuramente ao mundo do trabalho.

A disciplina de arte, especificamente o teatro, pode contribuir de maneira significativa para que isso aconteça. Por isso defendo a presença do teatro na escola, no pátio, na biblioteca, no refeitório das escolas, mas de maneira a permitir que as crianças possam se tornar agentes na construção de conhecimentos teatrais, na experimentação dos diversos

elementos componentes do teatro e na construção das relações entre os colegas por meio do jogo e do lúdico, em processos criativos e não somente na reprodução de modelos prontos, de histórias e formas estabelecidas pelos adultos ou pela cópia e reprodução de televisão e de outros meios. O que acontece, na maioria das vezes, são teatinhos desse tipo em comemorações as datas festivas impostas no calendário escolar. Sem ao menos passar por um processo criativo junto aos alunos.

Ao ingressar no Programa de Mestrado Profissional em Artes, em Rede Nacional (PROFARTES) percebi o quanto a pesquisa é essencial para a minha prática pedagógica. Senti a necessidade de formação, de investir em situações de construção do conhecimento em minha vida para ajudar na formação dos alunos, ajudando-os a serem cidadãos críticos e sensíveis. Não tenho dúvidas que adquiri mais condições e ferramentas para trabalhar melhor com meus alunos, utilizando de subsídios teóricos e práticos. Percebo que os colegas professores relatam muitas dificuldades com a aprendizagem dos alunos, que são “indisciplinados”, que são agressivos com os colegas, que são tímidos para apresentarem trabalhos, seminários, que têm dificuldades de relacionamento com os colegas e com os professores, e esses mesmos profissionais não buscam uma alternativa na arte, no teatro, especificamente nas práticas dos jogos para amenizar ou solucionar tais dificuldades. Atividades em folhas, cópias para pinturas e teatinhos de datas comemorativas é o que se vê nas aulas de artes. Essa observação, justamente, que me permite caracterizar meus objetivos nesta pesquisa, analisar o impacto da prática do jogo teatral na hora do recreio escolar, promovendo uma mudança no convívio entre os alunos.

Mesmo que a escola não tenha o controle absoluto na construção da cidadania, tem, como parte de suas obrigações, o dever de fortalecer a formação ética de seus alunos. Para isso, precisa desenvolver estratégias pedagógicas utilizando-se de outras linguagens mais interessantes, mais dinâmicas, como, por exemplo, a das artes cênicas, empregando novas tecnologias e ferramentas mais próximas do universo das crianças e dos adolescentes. Assim, o problema central da pesquisa que desenvolvi pode ser expresso na seguinte pergunta: Como os jogos teatrais podem contribuir para a harmonia entre docentes e alunos no espaço escolar? Além do problema central, uma questão específica também norteou o desenvolvimento desta pesquisa, conforme expresso abaixo:

A escola é uma célula que depende do organismo social para sobreviver e é justamente por isso que demanda trazer, para dentro de suas fronteiras, temas que, por mais delicados, sejam debatidos. A violência, o machismo, as drogas, o preconceito, entre outros temas transversais precisam ser trazidos para o debate. Os jogos teatrais com sua metodologia,



Foto 1 Frente da Escola M. Cícera S.S. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

temas tão urgentes e atuais em nossa sociedade. Acredito que, por não ser uma escola tão grande, contamos apenas com seis salas de aula, uma diretoria, uma sala de professores, cozinha, três banheiros, um quintal com uma cisterna e um pequeno pátio na entrada com um corredor, temos condições de sempre que preciso reunir os alunos e colocar as questões apresentadas anteriormente em debate. Por ser uma escola pública, facilita ainda mais as parcerias com outros órgãos, como secretaria de saúde e seus profissionais, sendo assim, dando suporte aos 300 alunos matriculados e aos 12 professores que trabalham nessa escola.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental, Ministro Jarbas Passarinho, situada na microrregião do Curimataú ocidental, Estado da Paraíba se localiza à Rua General Humberto de Alencar Castelo Branco, nº 12, no centro da cidade de Barra de Santa Rosa (PB), foi construída no ano de 1970, na administração do senhor Francisco Nunes de Alencar e começou a funcionar no mesmo ano. Ela é regida pela Lei nº 001/96 de 4 de janeiro de 1996. Com a morte da Senhora Cícera da Silva Sousa, em 1 de julho de 2001 ficou o desejo de toda comunidade mudar o nome da escola em sua homenagem, em virtude de anos de trabalho e dedicação ao local. Desta forma em 6 de setembro de 2002 foi apresentada a câmara municipal de Barra de Santa Rosa o projeto de Lei 010/02 que em seu artigo n. 1º diz que o poder executivo está autorizado a modificar o nome da escola Municipal Fundamental Ministro Jarbas Passarinho para Escola Municipal de Ensino Fundamental Cícera da Silva Sousa.

Nessa escola onde acontece o recreio existem algumas regras para serem cumpridas pelos alunos, como, por exemplo, não sair da escola para comprar lanche e entrar e sair da sala assim que o sinal toca. A escola não tem uma infraestrutura apropriada para o número de

sempre abrem espaço para que quaisquer temas, como esses citados, sejam conversados, encenados, debatidos e questionados durante as aulas.

A Escola Municipal Cícera da Silva Sousa, onde aconteceu a pesquisa, assim como toda instituição, seja ela pública ou privada, precisa promover rodas de conversas, diálogos, sobre



Foto 2 Corredor da escola no recreio. Fonte: Acervo pessoal, 2019

alunos matriculados, não há refeitório, por isso os alunos comem a merenda em pé ou nas suas salas, não há auditório, nem quadra. O que realmente há é um pequeno pátio de entrada, como pensam os alunos e funcionários da escola sobre tudo isso, dei início as entrevistas. Os entrevistados foram 7 alunos, uma merendeira, um vigia, duas professoras, um secretário escolar, dois pais, e o gestor escolar. Elaborei algumas perguntas direcionadas ao recreio.



Foto 3 Fila do lanche. Acervo pessoal, 2019.

Primeiro vou analisar como eles avaliaram o recreio. Foram ainda efetuadas observações através de filmagens e relatórios para identificar a distribuição dos alunos pelos diversos espaços de recreio e verificar quais as atividades realizadas pelos alunos nesses espaços.

Apresentei, inicialmente, a primeira questão da entrevista, que trata de como os entrevistados avaliam o recreio da escola. Verificamos pelas respostas dos funcionários, que consideram o recreio como um horário violento, preocupante e que falta uma pessoa específica para dirigir as brincadeiras.

José Clementino, gestor escolar, comentou que:

É um horário complicado que exige bastante atenção de todos os funcionários, a gente sempre fica prestando atenção, porque é um horário onde as crianças saem, querem extravasar sua energia, se batem bastante e é um horário de preocupação pra escola nesse momento. (Depoimento concedido exclusivamente para essa pesquisa).

A maior parte dos alunos entrevistados comentam que o recreio é um horário divertido, cheio de brincadeiras, mas dizem que acontecem brigas e *bullying*¹, na maioria das vezes. A aluna, Pamela Gabriely Sousa Santos, 10 anos de idade, estudante do 5º ano, declarou que o que não gosta da hora do recreio, segundo ela, “[...] é quando os meninos ficam “mexendo” [...]. Não foi a única aluna a falar que prefere até ficar na sala para não ter que passar por isso.

¹ *Bullying* é um termo de língua inglesa (bully=valentão) que se refere as todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor ou angústias, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa. Disponível em: <https://bitly.com/Xx1fE>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Percebi que os conflitos entre os alunos nesse cenário onde ocorre o recreio continuamente permeava meus questionamentos. O diretor da escola me disse que o recreio era violento. Essa também era uma visão comum dos funcionários e alunos. Esse foi um dos pontos que me chamou a atenção: verificando, à primeira vista, o recreio apresentava-se como descrito pelos entrevistados. As brincadeiras envolviam sempre lutas, tanto no pátio da frente quanto no quintal, xingamentos durante as brincadeiras e nas salas, trocas de agressões se via em todos os lugares e muitas correrias no corredor, os alunos ocupam todos os espaços existentes na escola.

Alguns se recusavam ou evitavam alguns ambientes na hora do recreio, pois consideravam violentos, um deles é o corredor de um metro e meio de largura por cinco metros de comprimento. Outros alunos faziam questão de estar nesse lugar, causando maiores desconfortos aos que ali passavam. Empurrando, esbarrando ao correr ou mesmo impedindo a passagem com os braços nas duas paredes.

Essa tomada de posse daquele o espaço escolar me remeteu ao autor Frago (1998, p. 63) a seguinte observação:

Essa tomada de posse do espaço vivido é um elemento determinante na conformação da personalidade e mentalidade dos indivíduos e dos grupos. Por isso o espaço “não é um meio objetivo dado de uma vez por todas, mas uma realidade psicológica viva (FRAGO, 1998, p 63).

Os alunos, como citei anteriormente, referem-se ao espaço do recreio como um lugar divertido para brincar, que nesse horário conhecem melhor os colegas, mas veem muitos participando de alguns conflitos. Eles não negam que existem as brigas e discórdias, mas sabem da importância desse tempo para eles. Precisamos ver que todos esses espaços onde corriqueiramente acontecem essas coisas são espaços educativos. Apesar dos alunos se apropriarem dos lugares citados, durante o recreio, percebo que é um tempo/lugar improdutivo para os alunos, que se comportam como reprodutores de um sistema de regras e normas de conduta socialmente não adequadas, imprimindo-lhe outro sentido.

É nítido que todos veem que o recreio é violento, que acontecem tantos conflitos, a prova são as inúmeras ocorrências na secretaria da escola, as queixas dos alunos e dos funcionários, mas não há uma alternativa para que isso seja sanado ou ao menos estratégias para entender e diminuir a violência. O que observo é que além das punições e das lamentações para o que acontece no recreio, nada mais é feito para evitar ou controlar a

violência durante o recreio. Foi através dessas observações que iniciei minhas anotações dando a elas um caráter de experiência. Sempre ao iniciar minhas aulas, religiosamente, começávamos com os jogos teatrais, só depois dessa atividade inicial era que dava continuidade aos conteúdos programáticos.

Com essa iniciativa, aos poucos, os alunos foram aprendendo a escutar os argumentos dos outros, a esperar sua vez de falar, a aceitar críticas e a criticar sem ser ofensivo nas palavras. Como estava surtindo efeito em sala de aula, iniciei o processo de observação desses alunos no recreio. Eles raramente estavam envolvidos em conflitos, quando estavam, eram para ajudar na situação. Animada com as respostas da experiência na sala e no recreio, dei início a pesquisa. Ouvir os alunos, pais, professores e demais funcionários da escola foi uma das primeiras etapas.

1.1 Prólogo

Durante as entrevistas para a pesquisa, os alunos contaram muitas histórias que viram no recreio e, apesar da existência de um roteiro semiestruturado de perguntas, o encontro alimentava e enriquecia as questões para a entrevista seguinte, com outros alunos. Era possível perguntar sobre as ações dos alunos no recreio e em sala de aula e depois comparar narrativa e ação com as observações que fizemos em alguns intervalos. A disponibilidade e confiança dos alunos em falar sobre si mesmos surpreenderam e proporcionaram um material muito elucidativo para a construção de um diálogo com os registros de campo. Minha impressão é a de que as entrevistas foram, para os alunos, um momento de reflexão sobre o que viam e viviam no recreio. Para mim foram esclarecedoras as análises que esbocei sobre os significados de suas práticas.

Essas ações conflituosas, que os alunos descreveram e disseram ter visto no recreio, podem ser definidas em três segmentos: 1) atividades agitadas (como correrias, pega-pegas e perseguições); 2) cenas de invasão (em que alunos de um sexo invadiam os espaços e as brincadeiras em desenvolvimento por um grupo de outro sexo) e; 3) hostilizações verbais ou físicas, que incluíam os xingamentos emitidos e os tapas seguido de “bofetes”, como relatou a merendeira Patrícia Suzyane de Lima Almeida, durante a entrevista exclusiva para essa pesquisa. Agressividade e violência permeiam os conflitos entre seres humanos e não seria

diferente entre os alunos, o que tem motivado muitos estudos sobre o desenvolvimento infantil.

Todo conflito implica, portanto, oposição e luta, e vem carregado de agressividade. Nas falas, os alunos muitas vezes se comportam assim, com agressividade, para se defenderem das ameaças que sofrem por parte dos outros alunos, enquanto alguns preferem se excluir do recreio para não passar por esses constrangimentos. Mas não poder participar efetivamente do recreio e das brincadeiras por medo de passar por conflitos, aumenta o fato da opressão e consequentemente de opressores. Todos os alunos precisam fazer uso do espaço escolar que lhe é de direito.

Cena da vida cotidiana

Registro do Diário de Campo (DC): Dia 31 de maio de 2019: Hoje fui só para fotografar o espaço do recreio. Quando terminei os registros, bem na minha saída, vejo na secretaria escolar Priscila (Secretária) levando o aluno Roanderson para uma conversa. Fui até a sala para conhecer o teor da conversa. Priscila falou que Roanderson tinha batido com socos e pontapés em outro aluno. Nesse momento a professora dele ia saindo da sala e contou que o comportamento de Roanderson estava “insuportável, dentro e fora da sala”, que ele mexe com todos os outros, briga todos os dias e é inquieto. Roanderson apenas ouvia. Só falou quando a professora perguntou se era mentira o que ela tinha dito sobre ele, que confirmou com a cabeça e em seguida disse: “Eu bato mesmo, eles mexem comigo todo dia e vocês não resolvem mesmo”.

Essa ocorrência com o Roanderson e outros alunos por meio de tapas e xingamentos ou provocações são comuns na escola pesquisada. Na situação relatada do diário de campo, a briga inicial é vista de modo ambíguo em sua agressividade, já que segundo o Roanderson o outro aluno também batia nele, o que o fazia retrucar, já que ninguém fazia nada para aquilo não acontecer. Para a direção, tudo se “resolia” naquele momento com uma conversa, cheia de sermões e punições. Ficar sem recreio nos próximos dias era o castigo mais aplicado.

Todos os entrevistados presenciaram, mais de uma vez, esses tipos de confusões no recreio. A professora Kátia contou que esses ocorridos interferem na sala de aula, porque quando os alunos voltam do recreio se queixam que apanharam por um motivo e outros dizem que bateram por outro motivo. O que, segundo a professora, leva alguns minutos até “voltar a

aula normal”. O que seria voltar a aula ao normal? Aquelas conversas não seriam parte também da aula? Esse distanciamento que os professores tomam só aumentam as ocorrências, pois não percebi uma aproximação com os fatos e nem com os envolvidos neles.

Infelizmente, como bem fala Gonçalves (2014, p. 35), “[...] o cotidiano da escola está repleto de tensões, distanciamento de pessoas, cada vez mais, de situações geradoras de feedbacks [...]”. As pessoas atualmente têm cada vez mais se distanciado umas das outras, dificilmente conversam ou tem momentos de distração. No ambiente escolar não é diferente, continuam com o mesmo comportamento, embora haja alunos que ainda resistam ou insistam com esses procedimentos, de querer se expressar pela conversa, procurando o colega ou o professor para interagir com elas, mas muitos não estão abertos para essa acolhida.

Será bem mais fácil quando todos estiveram dispostos, e cada aula será um reencontro de aprendizado e experiência significativa. A autora Gonçalves (2014, p. 35) acrescenta que a vida na escola, “[...] que hoje é tensa e repleta de processos agressivos, pode ter o sabor do reencontro, do canto, da conversa, do trabalho, da brincadeira, da leitura, da escrita, do desenho, do cálculo, do relaxamento”. Mas, para estar disponível a esses reencontros, temos que entender que tudo isso se inicia pelo movimento de cada um e assumir o impulso da transformação.

1.2 I Ato

Diante das quatorze pessoas entrevistadas sobre o porquê o recreio da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Cícera da Silva Sousa é tão violento, percebemos que eles tentam dar uma resposta ao que seriam as causas de tudo isso. Cada um com sua visão. Em entrevista exclusiva para a pesquisa o vigia Ermerson de Azevedo Ribeiro comentou que:

[...] Os alunos vivem no meio da violência, então reflete na escola. Como eu já vi um aluno pegar um livro e dizer que é uma arma, fazer de arma, atirar, eu acho que deve ser o meio [...]. (Vide anexo: Entrevista realizada com o vigia Emerson de Azevedo Ribeiro, segunda feira, 2 de abril de 2019).

Existe algo, porém, a indagar na visão do vigia escolar: O que significa dizer que o que acontece no recreio é causa do meio onde vivem? É nesse momento que o pensamento de

Gonsalves (2014, p. 41) surge relevante quando diz que: “[...] cabe a educação criar novos espaços e tempos para que as pessoas possam sentir que o caminho do cuidado e da afetividade pode ser vivido e não apenas esperado [...]”.

A escola pode criar esses novos espaços para os alunos, professores e todos da comunidade escolar, e criar uma prática de afetividade saudável. Percebo que nas aulas em que são ministrados jogos teatrais, os alunos se comportam de maneira diferente. Eles não usam de agressividade para resolverem seus conflitos, o que antes era corriqueiro acontecer. Eles conseguem ouvir o próximo, falar no seu tempo e respeitar os combinados da sala, que vão de não brigar a pedir desculpas caso tenham considerado que magoou o próximo.

Percebo que as regras de convivência social são claras e justas, os alunos conseguem incluir, na maioria das vezes, os relatos deles nos jogos teatrais. Não se tem nenhuma ocorrência de alunos que brigaram nessas aulas. Se são os mesmos alunos, por que se comportam de maneiras diferentes? Acredito que a arte tem esse poder transformador, principalmente o teatro, como se refere Spolin (2008, p. 33) “[...] acredite no foco do jogo e observe a superação da rotina [...]”.

Com essa afirmação de Spolin (2008, p. 33) em mente, descrevo a seguir cada oficina/aula que realizei com o grupo focal, acreditando que os jogos podem sim mudar a rotina do recreio escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cícera da Silva Sousa. Os vinte alunos que participaram do grupo focal são matriculados pela manhã e frequentam em horário oposto as oficinas/aula, sendo as segundas, quartas e sextas feiras. Às terças e quintas feiras, pela manhã, frequentei o recreio para observar os alunos e consequentemente tudo o que acontecia no recreio.

Eu sempre chegava primeiro que os alunos, conforme os jogos escolhidos para aquele dia. Eu organizava o espaço onde iria ocorrer o encontro, e aquele variava bastante, pois, usávamos sala de aula, corredor, quintal ou pátio. Depois que eles chegavam, fazíamos uma roda, sentávamos no chão e iniciávamos uma conversa, em que várias questões eram expostas por eles e por mim. Falávamos sobre acontecimentos particulares, da escola, dos jogos passados, do recreio e dos combinados para o encontro.

Depois dávamos início aos jogos e ao terminá-los fazíamos uma criação artística com os temas abordados na roda de conversa, escolhíamos e combinávamos com uma professora para apresentarmos para a sala de aula dela a criação resultante. Terminávamos sempre em outra roda de conversa, avaliando o encontro, colocando em questão se todos conseguiram alcançar o objetivo da oficina/aula daquele dia específico. Todos os encontros se basearam

neste princípio, então aqui neste capítulo, detalharei apenas e exclusivamente os procedimentos de cada jogo teatral trabalhado, mais adiante volto com outras questões, tais como as regras dos jogos, os objetivos, procedimentos, avaliação do encontro e reflexões.

No tema Relacionamento usei o livro de Boal (2015), intitulado *Jogos para atores e não atores* do qual escolhi seis jogos para trabalhar essa temática.

1º O ponto, o abraço e o aperto de mão: Pede-se que cada aluno fixe atentamente os olhos em algum ponto da sala, que pode ser uma janela, uma marca na parede etc. Em seguida, fechar os olhos e tentar caminhar até o ponto escolhido. Se, na sua caminhada, o aluno esbarrar em outro aluno e sair de sua trajetória, deve-se corrigi-lo. Após algum tempo, o professor dirá que abram os olhos e que se localizem na sala: quem está próximo do ponto que fixou? Quem está longe? Tenta-se uma segunda vez: os que conseguiram se aproximar ou mesmo tocar o ponto devem escolher outro ponto mais distante, e os que ficaram longe, um ponto mais fácil.

Logo após, os alunos formam duplas e se abraçam. Fecham os olhos e se separam, caminhando para trás, até que encontrem um obstáculo ou após determinado número de passos. Devem então retornar e tentar abraçar novamente o mesmo companheiro. Deve-se fazer este exercício pelo menos duas vezes, trocando de parceiros. Finalmente, a versão mais difícil. Em duplas, os alunos se dão as mãos, fecham os olhos, afastam-se mantendo as mãos estendidas na mesma posição, caminham para trás até encontrarem um obstáculo, retornam e tentam apertar-se novamente as mãos.

Este exercício tem duas variantes, a primeira é que um aluno se ajoelha com um joelho no chão e o outro levantado. A sua dupla se senta de olhos fechados no joelho levantado. O professor conta até sete, e enquanto isso o cego se levanta e dá sete passos para a frente. Então o professor conta de sete até um, e o cego deve dar sete passos para trás e sentar na perna da mesma pessoa.

A segunda variante é que os alunos que estavam sentados e os que estavam de joelhos devem se levantar, de olhos fechados. O professor conta de um até cinco, e o que estava sentado deve andar cinco passos para frente, e o que estava ajoelhado cinco passos para trás. Então o professor conta de trás para a frente, de cinco até um, e a dupla deve tentar voltar a se sentar na posição original.

2º Floresta de sons: O grupo se divide em duplas; um parceiro será o “cego” e o outro, o “guia”. Estes fazem sons de um animal (gato, cachorro, passarinho ou qualquer

outro), enquanto seu parceiro escuta com atenção. Então, os cegos fecham os olhos e os guias, ao mesmo tempo, começam a fazer outros sons, que devem ser seguidos pelos cegos. Quando o guia para de fazer o som, o cego também deve parar. O guia é responsável pela segurança do parceiro (cego) e deve parar de fazer sons se o seu cego estiver prestes a esbarrar em outro ou bater em algum objeto. O guia deve mudar constantemente de posição. Se o cego for bom, se segue os sons com facilidade, o guia se mantém o mais distante possível, com a voz quase inaudível. O cego deve se concentrar somente no seu som, mesmo se ao seu lado houver vários outros. O exercício tem como objetivo despertar e estimular a função seletiva da audição.

Variante Julián: Em círculo, os alunos são numerados, um ou dois, em sequência: 1, 2, 2, 1, 2... Cada aluno de número 1 se coloca face a face com o aluno número 2 à sua direita e produz um som que o outro de número 2 deve reconhecer. Volta para seu lugar. Cada aluno número 2 se coloca face a face com o aluno número 1, à sua direita, isto é, formando uma dupla diferente da primeira e produzindo um som que o companheiro deve identificar. De volta aos seus lugares de olhos fechados, os alunos se dão as mãos e tentam sentir, para posteriormente reconhecer, as mãos dos companheiros à direita e a esquerda. O professor dá o sinal e o círculo se rompe: os alunos realizam um ziguezague para se “baralharem”. A outro sinal do professor todos emitem o som que criaram diante do companheiro à sua direita e tentam escutar o som feito por ele que veio da sua esquerda. Quando reconhece o som do seu guia, o cego segura a sua mão e começa a reconstruir o círculo original. Os alunos só abrirão os olhos quando suas duas mãos estiverem ocupadas: descobriram e foram descobertas.

3º A viagem imaginária: Em duplas. O “cego” deve ser conduzido pelo seu “guia” através de uma série de obstáculos reais ou imaginários, como se os dois estivessem em uma floresta, em supermercado, na Lua, no deserto do Saara ou em outro cenário real ou imaginário que o guia tenha em mente. Como em todos os exercícios desta natureza, falar é proibido; toda informação deve ser passada de contato físico e dos sons. Sempre que possível, o guia deve fazer os mesmos movimentos de cego, ao imaginar a mesma história.

O guia deve espalhar obstáculos por toda a sala: cadeiras, mesas, tudo que estiver disponível, às vezes os obstáculos serão reais e às vezes serão imaginários. O cego deve tentar imaginar onde está. Por exemplo, um rio? Um rio com jacarés? Pedras? O guia pode usar o contato físico, a respiração ou sons como forma de guiar; o cego por sua vez, não poderá fazer nenhum movimento que não lhe tenha sido ordenado ou sugerido. Depois de alguns minutos, os exercícios acabam e o cego relata ao guia onde ele crê que os dois estiveram na sala, objetivamente, quem estava próximo a eles etc. Em resumo, deve dar informações reais que

percebeu com os seus sentidos, exceto a visão. Depois das informações objetivas, os cegos dizem por onde acreditam que viajaram: contam a viagem inventada. Os guias contam, então, suas histórias e eles as compararam.

4º Fila de cegos: Duas filas, face a face. Os alunos fecham os olhos e, com as mãos, devem examinar o rosto e as mãos dos atores à sua frente, na outra fila. Estes, em seguida, se dispersarão na sala, e os “cegos” deverão encontrar a pessoa que estava à sua frente, tocando faces e mãos.

Variante: Um exercício de tato e imagem. As pessoas que estiverem de olhos abertos devem fazer estátuas, individualmente, com seus corpos. Os alunos da fila dos cegos devem tocar, por alguns minutos, os contornos das “estátuas” dos alunos correspondentes a eles, na outra fila. Depois retornam aos seus lugares e refazem as estátuas com seus próprios corpos-imagem especular, isto é, como se fossem imagem do espelho. Abrindo os olhos, compararam as duas estátuas.

Variante Hamlet: Os alunos que fazem as imagens pensam em fazê-las com personagens de Hamlet (ou qualquer outra peça), e os alunos que reproduzem as imagens, depois devê-las, devem dizer a que personagem correspondem e a que cenas de peça.

5º O vampiro de Estrasburgo: O título é angustiante. O exercício também. Todos caminham pela sala, sem se esbarrar, olhos fechados e as mãos cobrindo os cotovelos, como proteção. O professor tocará o pescoço de alguém, que passa a ser o primeiro “vampiro de Estrasburgo”: seus braços se esticarão para frente, ele dará um grito de horror, e doravante procurará um pescoço para vampirizar. O grito dado por ele permitirá aos outros saberem onde está o vampiro e tentar escapar.

O primeiro vampiro encontrará outro pescoço e fará a mesma coisa que o professor lhe fez: um suave toque no pescoço, com as duas mãos. O segundo vampiro dará igualmente um grito de horror, esticando os braços, e então serão dois vampiros, depois três, quatro etc. Pode acontecer de um vampiro vampirizar outro vampiro; nesse caso, o segundo se reumanizará e dará um grito de prazer; isso indica que alguém se reumanizou ali perto, porém indica também que há um vampiro ao seu lado. Devem-se, então, evitar as regiões mais infestadas de vampiros.

É curioso (e bastante compreensível) que os participantes encontrem certo alívio em serem vampirizados, quando, ao invés de fugir, passarão a perseguir. É o mesmo mecanismo do oprimido que se torna opressor. E muito mais rico que isso. De um lado, o oprimido torná-

se “vampiro”: ele escapa à sua opressão, à sua dor, à sua angustia. Deixa de ser vítima e torna-se algoz. Por outro lado, desenvolve em si o mecanismo de luta - sente que toda situação opressiva pode ser rompida, quebrada. As duas situações andam lado a lado.

6º O carro cego: Uma pessoa atrás da outra. A da frente é o “carro cego”. Por trás, o motorista guiará os movimentos do carro cego, pressionando os dedos no meio das costas (o carro segue sempre reto), no ombro esquerdo (virar à esquerda – quanto mais perto do ombro, mais fechada será a curva), o ombro direito (similar), ou com uma mão no pescoço (marcha ré). Como muitos carros cegos circularão ao mesmo tempo, é preciso evitar colisões. O carro deve parar quando o motorista parar de tocá-lo. A velocidade será controlada pela maior ou menor pressão dos dedos nas costas. Com o tema espontaneidade escolhi seis jogos do livro de Viola Spolin, jogos teatrais na sala de aula (2008), que foram:

1º Jogos do onde: Antes de apresentar os jogos do “Onde” faça um debate com o grupo sobre os seguintes tópicos: “Como você sabe onde está?”. Caso não obtenha uma resposta, experimente outra abordagem.

- “É verdade que você sempre sabe onde está?”.
- “Não. Às vezes você não sabe onde está”.

“É verdade. Você pode estar em um lugar pouco familiar. Como sabe que não é familiar? Como sabe quando está em um ambiente familiar? Como sabe onde estar em cada momento do dia?”.

“Você sabe simplesmente”. “Não dar para explicar”. “Há sinais”.

“Como você sabe que está na cozinha?”.

“Você pode sentir cheiro da comida”.

2º Siga o seguidor: Formar duplas, com uma plateia. Um jogador é o espelho, o outro o gerador dos movimentos. O professor inicia o jogo de espelho normal e então diz: “Mudança” para que os alunos invertam as posições. Essa ordem é dada a intervalos. Quando os alunos estiverem iniciando e refletindo com movimentos corporais amplos, o professor dá a instrução “os dois espelham! Os dois iniciam! ”. Os alunos, então, espelham um ao outro sem iniciar. Isso é capcioso – os alunos não devem iniciar, mas devem seguir o iniciador. Ambos são, ao mesmo tempo, o iniciador e o espelho (ou seguidor). Os alunos espelham a si mesmo, sendo espelhados.

Pedir aos alunos para espelharem e iniciarem apenas quando estiverem fazendo movimentos corporais amplos. Esse exercício pode confundir no início, mas permaneça jogando. Quando o aluno espelha o outro, haverá naturalmente variações corporais, devido as diferentes estruturas corporais. Assim os alunos espelham a si mesmos sendo espelhados.

3º Jogos com o “Que”: Dividir o grupo em dois grupos iguais. Cada grupo entra em acordo secretamente sobre alguma coisa para comer ou cheirar, sentir, olhar, etc. Então, executa-se o jogo Três Mocinhos de Europa, sendo que os alunos devem comunicar o que estão comendo etc. em vez de uma profissão. Se não for possível jogar com pegador, o primeiro grupo fica de frente para o grupo de alunos na plateia e cada aluno em cena comunica, à sua maneira, o que está comendo, bebendo, ouvindo, etc. Em vez de pedir que adivinhem, solicite para que os alunos saiam correndo, os alunos na plateia se reúnem e entram em acordo sobre o que estava sendo comunicado. O professor pode transformar esse jogo fazendo contagem de pontos.

* Notas:

1. Não deve haver diálogo entre os alunos. Os alunos jogam individualmente, agrupados.
2. Mesmo sem diálogo, os alunos podem contar fazendo movimentos físicos óbvios. Os alunos mostram quando estão focalizados naquilo que deve ser comunicado.

Sublinhe que quando o foco estiver completo, os alunos na plateia podem ver o que está sendo comido, bebido, etc.

4º Três mocinhos de Europa: os jogadores dividem-se em dois grupos iguais e formam duas fileiras paralelas. O primeiro grupo decide-se por uma profissão ou ocupação a ser mostrada e então se dirige ao outro time enquanto o seguinte diálogo é realizado:

- Primeiro grupo: Somos três mocinhos que viemos da Europa.
- Segundo grupo: O que vieram fazer?
- Primeiro grupo: Muitas coisas bonitas
- Segundo grupo: Então faz para a gente ver!

O primeiro grupo aproxima-se do segundo o mais próximo que ousar e, então, mostra a sua profissão ou ocupação dentro da área de atuação, delimitada como pique dos grupos A e B. O grupo A atua diante do pique B e os jogadores estão salvos ao voltar (jogo de pegador) para o seu pique. Cada jogador atua individualmente. O segundo grupo procura identificar o

que está sendo mostrado e quando alguém identifica corretamente, o primeiro grupo corre para seu pique, enquanto o segundo procura pegar o maior número de jogadores que puder.

Todos que forem pegos entram para o grupo dos pegadores. O segundo grupo escolhe uma profissão e o diálogo é repetido, seguido da atuação, como anteriormente. Ambos os lados possuem o mesmo número de partidas e aquele que tiver o número maior de alunos ao final é vencedor.

*Notas:

1. Variações desse jogo podem ser aluno com animais, flores, árvores e objetos no lugar de profissões.
2. Este jogo pode ser mais facilmente realizado em ambientes internos se, em vez de correr para o pique, o primeiro time se agacha quando a profissão é adivinhada. Caso um aluno seja pego antes de conseguir se agachar, ele está pego.

5º Identificando objetos: Os alunos ficam em pé em círculo. Um deles é chamado para o centro, e fica com as mãos para trás, de olhos fechados. O professor põe um objeto real na mão do aluno. Usando apenas o sentido do tato, o aluno deve identificar o objeto. Quando o aluno identificar o objeto, poderá olhar para ele. Então outro aluno é chamado para o centro e recebe um novo objeto para identificar.

*Notas:

1. Façam as perguntas apenas se o aluno estiver perdido ao descrever o objeto (para que serve? É quente ou frio? É feito de quê?).
2. Escolha objetos que são reconhecíveis, embora não usados todo dia (ficha de pôquer, carta de baralho, apontador de lápis, pentes, borracha, maçã etc.).

6º Mostrando o Quem através de um objeto: Dois alunos entram em um acordo sobre um objeto que irá mostrar quem eles são. Eles utilizam o objeto em uma atividade.

Exemplo: Quem: um professor e um aluno; objeto: um giz.

A escreve um problema de matemática com uma solução incorreta na lousa. B chacoalha a cabeça, apaga a solução e escreve uma nova. A diz “Ah sim, agora aprendi! ”.

*Nota: Os alunos não devem planejar com antecedência Onde, Quem, O Que. Eles apenas definem o quem é o objeto, mas devem manter o foco no problema a ser solucionado no jogo.

Segue abaixo a descrição dos jogos que trabalham com a imaginação. São cinco exercícios do livro de Boal, *Jogos para atores e não atores* (2015):

1º Memória - Lembrando ontem: Os alunos devem se sentar calmamente em cadeiras, completamente relaxados. Devem mexer lentamente cada parte de seus corpos, ininterruptamente, e tomar consciência de cada parte isolada, com os olhos fechados. Em seguida o professor deve começar a encorajá-los a lembrar tudo que aconteceu na noite anterior, antes de irem para a cama. Cada detalhe deve vir acompanhado de sensações corporais, gosto, dor, sensações tátteis, formas, cores, traços, profundidade, sons, timbres, melodias, ruídos etc., que o aluno descreverá. O aluno deve fazer um esforço especial para lembrar das suas sensações corporais e deve tentar experimentar de novo. Para facilitar, deve tentar mexer repetitivamente a parte do corpo que se relaciona com a coisa imaginada; se ele pensa no gosto de alguma comida que experimentou, moverá a boca, os lábios e a língua. Se pensa num banho que tomou, moverá todo o seu corpo, tentando sentir sua pele que esteve em contato com a água; se pensa em uma caminhada, moverá os músculos de suas pernas e pés.

Depois disso, o professor continuará levando os alunos a lembrar o que aconteceu com eles nessa manhã. Como acordaram? Com o despertador? Alguém os acordou? O som do despertador, a voz de uma pessoa, como eram esses sons? O professor pedirá que descrevam, o mais minuciosamente possível, o rosto da primeira pessoa que viram, os detalhes do quarto onde estavam dormindo, da sala onde tomaram café; traços, cores, sons, timbres, melodias, ruídos, odores, gostos, etc.

Na sequência, o meio de transporte que usaram, carro, ônibus, bicicleta, o som de uma porta fechando, seus companheiros de viagem etc. Sempre buscando detalhes, os menores detalhes das impressões corporais, e sempre os menores movimentos das partes concernentes, que devam acompanhar a memória.

Finalmente, a sua chegada na sala em que estão. O que viram primeiro, que voz ouviram primeiro? Uma descrição sensorial da sala, com todos os detalhes possíveis. Agora onde estão? Ao lado de quem? Como estão vestidos os outros? Que objetos existem na sala? Só então devem abrir os olhos e comparar.

2º Memória e emoção: Lembrando um dia do passado: É o mesmo exercício, mas talvez ontem ou pela manhã nada de importante tenha acontecido, portanto, cada um deve ter ao seu lado um “copiloto”, a quem contará um dia do seu passado (da semana passada ou do passado), quando alguma coisa verdadeiramente importante aconteceu, qualquer coisa que o

tenha marcado profundamente e que a simples lembrança, mesmo hoje, ainda provoque uma emoção.

Enquanto ele ouve, o copiloto desenvolve suas próprias imagens. Ele deve ajudar a pessoa a ligar a memória das sensações perguntando, propondo várias questões relacionadas aos detalhes sensoriais. O “copiloto” não é um voyeur; ele deve aproveitar o exercício para tentar criar na sua imaginação também o mesmo conhecimento, com os mesmos detalhes, com a mesma emoção, as mesmas sensações – que não serão as mesmas, que são dele próprio.

3º Lembrando uma opressão atual: Mesmo exercício. Agora o “copiloto” deve somente sugerir possíveis ações capazes de eventualmente ajudar a quebrar a opressão que está sendo contada. É o protagonista que na sua imaginação, mesmo sob as indicações do “copiloto”, deve quebrar essa opressão.

4º Ensaio da imaginação em cena: Tudo que veio em um episódio imaginado deve ser imediatamente representado em cena. Os outros alunos ajudam a protagonista, e o “copiloto” age como professor; o protagonista tenta realizar fisicamente tudo o que está passando pela sua imaginação. Os demais devem usar as mesmas palavras e os mesmos objetos imaginados pelo protagonista. Tenta-se mostrar o sonho, assim como as imagens contadas nos exercícios anteriores.

5º Extrapolação: Nos exercícios anteriores, estimula-se sobretudo a ficção; porém, o verdadeiro objetivo, quando se usa as técnicas do teatro do oprimido é a extração da vida real pelas soluções e alternativas encontradas na imaginação e ensaiadas em cena. Este prolongamento, contudo, depende de cada aluno e de seu desejo de intervir na própria realidade. Então coloca-se em cena uma história contada ou um pedaço de cada uma, dando outro final, outra solução, ou soluções.

Por último, escolhi ainda do livro de Boal mais seis jogos com o intuito de desenvolver a observação, que foram eles:

1º O espelho simples: Duas filas de participantes, cada um olhando para a pessoa que está a sua frente fixamente, olho no olho. As pessoas da fila A são designadas como “sujeitos” e na fila B, como “imagens”. O exercício começa e cada sujeito inicia uma série de movimentos e de expressões fisionômicas, em câmera lenta, que devem ser reproduzidos nos mínimos detalhes pela imagem que tem a frente.

O aluno não deve considerar-se inimigo da imagem: Não se trata de uma competição, de fazer movimentos bruscos, impossíveis de serem seguidos, trata-se, pelo contrário, de

buscar a sincronização de movimentos e a maior exatidão na reprodução dos gestos do sujeito por parte da imagem. A exatidão e a sincronização devem ser de tal ordem a ponto de que um observador exterior não seja capaz de distinguir quem origina os movimentos e quem os reproduz. É importante que os movimentos sejam lentos (para que possam ser reproduzidos e mesmo previstos pela imagem) e também contínuos. É igualmente importante que se preste atenção aos mínimos detalhes, seja de todo corpo, seja da fisionomia.

2º Aluno e imagem trocam os papéis: Depois de alguns minutos, o professor anuncia que as duas filas mudarão de função. Precisamente nesse instante, os participantes sujeitos transformam-se em imagens, e estas naqueles. Isso deve ser feito sem quebra de continuidade e com precisão. Quando se atinge a perfeição, o próprio movimento que estava sendo realizado no instante da troca deve continuar a seguir um rumo coerente, sem quebra, sem ruptura. Também aqui o observador exterior não deve ser capaz de perceber que houve uma troca; isso na verdade, ocorre sempre que a perfeição da reprodução e a sincronização gestual são totais.

Ambos são sujeitos e imagem: alguns minutos mais e o professor anuncia que os participantes das duas filas serão simultaneamente imagem e sujeito e, alguns instantes depois, dá o sinal para que isso se reproduza. A partir daí os dois participantes, face a face, têm o direito de originar qualquer movimento que desejem produzir os movimentos originados pelo companheiro. Isso deve ser feito sem tirania de nenhum dos dois. É importante que cada um se sinta livre para fazer os movimentos que tiver vontade, e ao mesmo tempo, solidário para que os movimentos do companheiro sejam reproduzidos com perfeição. Liberdade e solidariedade são indispensáveis para que se façam os exercícios sem tirania, sem opressão. Em toda essa sequência, ninguém deve fazer movimentos impossíveis de serem reproduzidos. A velocidade não é importante, é até contraproducente. Importante são a sincronização e a perfeição da reprodução.

Até este momento, a comunicação é exclusivamente visual e a atenção de cada participante deve concentrar-se apenas no companheiro em frente, sobretudo nos olhos e, em círculos concêntricos, em todo o seu corpo. Os alunos não devem olhar pés e mãos: olham nos olhos, mas o resto do corpo, assim como outros espaços, está naturalmente incluído em seu campo visual.

4º O escultor toca o modelo: Duas filas, uma pessoa diante da outra. Uma das filas é de “escultores” e a outra, de “estátuas”. Começa o exercício e cada escultor trabalha como a estátua que deseja. Para isso, toca o corpo da estátua, cuidando de produzir os efeitos que

deseja nos seus mínimos detalhes. Os escultores não podem usar a linguagem do espelho, isto é, não podem mostrar no próprio corpo a imagem ou a figura que gostariam de ver reproduzida, aqui não intervêm o mimetismo, a reprodução, pois esse não é o diálogo do espelho, mas da modelagem.

Portanto, é necessário tocar, modelar e, a cada gesto do escultor, corresponderá um gesto em consequência, a cada causa, um efeito que não é idêntico. No diálogo dos espelhos, as duas pessoas estão sempre, sincronicamente, fazendo o mesmo gesto; no diálogo da modelagem, ainda que sincronicamente, farão gestos complementares.

O professor deve sugerir que este primeiro exercício dure o tempo necessário (dois ou três minutos, ou mais, dependendo dos participantes, da atmosfera criada etc.) para que o escultor e o modelo se compreendam, para que os gestos do escultor, vistos e sentidos, possam ser facilmente traduzidos pela estátua.

5º Escultura com quatro ou cinco pessoas: Até o exercício anterior, era ininterrupta. Cada exercício deveria suceder ao anterior sem interrupção e a transição era, em si mesma, tão importante como o exercício propriamente dito. Aqui, rompe-se a continuidade. Os participantes dividem-se em grupos de quatro ou cinco. Um escultor e os demais são modelos. Cada escultor produz, com o corpo dos companheiros, uma imagem significativa. Como se dissesse: “É isto que eu penso”. Quando termina de visualizar sua opinião, toma o lugar de um dos companheiros, que sai e se transforma em escultor. Este começa a trabalhar como se dissesse: “isto é o que você pensa, mas veja o que eu respondo”. E, a partir da imagem recebida, modificando-a, modela a imagem que simboliza seu pensamento, organiza o corpo dos companheiros num só modelo múltiplo que tenha o significado que deseja. Tudo isso é feito sem que o escultor toque seus modelos; os movimentos são feitos à distância, vistos, mas não sentidos, e são traduzidos pela sensibilidade de cada modelo que age como se estivesse realmente tocado. O processo continua até que o último participante tenha dado sua opinião visual.

6º Os escultores fazem a mesma escultura: Afastando-se o mais possível e dentro de uma sala em que superpõem modelos e escultores, e onde a visibilidade é obstruída, os escultores tentam relacionar seus modelos uns aos outros, dentro de um só modelo multiforme, procurando dar-lhe um sentido, uma significação que pode ser proposta pelo diretor. Em nenhum destes jogos que realizamos nas oficinas/aulas aconteceram brigas ou desavenças entre os alunos, agiam conforme o combinado na roda inicial de conversa, cumprindo o foco do jogo teatral. Permitir que todos os alunos joguem e descubram as

possibilidades que o teatro oferece, como escutar o outro, esperar sua vez, aprender fazendo entre outras coisas que os jogos teatrais têm como metodologia, teve uma contribuição enorme no comportamento desses alunos, na sala e no recreio escolar.

1.3 II Ato

Para entendermos o recreio é necessário trazer o significado da palavra, que encontra como raiz o termo recreação. Segundo Ferreira (1999, p. 1721) recreio é um “[...] período para se recrear, como, especialmente, nas escolas, o intervalo entre as aulas [...]”. Imaginando desta forma o autor se refere a este momento como um espaço de descontração e realização pessoal, onde cada aluno de maneira distinta tenta divertir-se e descontrair-se por alguns minutos. O que vem, de acordo com Cavallari (1994, p. 15), que o recreio é o “[...] momento, ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele se satisfaz (sacia) seus anseios voltados ao seu lazer [...]”.

O recreio da Escola Municipal de Ensino Fundamental, Cícera da Silva Sousa, tem duração de quinze minutos. Nesta instituição de ensino, esse tempo não é contabilizado na carga horária do ano letivo, que é de 800 horas, a não ser que esteja previsto no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, mas, em nenhum momento, esse tema recreio escolar é enfatizado no documento, mesmo sabendo que merece importância, devido aos acontecidos relatados anteriormente. No que se refere ao recreio existe um trecho que foi aprovado, por unanimidade, pela Câmara de Educação Básica (CEB), em 2003, no processo n. 23001000204200214. O parecer CEB, n. 02/2003, explica que:

As atividades escolares se realizam na tradicional sala de aula, do mesmo modo que em outros locais adequados a trabalhos teóricos e práticos, a leituras, pesquisas ou atividades em grupo, treinamento e demonstrações, contato com o meio ambiente e com as demais atividades humanas de natureza cultural e artística, visando à plenitude da formação de cada aluno. Assim, não são apenas os limites da sala de aula propriamente dita que caracterizam com exclusividade a atividade escolar de que fala a lei. Esta se caracterizará por toda e qualquer programação incluída na proposta pedagógica da instituição, com frequência exigível e efetiva orientação por professores habilitados. Os 200 dias letivos e as 800 horas anuais englobarão todo esse conjunto. Fica muito claro que, caso alguma atividade não esteja incluída na proposta pedagógica da instituição, a mesma não poderá ser computada no cálculo das horas de efetivo trabalho escolar. Do mesmo modo, a efetiva orientação por professores habilitados é condição indispensável para a caracterização de horas de efetivo trabalho escolar (PARECER CEB 02/2003).

Então, o que acontece na Escola Cícera da Silva Sousa é a ausência dos professores no horário do recreio, porque como este não está incluído nas horas atividades eles não são obrigados a participar. Restando apenas ouvir as lamentações dos alunos quando voltam para as salas de aula. Durante essas queixas alguns professores aconselham, aos alunos para não se envolverem em confusão. Esse tipo de atitude, de aconselhar aos alunos, se tornou frequente, mas o que observei foram conflitos entre os alunos se tornando mais intensos. Essa rotina entre recreio e lamentações, após o término dele, dificilmente ajudou nos relacionamentos entre os alunos. Vi algumas poucas vezes colegas pedindo para não entrarem em discussão, dizendo que podem ir para secretaria ficarem de castigo. Outros entravam na briga para poder acabar com aquela situação. Quanto aos funcionários, três são distribuídos pelo espaço escolar para vigiar, um no corredor, outro no pátio de entrada e o outro perto dos banheiros, eles tentam aconselhar e quando não conseguem aplicam a punição.

Em seu depoimento, o vigia Ermesson de Azevedo Ribeiro comentou que muitas vezes tentou aconselhar aos alunos, mas não adiantou muito, e nem tão pouco colocar de castigo, porque, segundo ele o “castigo não mete mais medo nos alunos”. Percebo que as tentativas frustradas em solucionar ou amenizar as ocorrências no recreio são por meio de condutas que levam o aluno a ter medo. Medo de ficar de castigo, medo de perder o recreio, medo de conversar com o diretor, medo de levar uma suspensão.

Não se trata de tentar entender as causas dos conflitos e nem de junto aos envolvidos procurar meios de evitar essas situações. A preocupação é apenas punir e vigiar. José Clementino Filho, diretor da escola, disponibiliza funcionários por toda a escola na hora do recreio, para vigiar o que os alunos fazem, e punir quando acham necessário:

Em entrevista para a pesquisa dissertativa, concedida no dia 2 de abril de 2019, o diretor da escola, José Clementino Filho, comentou:

A gente disponibiliza pessoas para prestar atenção no intervalo, como também a gente passa nas salas e pede a compreensão deles, para eles não se baterem, na verdade fazer um aconselhamento, pedindo para que eles não façam isso, não se batam, não briguem, que tenham paciência, mas geralmente é difícil, geralmente finda acontecendo. Mas a gente tenta resolver dessa forma por enquanto, o horário é limitado, e a gente não tem muitas pessoas, nem muitos atrativos nesse momento para as crianças. (José Clementino Filho, diretor escolar em entrevista concedida para essa pesquisa, 2019)

Talvez, inconscientemente, o que estão querendo é que os alunos tenham disciplina no recreio, o que Foucault (1987, p. 116) aponta como “corpos dóceis”. Os alunos são vigiados no

recreio e punidos quando acham necessário, tem que obedecer às regras impostas sem questioná-las e obedecer ao sinal ao tocar. Neste sentido Foucault (1987, p. 54, p. 133) comenta que:

Pôr os corpos num pequeno mundo de sinais, a cada um dos quais está ligada uma única resposta obrigatória: é uma técnica de treino que ‘exclui despoticamente em tudo a mínima representação e o mais pequeno murmúrio’, o soldado disciplinado – ‘começa a obedecer a tudo o que lhe é ordenado; a sua obediência é imediata e cega; o ar de indocilidade, o menor atraso seria um crime’ (p. 54). O treino dos alunos deve ser feito da mesma maneira: poucas palavras, nenhuma explicação, no limite um silêncio total, apenas interrompido por sinais – sinos, palmas, gestos, o simples olhar do mestre (FOCAULT, 1987, p. 133).

Na escola não é diferente, o que ela propõe é um corpo dócil, com limitações, proibições ou obrigações, no vigia Lucas é enfático ao dizer que pede aos alunos para não correrem, punindo-os quando não obedecem, atribuindo que as causas das confusões se dão pelo uso dos corpos no espaço.

O que vejo é que a instituição escola tenta moldar os pensamentos das crianças, transformando-as em agentes de poder soberano. A escola, detentora do saber, não está dando oportunidade ao aluno para refletir sobre aquele assunto. Criou-se o *fast food* do conhecimento: criar, educar, disciplinar, individualizar, monopolizar, repreender se for possível, corrigir os erros, vigiar, excluir os indomáveis, são as principais metas, talvez por isso há tanto tempo venha sendo fracassada.

Percebemos que os alunos tentam sinalizar que isso não está certo, e que não concordam com as regras impostas para eles. Conseguimos identificar, claramente, que os conflitos no recreio, na sua grande maioria são para protestar contra essas imposições que a escola faz. Muitas vezes, escutei os alunos na oficina/aula falarem que comentam na sala com seus professores e com o gestor sobre o que aconteceu no recreio, mas nada é feito além de aconselhamentos, isso acaba refletindo no comportamento dos alunos.

Na entrevista concedida, exclusivamente, para essa pesquisa, o gestor Clementino enfatiza que um dos problemas dos conflitos no recreio é a falta de infraestrutura, só que no ano de 2020 as matrículas aumentaram de 200 alunos para 300. A probabilidade de os conflitos aumentarem são bem maiores.

Tudo isso vai mecanizando os cidadãos para que cumpram ordens sem questioná-las. Na visão de muitos, pais, funcionários, professores, a pena pode parecer doce e justa, mas na

verdade ela tenta fazer esse regime ditatorial e acaba esbarrando fora da vida escolar, gerando mais violência.

1.4 Epílogo

Pensar em educação não é pensar o ser humano à parte do mundo, devemos pensar sobre as consequências da ação, diante da experiência do aluno, do professor e de toda a comunidade escolar. O espaço escolar pode e deve ser um lugar para ter novas experiências. Temos que entender como estamos agindo em sociedade, para não ficar repetindo clichês, como o que o secretário escolar Edson afirmou durante a entrevista concedida para essa pesquisa, de que os alunos são violentos “porque isso vem de casa”. Diante disso, tentar entender como tem sido o funcionamento das pessoas no mundo de agora para podermos compreender quais são os mecanismos de reação das pessoas ao que está acontecendo.

A resposta do secretário escolar também está imbuída de informações. Sem ao menos ter as experiências do que aqueles alunos passam diariamente, ele apenas supõe que seja reflexo do seu dia a dia. Bondía (2002, p. 21) diz que “[...] vivemos em uma sociedade de informação e não de experiência, temos uma hipervalorização da informação e uma subvalorização da experiência [...]. Percebo que as escolas têm muita informação e poucas experiências, o que os alunos vivenciam é completamente secundário em relação a um acúmulo de informações.

Bondía (2002, p. 20) acrescenta que “[...] vivemos em um mundo que está em excesso de informação e ao mesmo tempo vivemos em um mundo que tem excesso de opinião [...]. Julgamos o que as pessoas fazem a respeito de tudo, porque correm no recreio, porque existem conflitos nesse horário, porque diariamente tem ocorrências na secretaria da escola, funcionários, professores, gestor escolar, são solicitados quase que sempre para dar sua opinião sobre os ocorridos.

Acredito que ter opinião indica que estamos nos tornando pessoas conscientes e críticas. Temos muitas informações e opiniões, mas não temos apropriação da experiência onde ocorreram os fatos, e se não mudarmos, nossa tendência é continuar a desconhecer cada vez mais. Refletindo sobre o que me falaram na entrevista, todos os funcionários que entrevistei opinam que as brigas entre os alunos são por conta do espaço físico, que é pequeno para eles brincarem e que alguns são violentos porque veem isso no seu dia a dia.

Em nem um momento verifiquei que os entrevistados interagem com os alunos nesse espaço, a não ser quando veem um conflito e os repreende, mas não estão experimentando o espaço para sentirem os sabores e dissabores. Quem realmente vive a experiência e pode falar com propriedade são os protagonistas, os que estão todos os dias desobedecendo às regras, que são os alunos. Como aponta Bondía (2002, p. 22):

A experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados (BONDÍA, 2002, p. 22).

Outro ponto que se faz necessário abordar é que ninguém pode aprender com a experiência do outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida, e tomada própria. O recreio escolar, como tudo o que acontece na escola, precisa ser sentido, vivido por todos, experimentar os sabores e dissabores dos espaços, para poder de fato ser tocado e transformado. Temos que ter tempo para essas experiências, só assim vamos perceber outros acontecimentos, viver outras relações, outros afetos, não apenas usar o tempo nesse horário para vigiar e punir.

Todos estamos ocupados, planejando nossas aulas, preenchendo nossos diários, desenvolvendo projetos pedagógicos que a secretaria de educação nos envia, cumprindo datas comemorativas e eventos do calendário escolar, com tantos afazeres para dar conta. O tempo vai passando, voando e como se referiu Bondia (2002, p. 23) “[...] tudo o que se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa nos faz limitados de experiência [...]”.

Os alunos e todos os problemas relatados por eles em sala de aula e na secretaria da escola sobre o que passam no recreio da escola Cícera da Silva Sousa continuam ali, dia após dia, adentram nas salas de aula, nos comportamentos com os colegas, com os funcionários, com os professores, e percebo que não temos tempo para sentir de perto, viver e experimentar com eles.

O empobrecimento da experiência por excesso de informação, excesso de opinião, excesso de trabalho e falta de tempo, tornou a sociedade um lugar menos agradável de se viver e isso reflete na escola. O autor Dewey (2010, p. 80) comenta que a “[...] harmonia interna só é alcançada quando se chega de algum modo a um entendimento com o meio [...]”.

Acredito que os jogos teatrais têm um papel importantíssimo na dinâmica da escola. Os alunos envolvidos nesses processos ficam mais perto de seus anseios, de suas angústias. Com os jogos aplicados abordei de maneira lúdica os conflitos existentes nos espaços escolares. O teatro tem como fazer isso, como se referiu Spolin (2008, p. 3) “[...] experimentar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele [...]”. Além do mais, os jogos teatrais são estruturados de maneira que metodologicamente alunos participam o tempo inteiro, seja jogando ou assistindo aos colegas. Tudo tem um propósito.

2 NOS BASTIDORES

Os jogos teatrais têm uma sequência a ser seguida, iniciando com um acordo entre os participantes (atores e plateia), o tema que será proposto, e por último a estrutura do jogo, definindo onde se passa a ação, quem serão as personagens, e qual serão as ações das personagens. Na obra *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*, de autoria de Reverbel (2010, p. 17) em que define personagens como:

Papel interpretado pelo ator numa peça. O ator não é a personagem, mas representa para o espectador, assumindo a personalidade, os traços psicológicos e morais da pessoa criada pela imaginação do dramaturgo. Exemplo: ator que interpreta Otelo, de Shakespeare, não é Otelo, mas seu representante em cena. (REVERBEL, 2010, p. 17).

O ator, para Boal (2015, p. 76), assim como todo ser humano, tem suas sensações, suas ações e reações mecanizadas, e por isso o autor nos diz que devemos [...] começar a ‘desmecanizar’, pelo amaciamento, para torná-lo capaz de assumir as mecanizações da personagem que vai interpretar [...].” Boal (2015, p. 76) comenta ainda que:

As mecanizações da personagem são diferentes das mecanizações do ator. É necessário que o ator volte a sentir certas emoções e sensações das quais já se desabituou, que amplifique a sua capacidade de sentir e de se expressar (BOAL, 2015, p. 76).

Os jogos teatrais, na educação escolar, têm como objetivo ajudar aos alunos a se desenvolverem culturalmente, seja lendo, assistindo ou dramatizando, como também no crescimento pessoal, através do domínio da comunicação e do uso interativo da própria linguagem teatral, trabalhando na improvisação e na ludicidade.

Isso acontece quando os participantes se entrosam, tornando-se um grupo engajado na solução cênica de um problema de atuação. Para isso todos têm que estar dispostos a se engajar nas etapas oferecidas para o aprendizado do teatro. Quando isso acontece, os aprendizados são notáveis, que são, neste caso, a descoberta do próprio corpo, usando-o para fazer movimentos e sons; a descoberta e o experimento de todo seu potencial criativo; a

atuação como vivência de pensamentos, emoções e ações de outras propostas para si; e a exposição para uma plateia.

Todas essas etapas são trabalhadas nos jogos, estimulando o contato com o corpo, conscientizando o próprio corpo com o espaço, como também como espaço do outro, estimulando o equilíbrio, a concentração, a observação, a coordenação e o ritmo. Os jogos têm o poder de envolver textos e subtextos, todas as informações e as interpretações das informações, e isso gera infinitas possibilidades de os alunos se tornarem mais críticos e menos concretos diante do mundo. Existem jogos que fortalecem a aproximação com a criação por meio da improvisação e da representação, o que significa a oportunidade de pesquisar e vivenciar suas próprias emoções em favor da construção de um ser irreal, porém verdadeiro, que é a personagem.

Os jogos teatrais podem ser trabalhados na educação com objetivos que possam explorar as questões pedagógicas, que possam atingir toda comunidade escolar, no sentido de quem atua e de quem está assistindo, ou até mesmo sobre questões conflituosas, diagnosticadas por observações que ocorrem entre os alunos no espaço escolar.

2.1 Teatro além das cortinas

Nos próximos parágrafos falaremos sobre os autores mais estudados em cursos, formações, como também em capacitação de professores. Em comum, os estudiosos sugerem os jogos teatrais não só para o teatro, também como auxiliar estimulante das capacidades, competências e as habilidades cognitivas dos alunos. Selecionamos quatro autores: Viola Spolin (2008), Augusto Boal (2015), Olga Reverbel (2009) e Joana Lopes (2017). Como base na leitura das obras destes autores em livros, revistas e artigos científicos que tratam da questão de jogos teatrais. Dois destes autores, Augusto Boal (2015) e Viola Spolin (2008), fizeram parte da fundamentação desta pesquisa.

O riquíssimo material produzido pelos autores acima apontados e reproduzido por tantos outros tem muita funcionalidade para profissionais que atuam na área do teatro, assim como para professores dedicados ao teatro apenas em sala de aula. A aula de teatro tem uma importantíssima contribuição para o desenvolvimento pessoal e social de crianças, jovens e adultos.

O estudo de Spolin (2008) contribuiu com sua clareza estrutural, com a qual sistematiza o ensino de algo complexo como é a pluralidade da linguagem teatral, para a criação técnica da cena dramática. De Boal (2015) extraímos que teatro é algo que existe dentro de cada ser humano e que o elemento mais importante é o corpo, por isso trabalha os movimentos físicos, formas, volumes e relações físicas. Reverbel (2009), com quem compactuo que o processo de desenvolvimento das capacidades de expressão é mais importante do que o produto final.

Os três autores aparecem de maneira dividida e por vezes misturados. A metodologia com o que oferece os autores foi sendo desenvolvida na medida em que as 28 oficinas/aula estavam acontecendo, e não foram, necessariamente, 28 encontros, pois houve oficina/aula que foi desdobrada em dois ou mais encontros, por ter uma sequência maior ou mesmo por repetição, e isso acontecia quando o objetivo não era alcançado.

Levei em conta as necessidades que surgiam nos encontros, mesclando sempre jogos teatrais de uns e jogos teatrais de outros, como também experimentando alguns exercícios trazidos previamente pelos alunos. Na obra de Reverbel (2009, p.16), a autora define que jogo dramático é: “[...] improvisação a partir de temas ou situações. O jogo dramático, também denominado jogo teatral, é uma criação de representação coletiva, bastante aplicada em escolas [...]”.

A técnica teatral utilizada nessa pesquisa tem como objetivo primordial facilitar a comunicação e integração do grupo, levando-o a refletir e vivenciar dentro e fora das oficinas suas experiências de grupo como também suas experiências individuais, já que simultaneamente existem momentos de se jogar sozinho e em outros em que se encontram como plateia.

Ingrid Koudela (1979) foi a primeira brasileira a traduzir alguns livros de Spolin, facilitando para os estudiosos de jogos teatrais e curiosos o manuseio e a aplicabilidade dos jogos teatrais na educação. Em 1979, Ingrid Koudela, traduziu o primeiro livro *Improvização para o Teatro*, em seguida, vieram outros como *O Fichário de Viola Spolin* (2001), *Jogos Teatrais na Sala de Aula* (2007) e outros. Este último foi escolhido para estudo com o grupo focal da pesquisa. A obra apresenta como são os jogos teatrais detalhados e divididos por oficinas, que possibilitam uma maior aproximação com os alunos participantes.

Koudela (2010, p. 7) comenta que:

Como se vê são muitos os caminhos trilhados. Por meio das oficinas de jogos teatrais é possível construir liberdade dentro de regras estabelecidas por acordo grupal. A matéria do teatro, gestos e atitudes, é experimentada concretamente no jogo, sendo que a conquista gradativa da expressão física, corporificada, nasce da relação estabelecida com a sensorialidade (KOUDELA, 2010, p. 7).

Sendo assim, intervimos nos espaços da escola, no recreio, no pátio onde acontecem os conflitos, nos corredores onde acontecem os esbarrões, por todo lugar onde os alunos percorrem. Sendo assim, com as experiências vividas nos jogos teatrais damos outro sentido a esses espaços, com os novos conhecimentos vividos e adquiridos nas oficinas.

2.2.Criatividade Individual

Sobre Viola Spolin (2008), Flávio Desgranges, em sua obra *A Pedagogia do Teatro* (2006), comenta que os jogos teatrais foram sistematizados por Viola Spolin, nos Estados Unidos (EUA), a partir dos anos 1940 e que a autora foi fortemente influenciada por Stanislavski, no período em que este priorizava ações físicas como procedimento na formação de atores.

Viola Spolin se preparou, inicialmente, para ser uma assistente social trabalhando junto aos imigrantes de Chicago, na *Neva Boyd's Group Work School* (Escola de Formação de Trabalho de Grupo de Neva Boyd), no período de 1924 a 1927. O trabalho inovador realizado por Boyd nas áreas de liderança, recreação e trabalho social, a partir da estrutura tradicional dos jogos, influenciou Spolin fortemente.

Ao trabalhar como supervisora dramática (*dramatic supervisor*) para a seção de Chicago do *Works Progress Administration's Recreational Project* (WPA), no período de 1939 até 1941, Spolin sente necessidade de desenvolver um sistema que facilitasse o treinamento teatral e que pudesse cruzar as barreiras étnicas e culturais dentro do WPA.

No relato de Spolin, os ensinamentos de Boyd promoveram um treinamento extraordinário no uso de jogos, contação de histórias e danças folclóricas que puderam servir como ferramentas que estimulam a expressão criativa em crianças e adultos através da autodescoberta e da experiência pessoal.

Construindo os jogos teatrais, a partir da experiência de Neva Boyd, Viola respondeu pelo desenvolvimento de novos tipos de jogos que concentram a criatividade individual,

adaptando e focando o conceito de jogo, como chave para abrir a capacidade de auto expressão criativa. Estas técnicas foram mais tarde formalizadas sob o nome de “*Jogos Teatrais*” ou “*Theater Games*”.

Ela cria, portanto, uma série de jogos que desenvolvem habilidades e competências linguísticas próprias do teatro no jogador e na plateia. Spolin (2008, p. 30) explica o jogo dizendo que o mesmo “[...] instiga e faz emergir uma energia do coletivo quase esquecida, pouco utilizada e compreendida, muitas vezes depreciada [...]”. O participante aprende com o outro na diferença, na relação com o outro e não somente consigo mesmo. Viola propõe jogos individuais, em duplas, trios e grupos, em que os jogadores fazem e também apreciam e comentam o trabalho dos colegas, desenvolvendo o olhar, o potencial analítico e a capacidade de criticar e ser criticado de modo produtivo, aberto e franco.

O debate após a realização das atividades é fundamental ao crescimento do grupo, sempre conduzido pela professora e norteado pela percepção do que funcionou em cena, ou seja, se o foco proposto pelas instruções foi seguido e se o problema foi resolvido ou se os jogadores buscaram resolvê-lo.

A obra *Jogos Teatrais na Sala de Aula* é, especificamente, direcionada ao educador que trabalha com teatro e aos professores que desejam introduzir atividades de teatro em sua sala de aula. Por meio das oficinas de jogos teatrais é possível desenvolver liberdade dentro de regras estabelecidas. Eles são baseados em problemas a serem solucionados. O problema é o objeto do jogo que proporciona o foco. As regras propostas incluem a estrutura dramática (onde, quem, o que) e o tema, mais o acordo do grupo.

Para ajudar aos participantes a alcançarem uma solução para o que foi colocado desde o início, Spolin sugere o princípio da instrução, por meio do qual o jogador é encorajado a manter a atenção durante toda a atividade. Dessa forma, ele é estruturado através de uma intervenção pedagógica na qual o coordenador/professor e o aluno/atuante se tornam parceiros de um projeto artístico.

No livro citado há também uma ênfase na narração de estórias que podem ser encenadas por crianças e jovens. Esta abordagem de trabalho com textos tem uma longa tradição na história do teatro e foi desenvolvida por Paul Sills (2008), filho de Spolin, constituindo uma contribuição importante ao reeditar procedimentos originais que, muitas vezes, ficaram engessados em uma didática canhestra entre nós.

Segundo Spolin (2008, p. 32), o jogo deve ser constituído pela improvisação, conscientização do sentido da representação e a resolução corporal do problema, ou seja, ele pode ser composto por algumas convenções teatrais e por intervenções intersubjetivas. Sugere como peças essenciais três pontos: o foco, a instrução e a avaliação.

Foco - Cada foco determinado na atividade é um problema fundamental para o jogo que pode ser solucionado pelos participantes. Ele é essencial para colocar o jogo em movimento. Todos se tornam parceiros ao convergir para o mesmo problema a partir de diferentes pontos de vista. Quando todos percebem a sua importância, dignidade e privacidade são mantidas e a verdadeira parceria pode nascer. Diante disso Spolin (2008, p. 33), justifica:

Acredite no foco do jogo e observe a superação da rotina. Permita que todos joguem e descubra a criatividade oculta naqueles alunos cujo desempenho escolar é normalmente insatisfatório. Seja paciente. Logo descobrirá que mesmo a criança menos responsável ficará orgulhosa daquilo que está fazendo (SPOLIN, 2008, p. 33).

InSTRUÇÃO - A instrução é o enunciado daquela palavra ou frase que mantém o jogador no foco. Frases para instruções nascem, espontaneamente, a partir daquilo que está surgindo na área do jogo e são dadas no momento em que os jogadores estão em movimento. Ela deve guiar os jogadores em direção ao foco, gerando interação, movimento e transformação.

Todos, menos alguns jogos, incluem sugestões para instrução. A autora sugere algumas frases que devem ser trabalhadas de início, enunciando-as durante o jogo em momentos apropriados. Isso com o tempo torna-se apropriação e cada pessoa descobrirá a instrução adequada para cada jogo. Spolin (2008, p. 34) alerta que:

Lembre-se que um jogo só pode obter sucesso quando ele ou ela acreditar no jogo, no grupo, na instrução. Estes não são princípios para vencer uma competição; na realidade, não há vencedores e/ou vencidos no jogo teatral. A confiança se desenvolverá através da avaliação em grupo e a energia será liberada por meio da instrução (SPOLIN, 2008, p. 34).

Avaliação - Não é julgamento. Não é crítica. A avaliação deve nascer do foco, da mesma forma como a instrução. As questões para avaliação listadas nos jogos são, muitas vezes, o restabelecimento do foco. Lidam com o problema que o foco propõe e indagam se o problema foi solucionado. A avaliação muitas vezes é uma oportunidade para o professor e os jogadores emitirem sua opinião sobre “a maneira certa” de fazer algo.

Spolin (2008, p. 36) comenta em seu livro que:

Fique atento em não assumir uma acepção cultural, substituindo por uma experiência atual. As palavras “certo”, “errado”, “bom”, “mal” finalmente darão lugar para “Eu não estava vendo o que ele estava fazendo”. “Ela não se movimentou como um boneco todo o tempo”. “Eles não compartilharam sua voz conosco” (SPOLIN, 2008, p.36).

2.3. Teatro do Oprimido

Augusto Boal é um importante diretor e dramaturgo. Ele sistematizou e organizou uma sequência de jogos e ações teatrais que nomeou de Teatro do Oprimido. Ainda que a proposta, que dialoga com a *Pedagogia do Oprimido*, de autoria de Paulo Freire, tenha um caráter político, estético e pedagógico específico e tenha sido muito usada na educação de jovens e adultos, em movimentos sociais e políticos e no ensino formal, as técnicas do teatro-fórum, teatro-imagem, teatro-jornal, podem ser adaptadas pelos professores para o trabalho com crianças. As técnicas do Teatro do Oprimido, de Boal, podem, a princípio, parecer impossíveis no trabalho com crianças, mas os jogos sensoriais, de integração e trabalho em grupo, prestam-se muito bem as aulas de teatro nos anos iniciais.

Em seu livro *Jogos Para Atores e Não Atores com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro* Augusto Boal (2015) sistematizou diversas séries de exercícios e jogos possíveis de serem utilizados nas etapas propostas. No terceiro capítulo da obra, ele aborda o arsenal do Teatro do Oprimido, e distribui os exercícios e jogos em cinco categorias diferentes. Que são: Sentir tudo o que se toca; escutar tudo o que se ouve, ativando os vários sentidos; ver tudo o que se olha e por último a memória dos sentidos. Registra-se a seguinte declaração de Boal (2015, p.99):

Na batalha do corpo contra o mundo, os sentidos sofrem, e começam a sentir muito pouco daquilo que tocamos, a escutar muito pouco daquilo que ouvimos, a ver muito pouco daquilo que olhamos. Escutamos, sentimos e vemos segundo nossa especialidade. Os corpos se adaptam ao trabalho que devem realizar. Essa adaptação, por sua vez, leva à atrofia e a hipertrofia. Para que o corpo seja capaz de emitir e receber todas as mensagens possíveis, é preciso que ele seja rearmonizado. É nesse sentido que escolhi exercícios e jogos focados na desespecialização (BOAL, 2015, p. 99).

Estas sessões de Teatro do Oprimido têm o intuito de constituir-se no ensaio de um processo de transformação, ou em “[...] um ensaio da revolução [...]”, como diria Boal, pois,

se o participante experimentou no teatro a sua capacidade de mudar a ordem estabelecida, tentará agir da mesma maneira na sua vida.

Diante deste entendimento, o Teatro do Oprimido (TO), tem uma relevância importante para as oficinas de jogos teatrais e sobre as discussões que surgem no decorrer das atividades com os alunos, fazendo com que os encontros tenham uma abordagem transformadora, que leve a uma reflexão das situações de conflitos que acontecem dentro e fora da instituição EMEF Cícera da Silva Sousa, localizada no interior paraibano de Barra de Santa Rosa.

Para esse trabalho o pensamento de Boal é fundamental, uma vez que o Teatro do Oprimido mostra a realidade e como ela é essencial. O autor em uma entrevista² concedida a Julian Boal, comentou que o TO é [...] o espelho mágico, que o espectador deve entrar nessa imagem, que é o palco e a cena, e se não gostar do que está vendo dentro dela, ele tem o direito de poder modificá-la, transformá-la [...]”³.

Sabendo que tudo que está acontecendo nesse espelho mágico é uma ficção, mas você que entrou e modificou é real, então você de alguma maneira sai transformado, modificado. Porque, como diz Boal na entrevista, o ato de transformar é transformador. O que interessa para o TO não é o que ele transforma na cena, mas que ele transforme a si mesmo, a cena vai acabar, porque tudo aquilo é ficção, mas você que fez a ação sai da cena para a vida real transformado.

O Teatro do Oprimido (TO) oferece aos alunos a oportunidade de dialogarem sobre suas aflições e opressões, dando as armas necessárias para lutarem sobre seus direitos e deveres, que é o diálogo, dentro de qualquer parte onde ele esteja inserido. Como comenta Boal na entrevista, o TO é um ensaio da revolução,

[...] a revolução do diálogo, que tanto pode ser suave como áspera, mas não deixa de ser diálogo, nossa sociedade precisa reaprender a dialogar, a resolver seus conflitos através do diálogo, porque o que está acontecendo tanto na educação como em qualquer outro lugar é a aversão a ele, querem resolver os problemas através de outras armas, que nesse caso não é o diálogo (INSTITUTO AUGUSTO BOAL. ENTREVISTA CANAL YOUTUBE, NOV. 2018).

² Instituto Augusto Boal. Entrevista concedida a Julian Boal, em 1 de novembro de 2018. Canal Youtube. Disponível em: <https://bitlyli.com/RpW9G>. Acesso em: 1 Mai. 2020.

³ Idem 2.

Nos jogos propostos por Boal, o participante vai gradativamente tornando-se mais seguro de si, eliminando seus medos, suas inseguranças. Mesmo sem intervir nos primeiros momentos, apenas assistindo, ele vai fortalecendo o desejo de intervir como também os meios e escolhas dessa futura intervenção. Por isso o TO é essencial aos olhos de Augusto Boal.

2.3.1 Primeira categoria: Sentir tudo que se toca

Aqui o ponto principal é a sensibilidade ao toque. Boal (2015, p. 100) comenta que o “[...] nosso corpo nu está em contato constante com o ar e com nossas roupas, com outras partes do corpo e corpos de outras pessoas[...]”. A série de exercícios ajuda o ator a sentir melhor as coisas que toca. Trata-se de formas mecanizadas de andar e se mexer, de saber externar emoções, sentir e descobrir novas estruturas musculares e novas maneiras de se expressar com o corpo, no palco e na vida. O autor alerta para o atuante não iniciar com os exercícios mais violentos ou difíceis, e que antes de iniciar façam movimentos de “espreguiçar em pé”.

2.3.2 Segunda categoria: Escutar tudo o que se ouve

Nessa categoria as séries dos jogos estão divididas em cinco. Na primeira os exercícios são de jogos de ritmos, ao todo são trinta exercícios. Na segunda série, o autor trabalha a melodia, que vem apenas com dois exercícios. A terceira série trabalha som, também com dois exercícios. Na quarta série ele trabalha o ritmo da respiração. Os exercícios servem para ajudar a se conscientizar do fato de que se pode desmecanizar a respiração, controlá-la. São 19 exercícios. Por último, a quinta série, que trabalha com os ritmos internos, na qual ele apresenta um exercício com três variantes.

2.3.3 Terceira categoria: ativando os vários sentidos

Boal (2015, p. 149), inicia essa categoria enfatizando que “[...] entre todos os sentidos, a visão é o mais monopolizador [...]. Porque somos capazes de ver, não nos preocupamos em sentir o mundo exterior através dos demais sentidos, que ficam adormecidos ou atrofiados. Ele separa essa categoria em duas séries, “A série do cego” e a “A série do espaço”. Em todos os exercícios que trabalham com um “cego” e um “guia”, é recomendável que os dois

trabalhem o exercício uma segunda vez, trocando-se os papéis. E na série do espaço, trabalha todos os sentidos, incluindo a visão.

2.3.4 Quarta categoria: ver tudo que se olha

Nesta categoria Boal (2015, p. 164) escolhe três sequências que a seu ver são as principais de exercícios que ajudam a ver o que olhamos: a sequência dos espelhos, a sequência da escultura ou modelagem e a escultura das marionetes. Essas três são também importantes e criativas como parte do processo de desenvolvimento de modelos para Teatro Fórum.

Os exercícios propostos ajudam a desenvolver a capacidade de observação pelo diálogo visual entre duas ou mais pessoas. Também há uma regra importante: o uso simultâneo da linguagem verbal é proibido. O silêncio num primeiro momento é incômodo, enervante e até mesmo cansativo. Quanto maior, porém, for a concentração dos participantes, maior o interesse que despertarão e maior a riqueza dos diálogos que se pode estabelecer.

Os exercícios são feitos isoladamente, e cada um tem sua função específica e sua aplicabilidade. Mas, quando feitos em sequências que não são interrompidas, os participantes são estimulados não apenas por cada exercício, revelando-se, em alguns casos, mais exposto que os próprios exercícios entre os quais se insere. Segundo Boal (2015, p. 165) “[...] Isto é particularmente verdadeiro nas “três trocas” da etapa oito, na sequência do espelho [...].”

2.3.5 Quinta categoria: a memória dos sentidos

De acordo com Boal (2015, p. 211) se bato minha mão agora “[...] sinto a dor agora mesmo; se me lembro de ter me machucado ontem, posso provocar em mim uma sensação análoga hoje. Não é a mesma dor, mas a memória dessa dor [...].” Está série tem o intuito de ajudar o ator a relacionar a memória, a emoção e a imaginação, tanto no momento de preparar uma cena para o teatro quanto estivermos preparando uma ação futura, na realidade. Desgranges (2006, p. 75), comenta que é:

[...] bastante comuns críticas frequentes em relação a uma utilização demasiada instrumental da linguagem teatral no Teatro do Oprimido, já que os grupos, até para não perderem a imediatez em sua relação com os participantes, acabam por engendrar cenas pouco elaboradas artisticamente, o que acarreta a perda do caráter poético das formulações teatrais, o empobrecimento da linguagem, e indica o enfraquecimento da potencialidade estética própria a esta arte. (DESGRANGES, 2006, p. 75).

Com relação a está afirmação acima o próprio Boal (2004, p. 294) não era totalmente contra a essas críticas:

Sempre digo que podemos calar a boca, mas não o corpo. Se a palavra nos exercícios precisa ser necessária e rica, assim como as imagens, é porque o conjunto do trabalho se aproxima de uma reflexão sobre a própria metáfora. Faz algum tempo que estamos tentando não contar diretamente as coisas, buscando transposições menos literais, mais simbólicas (BOAL, 2004 a, p. 294).

2.4 O Teatro na Educação

A autora Olga Reverbel (2009, p. 136) foi uma teórica e professora brasileira que dedicou sua vida ao estudo e às práticas da relação entre Teatro e Educação. É considerada pioneira neste campo, tendo publicado extensa bibliografia a respeito. Foi professora do curso de pós-graduação em Teatro na Educação da Sorbonne, em Paris, e depois dirigiu uma escola de artes dramáticas, a Oficina de Teatro, por ela fundada, em Porto Alegre.

Na sua obra *Jogos teatrais na escola* (2009, p. 136), podemos encontrar o fruto de pesquisa e vivências que culminaram num conjunto de referências para educadores que trabalham no ensino fundamental e médio, arte-educadores e professores de teatro. A ideia da pesquisa foi motivada por quarenta anos de experiência pessoal voltada ao ensino de teatro nos ensinos fundamental, médio e superior e pelo desejo de sistematizar esse ensino, criando e aplicando uma metodologia específica.

Reverbel (2009, p. 137) documenta todas as observações, dando a elas um caráter de experiências. A autora trabalhou com dois grupos, um formado por alunos que apresentavam um bom desenvolvimento em suas capacidades de relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção; e o outro grupo formado por alunos que, nas mesmas atividades, apresentavam bloqueios relativos às capacidades apontadas. Ficou com esses grupos por quatro anos, o que culminou em um excelente resultado.

Após a experiência surgiu o livro *Jogos Teatrais na Escola*. A obra é dividida em quatro capítulos. O primeiro é dedicado a algumas palavras-chave, que usamos frequentemente nos jogos teatrais. O segundo capítulo, aborda o que irá tratar no terceiro capítulo, que são as atividades globais de expressão. No terceiro, ela inicia descrevendo cada conjunto dessas atividades. Que são: Relacionamento, espontaneidade, imaginação,

observação e percepção. Em cada conjunto das atividades, a autora prescreve a idade adequada, o conteúdo a ser tratado, o objetivo a ser alcançado e o exercício a ser seguido. Recomenda trabalhar apenas com um objetivo por vez e que a cada final da atividade se deve fazer um debate com os alunos.

Os grupos que Reverbel (2009, p. 137) trabalhava eram em salas de aula normais, em média 30 alunos em cada classe. Ela agrupava os alunos de acordo com as observações que ia fazendo, levando sempre em conta a capacidade de expressão de cada aluno. Quando não havia bloqueio por parte do grupo, ela fazia as atividades visando desenvolver ainda mais a capacidade de expressão dos alunos.

Em seguida, a autora faz a apresentação detalhada dos cinco conjuntos de atividades, como já mencionei acima. No terceiro capítulo, aparecem às orientações para as atividades, como também as orientações de avaliação. No quarto capítulo faz uma síntese de como era o laboratório de atividades de expressão, descriminando a caracterização, objetivos, estrutura, recursos e materiais instrucionais.

Por último, no quinto capítulo, a autora fala sobre a metodologia utilizada no laboratório, estabelecendo esquema conceitual e apoiado na psicologia evolutiva, filosofia da educação criadora, a partir das obras de Platão (1962), Aristóteles (1986), Rousseau (1995), Dewey (1952), Piaget (1970), Léon Chancerel (1948). Léon Chancerel, discípulo de Jacques Copeau, que foi diretor, ator e um dos renovadores do teatro francês no século XX. Sua proposta partia, principalmente, da busca e construção de um novo ator, de uma nova dramaturgia e de um novo espaço.

E Léon como seu discípulo, dedicou a vida a questões teóricas e práticas de formação, criação e transmissão no campo teatral. Então, em sintonia com os pensamentos de Léon, Olga partia da proposição de temas, os alunos dramatizavam histórias, partes de narrativas e situações dramáticas.

Algumas tinham começo, meio e fim, outras eram apenas o início e o meio, deixando sem o fim. Sempre havia um tema proposto por ela e os alunos improvisavam o restante. A improvisação é considerada por ela muito importante, como também a participação da plateia para acontecer o *feedback*.

2.5. Teatralidade brasileira

Outra autora estudada foi Joana Lopes (1975), pesquisadora da área de dança, arte educadora e jornalista. Foi uma das criadoras do jornal Brasil Mulher, em 1975, em Londrina (PR). No início da década de 1970 deu aulas na Universidade Estadual de Londrina, de onde foi demitida após desenvolver um projeto de teatro que desagradou às autoridades da universidade, local em que naquele momento funcionava a Assessoria Especial de Segurança Interna. Pesquisadora da teatralidade brasileira e, por meio do jogo dramático, relaciona a pedagogia de Paulo Freire à prática do teatro, no intuito de fortalecer a integração da arte teatral junto aos contextos educativos.

Em sua obra *Pega Teatro*, produzido e publicado no início da década de 1980 no Brasil e reeditado em 1989, Lopes aborda o surgimento do jogo dramático, entendido por ela como manifestação espontânea da potencialidade de comunicação dos seres humanos. A autora apresenta quatro reflexões que são bastante significantes para quem pretende entender sobre arte-educação.

Lopes chama o teatro de Teatro-ativo. Esse teatro convive, descobre e redescobre o teatro com parceiros de arte, a maioria das pessoas que não são chamadas de artistas, mais conhecidos como artistas populares. A autora defende a ideia que o jogo dramático é um exercício poético de e para a liberdade.

No livro *Pega Teatro* encontramos trabalhos da autora escritos em épocas diferentes, de 1970 a 1973, que servem perfeitamente para discussões nos grupos de educação teatral. Joana Lopes questiona o jogo dramático, compreendendo-o como manifestação espontânea da potencialidade de comunicação. A professora diz que o leitor não espere rigor acadêmico, mas encontrará experiências, utopia e imaginação.

Na primeira reflexão, Lopes descreve a utilização do teatro popular como ferramenta capaz de promover a materialização da necessidade e a oportunidade de expressão das camadas populares. Apresenta algumas atividades trabalhadas em um grupo, que surgiram depois de alguns debates construídos por eles. Na segunda reflexão, ela apresenta uma teoria sobre as fases evolutivas do jogo dramático, um estudo que realizou em seus 20 anos de pesquisa, através de observação das etapas da expressão dramática espontânea.

Na última reflexão, Joana Lopes define a sua ideia sobre arte-educação, com objetivos presentes em seus trabalhos práticos, e critica os modelos de teatro na escola, que trabalham apenas com séries fechadas de exercícios dramáticos. E propõe uma orientação que se fundamenta na necessidade e no impulso para alcançar a livre expressão do corpo e do pensamento.

2.6 Em busca de uma fundamentação

Verificamos com esses autores que o trabalho com jogos teatrais se constitui em uma ação educativa relevante, tanto para professores que já são da área, como para professores leigos no assunto. Pois, a forma como descrevem, o passo a passo, é bastante esclarecedora. Os autores nos conduziram com uma leitura simples e apontando resultados, o que favoreceu uma reflexão e a aquisição de novos conhecimentos, ficando o desejo de aprofundar e colocar em prática as experiências com os jogos teatrais na sala de aula.

Jogo e teatro encontram-se presentes na educação. Os dois juntos são capazes de impactar os espaços educativos. Sendo espaço de experimentação, favorecendo assim maiores possibilidades de atuação crítica e criativa na escola. Podemos constatar isso na aplicabilidade das atividades propostas pelos quatro autores. Reitero que esses autores não são os únicos que abordam sobre os jogos teatrais na educação. Sabemos que não se esgotam aqui os estudos e pesquisas, há outros, mas esses são os mais conhecidos e de fácil abordagem. Este levantamento é apenas um recorte dentro das possibilidades do jogo teatral na educação que é possível e se faz necessário, pensando-o como um incentivo a novos começos, como um ponto de partida. Ainda para a realização desta pesquisa, foram coletadas as informações literárias disponíveis, como: artigos, livros, anais, entre outros escritores, que abordam o tema com os dados levantados em campo.

O presente estudo tem como proposta verificar se a aplicação de jogos teatrais nas oficinas/aula diminui a violência durante o recreio escolar. Os procedimentos utilizados para a coleta de dados foram: marcação de entrevista com alguns alunos, escolhi sete no total, um do segundo, dois do terceiro, dois do quarto e dois do quinto ano, com isso todas as salas foram representadas. Em seguida fizemos com alguns funcionários mediante explicação dos objetivos da pesquisa; entreguei pela manhã alguns pontos e a tarde concluí a entrevista. Realizamos anotações e observações dos entrevistados. Em seguida, as informações coletadas serviram para compreender os reais motivos das brigas e conflitos no horário do recreio escolar.

Com os dados levantados, elaborarei um plano de ação com estratégias para a aplicação dos jogos teatrais em horário oposto aos que os alunos frequentam. A mudança de comportamento dos alunos é analisada por meio de observações, anotações e depoimentos entre alunos e funcionários.

Os jogos teatrais têm uma sequência a ser seguida, iniciando com um acordo entre os participantes (atores e plateia), o tema que será proposto, e por último a estrutura do jogo,

definindo onde se passa a ação, quem serão as personagens, e qual serão as ações das personagens. Na obra *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*, de autoria de Reverbel (2010, p. 17) em que define personagens como:

Papel interpretado pelo ator numa peça. O ator não é a personagem, mas representa-a para o espectador, assumindo a personalidade, os traços psicológicos e morais da pessoa criada pela imaginação do dramaturgo. Exemplo: ator que interpreta Otelo, de Shakespeare, não é Otelo, mas seu representante em cena. (REVERBEL, 2010, p. 17)

O ator, para Boal (2015, p. 76), assim como todo ser humano, tem suas sensações, suas ações e reações mecanizadas, e por isso o autor nos diz que devemos [...] começar a ‘desmecanizar’, pelo amaciamento, para torná-lo capaz de assumir as mecanizações da personagem que vai interpretar [...]. Boal (2015, p. 76) comenta ainda que:

As mecanizações da personagem são diferentes das mecanizações do ator. É necessário que o ator volte a sentir certas emoções e sensações das quais já se desabituou, que amplifique a sua capacidade de sentir e de se expressar. (BOAL, 2015, p. 76).

Os jogos teatrais, na educação escolar, têm como objetivo ajudar aos alunos a se desenvolverem culturalmente, seja lendo, assistindo ou dramatizando clássicos do teatro, como também no crescimento pessoal, através do domínio da comunicação e do uso interativo da própria linguagem teatral, trabalhando na improvisação e na ludicidade.

Isso acontece quando os participantes se entrosam, tornando-se um grupo engajado na solução cênica de um problema de atuação. Para isso todos têm que estar dispostos a se engajar nas etapas oferecidas para o aprendizado do teatro. Quando isso acontece, os aprendizados são notáveis, que são, neste caso, a descoberta do próprio corpo, usando-o para fazer movimentos e sons; a descoberta e o experimento de todo seu potencial criativo; a atuação como vivência de pensamentos, emoções e ações de outras propostas para si; e a exposição para uma plateia.

Todas essas etapas são trabalhadas nos jogos, estimulando o contato com o corpo, conscientizando o próprio corpo com o espaço, como também como espaço do outro, estimulando o equilíbrio, a concentração, a observação, a coordenação e o ritmo. Os jogos têm o poder de envolver textos e subtextos, todas as informações e as interpretações das

informações, e isso gera infinitas possibilidades de os alunos se tornarem mais críticos e menos concretos diante do mundo. Existem jogos que fortalecem a aproximação com a criação por meio da improvisação e da representação, o que significa a oportunidade de pesquisar e vivenciar suas próprias emoções em favor da construção de um ser irreal, porém verdadeiro, que é a personagem.

Os jogos teatrais podem ser trabalhados na educação com objetivos que possam explorar as questões pedagógicas, que possam atingir toda comunidade escolar, no sentido de quem atua e de quem está assistindo, ou até mesmo sobre questões conflituosas, diagnosticadas por observações que ocorrem entre os alunos no espaço escolar.

3 JOGANDO OUTRO JOGO

No dia 5 de abril de 2019 saí de casa com uma bolsa. Nela eu tinha um bloco de anotações, uma caneta e meu celular para fotografar e filmar o recreio da escola. Estava bastante entusiasmada para fazer minha primeira observação e também um pouco apreensiva, como se fosse em um primeiro dia de aula, aquela ansiedade que bate para saber se realmente vai dar certo. Cheguei de 8h40m, fiquei no pátio esperando o sinal tocar, e pontualmente o vigia o fez soar às 9h.

Os alunos saíram correndo, disputando o lugar na fila da merenda. Alguns comiam rápido na intenção de ter mais tempo para brincar, outros se sentavam em cadeiras disponibilizadas no terraço em frente a cozinha, porque em nossa escola não há refeitório, então se apressavam com a merenda, já que são apenas quinze minutos de intervalo. Nessa correria para chegar na fila, uns acabavam esbarrando em outros, o que gerava um início de confusão. Mas, essa foi rapidamente interrompida pelo vigia, separando os meninos e colocando-os na fila. Alguns alunos, principalmente os menores, pegavam os pratos e voltavam para suas salas de aula, comiam por lá e retornavam à cozinha para deixarem o prato.

Vi um aluno arremessando seu prato em uma bacia que se encontrava em cima de uma cadeira perto da cozinha, que a merendeira tinha colocado para facilitar seu trabalho no final. Nesse arremesso, uma parte de comida que restava no prato caiu no chão. O aluno apenas deu meia volta, ignorando o que fez e seguiu correndo pelo corredor.

Segui nesse corredor que dá acesso ao quintal da escola. Este é o espaço maior que se tem. Bem no canto da parede, perto dos banheiros, havia um grupo de alunos que estavam se agarrando. Uns tentavam escapar, caiam no chão. Foi quando me aproximei e perguntei a um deles o que estavam fazendo, o garoto me respondeu que era apenas uma brincadeira de polícia e ladrão, mas para mim parecia mesmo uma briga, porque havia um chorando e os outros rindo da situação. O vigia se aproximou e disse para eles pararem com aquele “agarradi”. Em todas as partes da escola ficam pessoas olhando as crianças, no corredor, no quintal, no pátio. Elas ficam como vigilantes.

Neste dia, uma brincadeira me chamou atenção: algumas meninas corriam atrás dos meninos com uma chinela na mão, e quando os encontravam, davam chineladas e tapas.

Perguntei a uma delas porque estavam fazendo aquilo. O que parecia bem divertido para elas era constrangedor para os meninos que pediam para elas pararem. Uma das garotas me disse que era uma brincadeira e que não tinha nome, era apenas correr e bater nos meninos.

O trabalho etnográfico de contato com as crianças foi em duas dimensões. A do recreio escolar e da sala de oficina de jogos teatrais. Estas duas dimensões não são isoladas, mas dividi assim porque, em cada uma delas, acontece uma aproximação diferenciada com os alunos. Nestes espaços percebi a importância de saber como atuar neles, pois, não bastava apenas observar e anotar, era preciso saber o que observar, que anotações deveriam ser priorizadas, quais as maneiras adequadas para colocar no diário de campo, como ouvir as crianças e transcrever suas vozes.

O autor Geetz (1989, p. 7) comenta que:

Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEETZ,1989, p. 7).

A secretaria da escola me ajudou na inscrição dos alunos para participarem da oficina/aula proposta. Foi determinado que os primeiros vinte inscritos fossem os selecionados. Houve a divulgação nas salas de aula e os pretendentes apareceram. Então, essa mediação entre as crianças, seus responsáveis e eu, só veio acontecer em uma reunião que posteriormente foi marcada com as famílias dos alunos para assinarem o termo de consentimento.

Segundo Emilene Leite de Sousa (2015, p. 145), as pesquisas com crianças têm necessariamente de “[...] passar pela mediação com os adultos, que autorizam a entrada no campo e o desenvolvimento da própria pesquisa [...]”. Neste sentido, os adultos responsáveis pelos menores são os primeiros a aceitarem a presença do pesquisador. No entanto, conforme coloca Sousa, (2015, p. 145) “[...] a aceitação da pesquisa pelos adultos não significa o ser aceito pelas crianças. E sem a aceitação dos sujeitos não há pesquisa [...]”.

Cabe mencionar que a participação dos alunos foi decisiva durante todo o processo para o campo desta pesquisa. Desde o primeiro momento percebi que esta não poderia ser uma pesquisa sobre como era o recreio, mas sim, como são os alunos no recreio e o que os

jogos teatrais poderiam beneficiá-los. À medida em que fui aceita pelos alunos entrei no jogo deles, nunca deixei de ser adulta, mas, jogando com eles, pude estabelecer um tipo de contato que transcendia as posições de professora e pesquisadora. Mais adiante narro alguns episódios que foram, de certa forma, excepcionais no processo etnográfico.

Como falei antes, fui pesquisar sobre como deveria fazer as observações e transcrevê-las para o diário de pesquisa. Encontrei a autora Cardoso (1986, p. 103) que comenta que observar é “[...] contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos construindo cadeias de significação e supõe um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar [...]”.

Então fiz as anotações com cunho reflexivo e que priorizavam aspectos como: descrição do espaço físico, dos sujeitos, das reações e alterações em meu comportamento e no comportamento dos alunos, dos movimentos de entradas e saídas dos recreios e das oficinas e das situações inusitadas que vez por outra aconteciam nos locais, como na cozinha e na secretaria da escola.

O que reforça o ponto de vista de Clifford, (2008, p. 39): “[...] Os eventos e os encontros da pesquisa se tornam anotações de campo. As experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas, ou exemplos [...].”

3.1 Troco Bolinhas de gude por uma conversa

Ao longo das minhas observações no recreio escolar, percebia que existiam outras redes de relações e interações. No princípio abordava os alunos para conversar, fazendo algumas intervenções, parava um deles, aleatoriamente, e perguntava sobre o que estavam brincando, sobre as brincadeiras preferidas no recreio, se já tinham visto ou entrado em alguma confusão, tentando dessa forma interagir e obter dados para os meus registros, mas elas respondiam e saiam em seguida, sem uma aproximação mais efetiva.



Foto 4 Oficina troco bolinhas de gude por uma conversa. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Como precisava de mais registros para a pesquisa, procurei mais leituras e pesquisadores sobre o assunto. A investigação com crianças tem muitos desafios, então tem

que ser um processo criativo, que faça com que as crianças se sintam à vontade e com vontade de participar de todo o processo. O autor Delgado (2003, p.120), no artigo intitulado “Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas”, citando e colaborando com as ideias de Graue e WLSH (2003, p. 120) explica que:

A investigação com crianças, pelos inúmeros desafios que nos coloca, deve ser um processo criativo, pois os pesquisadores das infâncias partilham que estudar crianças é algo problemático, principalmente ao considerarmos as distâncias entre adultos e crianças. Temos que construir continuamente “maneiras novas e diferentes de ouvir e observar as crianças (DELGADO, 2015, apud GRAUE; WLSH, 2003, p. 120).



Foto 5 Oficina troco bolinhas de gude. Fonte: Acervo pessoal, 2019

Está afirmação acima me levou a procurar novas estratégias de abordar os alunos para poder escutá-los melhor, criando assim um momento prazeroso, tanto para mim quanto para eles. Eu tinha notado, em uma das minhas observações do recreio, os alunos brincando de bolinhas de gude. Eles nem se importavam com os gritos e correrias das outras brincadeiras, estavam atentos na por uma conversa brincadeira das bolinhas de gude. Resolvi ir no recreio seguinte com uma bacia cheia de bolas de gude, uma placa, em que estava escrito “Troco bolinhas de gude por uma conversa” e um tapete para que eu e os interessados em conversar nos sentássemos.

Eu me antecipei ao recreio, e antes que o sinal tocasse, colei a frase a altura da minha cabeça, fiquei sentada com a bacia de bolinhas próxima a mim. O sinal tocou e de imediato os alunos olharam para esse lugar. Quando saíram para o lanche se aproximaram, uns com seus pratos ainda de merenda, outros foram sentando e lanchando próximo, outros em pé, alguns eufóricos perguntando se podia ser o primeiro a contar sua história, e em questão de minutos eu tinha ao meu redor dezenas de alunos falando que queriam conversar.

Escutei muitas histórias. Falaram um pouco de tudo, do recreio, da merenda, das confusões, falaram de como agiriam se fossem gestor daquela escola, falaram porque aconteciam as brigas, o que fariam para acabar com elas, e que queriam entrar na oficina de jogos teatrais. Fui anotando tudo que podia e pedi ao diretor da escola para fotografar aquele momento. Era uma tempestade de histórias. Interessante, que antes de iniciar, falei que existiam algumas regras, que só podia falar um de cada vez, e apenas uma única vez, para que outros alunos pudessem participar, já que o recreio iria acabar em quinze minutos.

Assim combinamos e assim aconteceu, não houve nenhum atropelo, eu e os demais pudemos ouvir a todos que naquele momento contavam as histórias. O único problema foi o tempo, passou rápido demais e nem todos os alunos que queriam falar puderam ser contemplados. Marquei de voltar em outro recreio para ouvir todas as histórias. Neste caso os alunos participaram de maneira espontânea, não era uma entrevista na qual eu precisava de uma autorização para que eles me respondessem. Foram apenas conversas. Os alunos estavam confortáveis ao falar e foi mais uma maneira que eu encontrei de me aproximar deles e saber o que pensam sobre o recreio escolar.

Essa maneira de abordar os alunos é apenas mais uma das inúmeras formas que podemos criar para chegar mais perto deles. Com essa troca de bolinhas por uma conversa eu escutei quem realmente estava disposto a conversar, a contar suas histórias, a ouvir as outras narradas pelos seus colegas de uma maneira espontânea. Tive outras experiências de escuta dos alunos, seja no recreio ou nas oficinas de jogos teatrais, mas na oficina será apenas com o grupo focal, a escuta será mais restrita, não menos significativa, com certeza ambas são de muita reflexão e aprendizado para essa pesquisa.

Não basta apenas a observação no recreio, de como estão se comportando nele, ou como irão receber os jogos teatrais nas oficinas e relatar sobre isso no diário de bordo, vai além disso, se eu não estiver envolvida com eles nesses espaços, de perceber a disponibilidade de cada um, jamais irei ter um relato verídico, nem tão pouco sensível. Isso só é possível junto a eles, conhecendo seus anseios, suas angústias, seus conflitos que passam naquele ambiente escolar. No que se refere a este aspecto o autor Silva (2018, p. 58) comenta que:

Neste sentido, acredito que a única maneira possível de encontrar algum procedimento que colaborasse na mudança de foco de atenção das crianças era educar minha sensibilidade, a fim de perceber quais ações propostas eram escolhidas com mais satisfação pelas crianças para, então, poder organizá-las de maneira que as realizassem com envolvimento e sem utilizar os hábitos usuais de movimento, tais como agressão ao outro. Entendi que educar com sensibilidade é estar atento à maneira como a criança está a cada dia, seja relacionada a atenção, a organização corporal, ao seu humor ou ao seu estado de saúde (SILVA, 2018, p. 58).

Quando me colocava na posição distanciada, seja na observação do recreio e ou nas conversas com eles, às leituras e referências se tornavam maneiras para entender tudo o que estava acontecendo. Cada vez que ficava distante, facilitava a escrita, as teorias se tornavam mais entendíveis, porque tinha participado junto com as crianças em algumas experiências. Então, com subsídios das teorias como ponto de partida, consegui entender melhor o que os

jogos pretendiam, como tudo acontecia e como se davam as regras na prática, vivenciando a sensibilidade da experiência e facilitando a minha escrita no diário de campo.

4 FORA DOS MUROS DA ESCOLA: REFLEXÃO INTRA ESCOLAR

Após ter esse contato com os alunos, por meio das conversas e observações realizadas particularmente na hora do recreio escolar, percebi-os mais próximos. A partir daqui me senti confortável em fazer o convite para participarem das oficinas de jogos teatrais, que aconteceria em horário oposto ao que estudavam.

Os professores me ajudaram com os avisos em suas salas de aula e na secretaria da escola os funcionários realizavam as inscrições à medida que as pessoas chegavam. Para a minha satisfação, no mesmo dia anunciado, todas as inscrições foram preenchidas. Marquei uma reunião com os pais e responsáveis pelos alunos matriculados na oficina para explicar a pesquisa e sobre o impacto que aquelas estratégias metodológicas poderiam promover no recreio da escola.

Li para eles, antes de assinarem, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que contêm detalhes sobre a pesquisa. Aproveitei esse momento para conversar com eles a respeito do recreio, se tinham o costume de visitar a escola nesse horário e se os filhos comentavam. Alguns pais falaram que era um recreio muito bagunçado, que os filhos chegavam em casa reclamando, e outros falaram que nunca tinham vindo a escola nesse horário, então não saberiam opinar. Ao final peguei o contato de todos e nos despedimos.

Com as fichas de inscrição e os termos em mãos, era chegada a hora de selecionar por temas os jogos teatrais de Spolin (2008) e Boal (2015). Foram 28 oficinas/aula de aproximadamente duas horas de duração cada uma. Para elaborar o plano de ação, conteúdos, os objetivos que pretendia alcançar com aqueles jogos, os procedimentos que deveria realizar, o tempo estimado de cada aula e a avaliação.

Para que isso fosse possível seguimos os passos de Reverbel (2009), que em seu livro Jogos Teatrais na Escola (2010) detalha o plano de ação para cada aula, como mencionamos no capítulo anterior. A autora organiza cada aula com um determinado objetivo, um conteúdo e os procedimentos que devem ser realizados, finalizando com uma avaliação do encontro. No item abaixo relatarei como foram elaboradas e realizadas oficinas/aulas. Com o grupo focal formado, marquei nosso primeiro encontro para o dia 12 de abril de 2019. Ao chegar na escola fui recebida por alguns alunos. Chegaram primeiro do que eu para a oficina/aula. Eles me perguntaram que jogos iríamos fazer naquele dia. Falei que antes de iniciar, faríamos

nossos combinados, para que a aula fosse mais prazerosa. Enquanto professora, eu tentava construir uma relação dialógica com os alunos.

Então, combinamos algumas “regras” como acordo coletivo, como de não interromper o colega na hora em que ele estivesse falando, colaborar com a dinâmica da oficina não falando todos ao mesmo tempo, chegar pontualmente, não levar brinquedos, evitar circular pela sala na hora das apresentações dos jogos. Todos concordaram e a cada início das oficinas reforçávamos o nosso acordo.

A partir disso as regras dos jogos teatrais também foram acolhidas positivamente. Ninguém mais ficava com raiva (houve isso em encontro anterior) por não ser os primeiros e começou a ser mais prazeroso jogar. Isso foi acontecendo naturalmente durante as oficinas, agora eles já ouvem sem interromper, já conseguem entender a proposta do jogo. Acontece uma hora ou outra de alguém interromper, mas é muito raro, e quando ocorre os próprios colegas lembram das regras e tudo volta a fluir.

Um dia estávamos em processo criativo, escutando histórias que os alunos viram ou delas participaram durante o recreio, quando em seguida escolhemos uma história narrada. Na história havia uma briga, na qual os alunos envolvidos foram para a secretaria, algo comum em todas as outras histórias. Então decidimos o roteiro, ensaiamos em alguns encontros e resolvemos apresentar para a turma do 5º ano. Alguns alunos ficaram apreensíveis por se tratar da turma que tinha alunos mais velhos que eles. Mas, os próprios colegas os encorajaram, dizendo que eles (do 5º ano) tinham que ouvir o que eles tinham a dizer sobre o recreio, pois se queixavam que os do 5º ano eram os que mais brigavam na hora do recreio.

Depois desta experiência, raramente os acordos foram quebrados, aos poucos eles iam se habituando e assim facilitando o andamento das aulas, os mais demorados a internalizar as “regras” foram RN e FS, mas estão conseguindo. Essas alterações de comportamentos foram algumas das observações que coloquei em meu diário de pesquisa de campo.

Pensando no recreio e nas confusões que nele existem, como também nas salas de aula, acabei refletindo sobre os acordos que não são acordados junto aos alunos nesses ambientes e que as possíveis regras, assim como nos jogos, poderiam melhorar o recreio dos alunos, isso feito com elas e para elas. Sobre este aspecto Gonçalves (2014, p. 17) esclarece que:

É preciso recomeçar. Reinventar uma estrutura cujo foco esteja centrado no aluno, na aprendizagem e não no professor de ensino. É urgente essa transformação. A escola é o lugar da aprendizagem e não do erro (GONÇALVES, 2014, p. 17).

Neste sentido corroboramos com a autora. Essa transformação se faz necessária, urgente, e não a passos lentos como vem sendo. Professores, gestores e alunos precisam dialogar, escutar uns aos outros. Precisamos parar para escutar os alunos, todos têm muito a contribuir. Essa parceria só é possível através de novas experiências, pois as que temos na escola não estão dando conta. Nas oficinas dos jogos teatrais todos falam, todos ouvem, todos participam, então por que isso não pode ser levado para todos os ambientes da escola? Você já parou em meio a um recreio escolar para ouvir histórias de seus alunos? Pois é, foi lá que encontramos histórias fantásticas e ao mesmo tempo fomos criando vínculos afetivos.

4.1 Os encontros

Conforme fui pesquisando os jogos, percebi uma variedade infinita de atividades que poderiam ser desenvolvidas nas oficinas/aula, mas priorizei de início as que trabalhassem o relacionamento, uma vez que o objetivo dessa pesquisa é justamente analisar o impacto da prática do jogo teatral na hora do recreio escolar, promovendo uma mudança no convívio entre eles. Com os jogos inicialmente direcionados a esse tema os alunos terão a oportunidade de conviver com os outros, respeitar o outro em qualquer espaço, como também para o bom desenvolvimento da oficina/aula. Reverbel (2013. p. 23) comenta que:

Deveríamos considerar em primeiro lugar o relacionamento social, pois, mais bem relacionados, os alunos se tornariam mais espontâneos e juntos poderiam imaginar situações com novas linguagens; nesta etapa passariam a observar o mundo e os outros, e procurariam perceber tudo em seus menores detalhes. (REVERBEL, 2013, p. 23).

A convivência entre os alunos durante as oficinas/aula foram proporcionando um bom relacionamento, porque irá favorecer o autoconhecimento e o conhecimento do outro. As atividades escolhidas para esse tema fazem com que os participantes percebam que podem agir e pensar da maneira deles e os colegas, de outra, sabendo que não há o certo e o errado. Constatarão que são jeitos diferentes de se expressarem.

Isso vale para qualquer relacionamento e espaço em que estiverem frequentando. Na oficina isso é incentivado e desenvolvido junto a eles, o que deveria acontecer, na minha

opinião, em todas as salas de aula, nas outras disciplinas, antes de começarem o trabalho daquele dia.

4.1.1 Relacionamento

Escolhi para esse tema uma sequência de exercícios do livro de Boal (2015), intitulado *Jogos para atores e não atores*. Na primeira categoria selecionei a quarta série: *Jogos de integração*, em que o ponto principal é a sensibilidade ao toque. Na terceira categoria as Séries do cego, que ajuda a desenvolver a capacidade de perceber o mundo exterior. No decorrer dos encontros, os alunos experimentaram a visão, o som, o contato físico, o movimento que devem fazer com o colega, passando e sentindo confiança neles. Acreditamos que estes jogos devem trazer um conhecimento maior da turma, ajudando-os a conviver melhor no espaço escolar, transformando a convivência, que é desgastada pelos conflitos, em uma relação harmoniosa e afetuosa. De acordo com Boal (2015, p. 15):

O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. O teatro pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperar por ele (BOAL, 2015, p. 15).

Para o autor, teatro tem esse potencial transformador e faz com que as pessoas tenham iniciativa e consciência de si e do outro, sendo ainda uma ação participativa, tendo nos jogos um vasto instrumento educativo.

4.1.2 Espontaneidade

Neste item se espera que os alunos não tenham medo de se expressar sobre os seus pensamentos, se estão certos ou errados. Eles devem se sentir confiantes e se comportarem com naturalidade, sem medo de falar o que pensam. Os jogos escolhidos têm o intuito de favorecer um melhor desenvolvimento de suas potencialidades expressivas.

As atividades escolhidas são do livro da autora Spolin (2008), intitulado *Jogos Teatrais na Sala de Aula*. As atividades estão detalhadas no capítulo nove: *Onde, Quem, O que?*. Esses termos, amplos e neutros, são particularmente úteis para nossa oficina, pois, leva os jogadores a incluir o ambiente, o relacionamento e a realidade cotidiana.

Sempre me coloco em uma posição de descoberta, adaptando as atividades, pensando nas conversas que tive com os alunos. Relacionando alguns pontos como os conflitos e brigas denunciados por eles, trabalhando de uma forma que se tornem conscientes. É importante destacar que a espontaneidade pode aumentar a medida em que os alunos souberem expressar seus sentimentos, suas emoções. Esses jogos de Spolin levam os participantes a verbalizar seus sentimentos, até mesmo aqueles mais tímidos, como também os que mais entram em “confusões” no recreio.

Sobre este aspecto Spolin (2008, p. 33) afirma que:

Acredite no foco do jogo e observe a superação da rotina. Permita que todos joguem e descubra a criatividade oculta naqueles alunos cujo desempenho escolar é normalmente insatisfatório. Seja paciente. Logo descobrirá que a mesma criança menos responsável ficará orgulhosa daquilo que está fazendo. (SPOLIN, 2008, p. 33).

A autora elenca várias perguntas para serem feitas antes de começar os exercícios, pois, o intuito é fazer um debate com o grupo sobre o tópico escolhido para aquela aula. No tema do “Onde”, os participantes discutem, respondem perguntas detalhadas, e podem chegar a uma conclusão que Spolin (2008, p. 124) destaca “[...] Nós sabemos onde estamos através dos objetos físicos à nossa volta [...]. Neste ponto, em que a premissa básica for acertada, passa-se as perguntas mais específicas e em seguida a realização dos jogos.

De forma similar é a introdução do Quem? Perguntas do tipo: Você pode me dizer qual é a diferença entre dois colegas de escola e dois estranhos (?) e de duas pessoas que acabaram de se encontrar? São perguntas deste tipo que os alunos espontaneamente vão concordando ou discordando dos posicionamentos dos colegas, além de perceberem que as pessoas nos mostram quem elas são, não por aquilo que dizem sobre si mesmas, mas por meio de suas atitudes.

Spolin (2008, p.125) reforça que “[...] a utilização de jogos do Quem durante a oficina de jogos teatrais vai abrir a visão dos jogadores para uma observação mais clara do cotidiano [...]. Esse trecho me remete aos espaços da escola onde eles estão inseridos, particularmente

na hora do recreio, nos corredores, no pátio, no quintal, no banheiro, na secretaria da escola, trará uma compreensão mais profunda sobre como, no cotidiano desses espaços, revelamos a nós mesmos para o outro. Só depois dessas conquistas tem início os exercícios do “Quem ?”.

A autora discute, da mesma forma, os jogos do “O Que?”. Na medida em que as perguntas forem progredindo, os jogadores irão concluir que nós usualmente temos alguma necessidade para estar onde estamos e fazer o que fazemos. Trabalhando algumas cenas os alunos vão manipular alguns adereços e objetos, para irem aos lugares específicos, atuando de determinada forma na área do jogo. A ação de cena “O Que?”, é a interação da personagem com outra personagem e da personagem com o cenário. Nesse capítulo, Spolin, (2008, p. 126) descreve que:

Ação: Abrir-se para o exterior, interagindo com o ambiente, inclusive o ambiente humano (que por sua vez age sobre o jogador). Ação cria processo e transformação, tornando possível a construção de uma cena (SPOLIN, 2008, p. 126).

A espontaneidade vai surgindo em cada jogo. Eles vão encontrando suas possibilidades de comunicação com o outro, esperando sua vez de falar, ouvindo o que o outro tem a dizer, concordar ou discordar, desenvolvendo a escuta e a linguagem verbal para resolver e entender certas situações.

4.1.3 Imaginação

Esse tema é a arte de formar imagens e está diretamente ligada à observação, à percepção e a memória. Como bem ressaltou Reverbel (2010, p. 74) “[...] a imaginação é o produto de uma ação do pensamento, que pode ser representado por meios das linguagens corporal, verbal, gestual, gráfica, musical e plástica [...].”.

Portanto, são imprescindíveis atividades que contemplam às diversas maneiras de expressão. Com os jogos aplicados corretamente darei condições aos alunos para desenvolverem a imaginação, fazendo com que eles questionem, por si mesmos, verificando suas contradições e refazendo seus conceitos.

O foco aqui será estimulá-los com perguntas e comparações, com isso eles passarão a refletir e a usar sua imaginação com mais liberdade. Tornando-os conscientes. A imaginação

levará os alunos a buscarem soluções não convencionais para resolverem uma situação usual da vivência de cada um. Quando concretizarem algumas situações do recreio, eles terão um significado mais amplo e positivo na postura cotidiana naquele espaço.

Apresento aqui os jogos da quinta categoria de Boal (2010, p. 211): A memória dos sentidos. A série ajuda os alunos a relacionar a memória, a emoção e a imaginação, tanto no momento de preparar uma cena para o teatro quanto estiverem preparando uma ação futura, na realidade. Os jogadores desenvolvem a imaginação em todos os exercícios propostos. Lembranças do que aconteceu anteriormente serão estimuladas, no intuito de provocar uma sensação análoga naquele momento. Como apresentamos anteriormente Boal (2010, p. 211) explica que:

Se bato em minha mão agora, sinto a dor agora mesmo; se me lembro de ter machucado ontem, posso provocar em mim uma sensação análoga hoje. Não é a mesma dor, mas a memória dessa dor. (BOAL, 2010, p. 211).

Fazer os alunos lembrarem de algo que aconteceu no recreio, tentando despertar emoções, sensações que sentiram, e junto com eles trazer para cena vários elementos que não existiam na versão original, fará com que os alunos participem de uma nova criação de história, partindo da realidade e usando a ficção. Provocando sensações fortes e de reflexão.

4.1.4 Observação

Os jogos iniciais de observação propostos na oficina servem como ponto de partida para a criação. Estimular os alunos a observarem pessoas, fatos que acontecem na escola e objetos, é importante para retratar a realidade e respeitar outros pontos de vista. O aluno, assim como qualquer pessoa, observa particularmente o que é interessante. O desafio desse tema é propor atividades que eles sintam curiosidade e interesse. Aqui os jogadores descobrem muito sobre eles, jogando e representando situações que consideramos corriqueiras.

Sendo assim, as atividades direcionadas para esse tema também são de Boal (2010). Elas se encontram na quinta categoria: Ver tudo que se olha. Os exercícios desenvolvem a capacidade de observação pelo diálogo visual entre duas ou mais pessoas. Antes do término dessa parte da oficina, se faz necessário levar os alunos a observarem um espetáculo, já que os

mesmos nunca assistiram a um, nem tão pouco conhecem um teatro. Mais adiante trato dessa viagem, de como tudo ocorreu e os benefícios que ela trouxe para nossa pesquisa.

4.2 A Viagem

A experiência teatral até então que os alunos conheciam era apenas o teatro na escola, uma experiência amarrada em torno de uma sala de aula, mas que trabalhamos todo o “fazer teatro” dentro desse espaço como também em outros espaços da instituição. Na oficina de jogos teatrais com o grupo focal, trabalhamos os jogos e vamos desenvolvendo o processo criativo daquele dia, após esse processo escolhemos uma sala de aula para nos apresentarmos. Combinamos os personagens, suas falas, marcações e em seguida solicitamos um tempo a professora para a apresentação.

Depois disso, sempre fazemos uma avaliação do que foi proposto para aquele dia e para aquela turma, não fazemos ensaios prolongados, porque o intuito é dialogar sobre o processo de criação do dia, o que nos traz um ganho enorme de repertório a cada encontro. Desenvolver o olhar crítico sobre o próprio trabalho e o trabalho do colega é condição primordial para o desenvolvimento desta pesquisa. Temos o intuito, no final de todas essas oficinas, de montar um espetáculo, o que já vem se costurando ao longo desses processos criativos. Essas avaliações não são tarefas fáceis, porém são dinâmicas, como se refere Reverbel (2009, p. 122):

Avaliar, atualmente, é uma tarefa difícil porque passou a ser dinâmica. O professor e o aluno mantêm constante diálogo, num clima de liberdade e respeito. O aluno é um ser em desenvolvimento, que se movimenta no espaço real, executando atividades que contribuem para a formação de sua personalidade. Tanto durante as atividades como nos debates posteriores com seus companheiros de classe, entre os quais figura o professor, o aluno observa, analisa, percebe detalhes, desenvolvendo assim, dia a dia, o seu senso crítico (REVERBEL, 2009, p. 122).

Sendo assim, para que a aprendizagem seja um processo cativante para o aluno é preciso desenvolver seu senso de observação, análise e crítica, e isso foi acontecendo gradativamente em nossos encontros. Pensando na proposta de levar meus alunos ao teatro, veio-me a ideia de eles terem outro tipo de experiência, de observação, dessa vez proporcionada por um ambiente novo, em uma cidade longe da nossa, em um lugar totalmente

diferente do que costumam frequentar e com um espetáculo de um grupo de teatro profissional. Começou aqui a busca do “destino”.

Entrei em contato com um colega do mestrado, que mora em Campina Grande (PB), interior do Estado, e consegui o contato do responsável pelo Teatro Municipal Severino Cabral. O mesmo me passou a agenda dos espetáculos dos meses de abril e maio de 2019. Quando vi a lista me interessei pelo espetáculo “Dom Quixote”, do Grupo de Teatro Loucos do Palco, do Rio Grande do Sul. Fui nas redes sociais do grupo para ter maiores informações sobre o espetáculo, consegui conversar com o diretor que me passou o link no *YouTube* para que eu o pudesse assistir na íntegra, me passou toda a ficha técnica e algumas imagens. Nesse meio tempo, nós (eu e o diretor da escola) entramos em contato com o secretário de educação do município e solicitamos um ônibus para essa viagem. Com a confirmação, passei a trabalhar com os alunos a nossa ida ao teatro.

4.3 Arrumando as malas

Fiquei um pouco apreensiva, não sabia qual a reação e o comportamento que os alunos teriam com o teatro, uma vez que alguns são bastante inquietos e têm facilidade de divagar. Procurei da melhor forma algumas estratégias para prepará-los para esse momento, visando dinamizar a recepção do espetáculo. A seguir, apresento detalhadamente o passo a passo.

O espetáculo é protagonizado apenas por dois atores. O cavaleiro andante vive suas aventuras ao lado do inseparável Sancho Pança, enfrentando perigos e inimigos inimagináveis pelas estradas da Catalunha e De La Mancha. Dom Quixote de tanto ler histórias de cavalaria resolveu aventurar-se pelo mundo, na esperança de vivê-las e tinha um sonho de encontrar sua amada, a doce Dulcinea. Dom Quixote é um dos maiores personagens da literatura mundial, criado por Miguel de Cervantes. Depois dos jogos de aquecimento, sentamos no chão em uma roda, iniciei uma contação de história para eles. Era mais ou menos assim:

Há muito tempo atrás, uma garotinha sonhava em ser bailarina, brincava disso, assistia vídeos, lia sobre isso... Tudo que fosse referente a balé ela gostava, seu maior sonho era se tornar uma bailarina. Ela descobriu que estavam selecionando garotas para participarem de uma escola de balé. Foi até lá, conversou com o professor que estava fazendo a seleção, mas para sua tristeza o homem disse que ela não parecia estar pronta naquele momento. Foi para casa abatida, mas continuava com esse sonho, queria ser bailarina daquela escola. Muito tempo depois, a escola abriu novas vagas, dessa vez ela tinha enormes esperanças de entrar, se achava

pronta, mais uma vez foi decepcionada pelo professor, que disse a mesma frase para ela. Anos depois ela soube de uma apresentação de balé em sua cidade, foi assistir, quando viu ao final do espetáculo que o diretor era aquele mesmo homem que a fez desistir de seu maior sonho, foi até ele, se apresentou e falou que ele era culpado dela ter desistido do maior sonho dela, que era de ser bailarina. Ele apenas respondeu ‘Perdoe-me, minha filha, mas você nunca poderia ter sido uma bailarina, se foi capaz de abandonar seu sonho pela opinião de outra pessoa. (Coletânea de textos. Programa de formação de professores. Ministério da Educação, 2001).⁴

Quando finalizei a história, falei um pouco sobre como essa narrativa tinha me trazido lembranças de alguns sonhos que eu tive quando criança e por algum motivo tinha desistido, e quais sonhos eu realmente corri atrás e corro para outros até hoje. Em seguida, espontaneamente, os alunos foram falando sobre seus sonhos, a conversa se prolongou por um bom tempo.

Neste momento, dividi a classe em dois grupos e entreguei algumas perguntas para responderem. No papel tinha escrito: Quem era? Onde estava? O que disse? O que disseram as pessoas? Como acabou? Depois que responderam pedi que fizessem um roteiro e o apresentassem. Esse exercício tinha como objetivo apresentar, dentre as inúmeras formas que existem, uma de se fazer uma cena.

Colocamos algumas questões na roda de conversa sobre o que os grupos apresentaram, como, por exemplo, se os grupos tiveram dificuldades em transformar o roteiro em cena (?), se houve conexão com o roteiro (?), se precisavam de intenção, em todas as questões tivemos pontos a serem analisados pelos grupos. Um aluno falou que “[...] realmente é difícil fazer uma história em grupo, imagina sozinho, cada um quer de um jeito [...].” Como fizemos essa análise dos roteiros deles, achei que seria a hora de apresentar a narrativa do espetáculo que iríamos assistir. Foquei na narrativa para que no dia da apresentação observassem com maior destaque esse elemento e após fazermos nossa avaliação.

Em outro encontro com o grupo apresentei a obra literária em slides, conversamos sobre a narrativa da obra, sobre os personagens, sobre a maneira que eles encaravam a vida e sobre os sonhos de Dom Quixote. Não mostrei muita coisa, para não perder a essência no dia da apresentação. Nessa roda de conversa voltamos a falar dos sonhos de cada um. Depois dessa conversa coloquei os slides do grupo de teatro Loucos de Palco, do Rio Grande do Sul, como também toda a ficha do espetáculo, com isso fomos conversando sobre cada item,

⁴ Coletânea de textos do Programa de Formação de Professores. Ministério da Educação, Brasília, 2001. Disponível em: <https://bitly.com/5LsVv>. Acesso em: 20 Mar. 2020.

cenário, iluminação, figurino, elenco, direção e outros detalhes.

Selecionei um pequeno trecho do espetáculo em que os personagens andavam de um lado para o outro atrás da amada “Dulcinea” e pedi que observassem como os atores que andavam em cena e como eram esses gestos para aquela narrativa. Poderia também trabalhar outros elementos de linguagem da encenação, como a iluminação, o figurino e outros, mas, me detive na narrativa e nos gestos. Depois propus para os alunos alguns jogos de movimento rítmico que focalizavam a exploração e a consciência do próprio corpo em movimento.

Os jogos escolhidos foram: Caminhada no Espaço 1, Caminhada no Espaço 2, Caminhada no Espaço 3, que se encontram nas páginas 72, 73 e 74 do livro *Jogos teatrais na sala de aula*, de Viola Spolin (2008). Em seguida, tentamos compreender quais estratégias aqueles atores usaram para os gestos específicos na cena que estávamos observando, visando uma aproximação prévia com o universo cênico daquela encenação. Desranges (2006, p. 166) chama esse tipo de atividade de desmontagem. Para o autor:

A perspectiva da desmontagem está apoiada na ideia de se efetivar uma arte do espectador, tratando este como um artista em processo, propondo-lhe exercícios teatrais que se assemelham aos desenvolvidos por um grupo teatral durante a montagem (DESGRANGES, 2006, p. 166).

Quanto mais íntimos dos variados aspectos e da temática e as possibilidades expressivas dos elementos de linguagem em foco, naquela encenação, mais disponíveis para empreender um percurso próprio na análise das cenas em questão. Recordo-me que o aluno Roanderson falou que os atores andavam do jeito do avô dele, com os “[...] pés arrastando no chão [...].” Com isso ele fez a demonstração para o grupo como o avô caminhava, elaborando criativamente uma narrativa, enquanto imitava seu avô andando.

Segundo Desranges (2006, p. 171), o que se pretende não é fechar uma leitura, ou apontar um “[...] jeito certo de compreender a obra, mas sensibilizar o espectador para alguns aspectos do espetáculo, estimulando-o a efetivar uma análise pessoal da cena [...]”. Durante os encontros, seguimos realizando esse tipo de atividade, usando sempre jogos teatrais, visando estimular várias interpretações que os alunos pudesse oferecer, até que chegou o dia de nossa viagem.

4.4 Dia da viagem

Com as autorizações em mãos os alunos chegaram à escola antes do horário combinado para a viagem, muito ansiosos e todos produzidos lindamente, traziam consigo água e lanche. Quando o ônibus chegou, fizemos uma fila e fui fazendo a chamada pelas autorizações. Entraram todos e Roanderson pediu para sentar ao meu lado. Durante toda a viagem me contou sobre sua vida, uma criança de 10 anos, mas que tinha muitas histórias de vida. Na escola ele é conhecido como o aluno que mais briga, que entra em confusões, tanto na sala de aula como no recreio. É o que mais é convidado a sair de sala e ir para secretaria. É o mais rotulado pelos colegas. Isso desde que iniciou sua trajetória escolar.

Durante os 72 quilômetros do município de Barra de Santa Rosa até Campina Grande pude conhecer Roanderson. Segundo ele, filho de pais drogados, que foi agredido aos seis meses pelo pai e que a sua própria mãe acobertou o seu pai. Uma senhora com mais de 60 anos o adotou. Os pais biológicos cumpriram pena de prisão por furto e hoje vivem em uma cidade vizinha. Me falou que sua mãe, a que o criou, passou mal e ele que foi chamar a vizinha, mas infelizmente sua mãe não resistiu e faleceu. Hoje ele é criado pelo filho dessa senhora, um pedido da mãe antes de morrer.

Está é resumidamente a história de Roanderson, no entanto, ele contou todos os detalhes de cada acontecimento. Me contava sem demonstrar tristeza nem tão pouco o oposto disso, apenas contava, como quem queria que eu soubesse de tudo. Eu escutava atentamente, mas sabia de toda sua história, todos da escola a conhecem. Fiquei feliz quando Roanderson disse sim para participar de nossa pesquisa e mais ainda por ele estar cada vez mais se identificando com as aulas na oficina/aula.

Depois de quase uma hora e quarenta minutos de viagem, chegamos em Campina Grande. Ficamos em frente ao teatro e conversei com eles a respeito de algumas regras que o teatro tem, principalmente, que a parte do lanche eles deixassem no ônibus, pois, não era permitido levar alimento para dentro da sala. O responsável pela entrada no teatro reforçou para todos o que eu tinha falado. Fizemos uma fila para a entrada.

Eu estava atenta aos alunos, prestando atenção ora em um, ora em outro para poder fazer minhas observações e anotações em meu diário de bordo, isso quando chegasse em casa. Precisava também dessas observações para o nosso retorno na oficina. Era nítido o encantamento deles com a parte arquitetônica, olhavam para todos os lugares e conversavam

entre eles mostrando as descobertas. Tudo era novidade, até o banheiro foi motivo de euforia, o tapete vermelho, as cadeiras também chamaram a atenção deles, e chamaram de cadeira de balanço.

Era um espetáculo interativo, então perguntaram se eu e os alunos queríamos subir ao palco para assistir. Não tivemos dúvidas, aceitamos o convite. Apagam as luzes, algumas crianças gritaram, Roanderson segura em minha mão, inicia o espetáculo. Na narrativa Dom Quixote vê um gigante e mostra para seu companheiro Sancho. Nessa cena os personagens aproximaram-se de onde estávamos, um deles disse que o gigante era Roanderson, que imediatamente colocou as duas mãos no rosto, deixando algumas brechas entre os dedos, talvez tenha ficado envergonhado com a aquela situação, mas, demonstrava com risos que estava gostando.



Foto 6: Momento em que aluna sobe no palco para interagir com atores. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Outra cena que houve interação com meus alunos foi quando Dom Quixote procura Dulcineia, e diz que é uma aluna minha, leva-a para o centro do palco, oferece-lhe uma flor e faz uma declaração de amor. Antes tínhamos comentado sobre quem ele iria convidar para esse momento, e para nossa surpresa foi uma das nossas alunas. Os alunos estavam em silêncio, prestando atenção a tudo o que acontecia no palco, mas vibraram nessa hora de Dulcineia, como se fosse um prêmio eles terem

escolhido nossa aluna. Ela ficou com a rosa até o final do espetáculo como um troféu. Como bem ressalta Koudela (2019, p. 20) e como é maravilhoso perceber os “[...] momentos de silêncio intenso e atenção quando o espetáculo promove a fruição estética na qual se dá a aprendizagem deste instrumento maravilhoso de educação que é o teatro [...]”.

Possibilitar essa experiência aos alunos foi muito além das minhas expectativas. No início meu objetivo era tentar fazer com que os alunos do grupo focal vissem com mais propriedade os elementos de um espetáculo e que isso os ajudasse na hora de nossos processos criativos. Mas, ao vê-los naquele lugar, percebi que vai muito além desses objetivos. Essas crianças, provavelmente, pelo diagnóstico que fiz nas escolas do município, não teriam outra oportunidade de ir ao teatro. Nossa cidade tem 60 anos de emancipação e em nenhum momento algum professor ofereceu essa possibilidade aos alunos.



Foto 7 Alunos na frente do Teatro Municipal Severino Cabral, C. Grande. Fonte: Acervo pessoal, 2019

Isso não significa que os alunos não tenham uma vasta bagagem de espectadores que adquiriram de muitas outras linguagens, mas, a relação com o teatro e com os elementos componentes dessa linguagem só são adquiridos por ela. Como diz Ferreira (2012, p. 56) “[...] propiciar às crianças idas ao teatro e fazer desses momentos (festivos) espaços de conhecer, de viver e de pensar teatro é muito importante [...]”.

A escola é a principal mediação entre esses alunos e o teatro, uma vez que a maioria possui entre 10 e 11 anos de idade e nem sequer tiveram uma experiência parecida como essa.

4.5 Desembarque

Nossa viagem de volta foi regada a muitas conversas. Fiquei só observando sem interviro nos, diálogos. Apenas Roanderson que ora ou outra me em Campina Grande contava histórias de “malassombro”, isso quando estávamos na estrada. Ele tem uma imaginação fantástica. Chegamos em Barra de Santa Rosa às 19h30, nos despedimos com frases do tipo: “Obrigada professora”, “Quando vamos de novo?”, “Manda as fotos para minha mãe, professora”...

Até o próximo encontro com o grupo eu fiquei mergulhada no meu diário de bordo, colocando todas as observações que consegui fazer, as vozes dos alunos, e de como foi uma viagem harmoniosa. Quando me refiro a harmoniosa, quero dizer que nossa viagem foi agradável, sem conflitos. Enquanto grupo, a ida ao teatro fortaleceu ainda mais nosso vínculo. Sobre vínculo Gonsalves (2014, p. 73) comenta que é [...] a ferramenta maior das transformações pessoais, manifestando-se com um devir, numa construção contínua [...].

Quando desembarcamos na oficina/aula, foi o dia de abrir as malas e mostrar tudo que tínhamos trazido nela. Fizemos uma grande roda e conversamos sobre o espetáculo. De início foi aquela tempestade de conversa, naquele momento achei necessário, deixei fluir. Bem depois, fui colocando umas questões que ainda não tinham sido abordadas, como o que acharam do figurino dos atores, as cores, por que os atores estavam usando aquele tipo de

vestimenta, até que um aluno disse que a roupa era de acordo com a história, e acrescentou: “[...] poderíamos fazer nossos próprios figurinos para nossas apresentações [...]”.

Roanderson disse que tínhamos que colocar música em nossas apresentações, porque chama atenção da plateia, um aluno que sabe tocar violão se prontificou a trazer o dele no próximo encontro e assim juntos escolhermos qual daria certo. Uma aluna sugeriu que

tínhamos que interagir com a plateia: “[...] já que vamos nas salas de outras turmas nos espetáculos apresentar, vamos colocar situações para que eles participem também [...]”. E assim prosseguimos durante todo encontro. Foi um encontro para conversarmos e avaliarmos até nossas apresentações, não comparando com o que o assistimos, mas o que poderíamos refletir sobre o que vivemos.



Foto 8 Alunos e professores com os atores do espetáculo. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No final do encontro Roanderson pediu para mostrar um jogo que tinha pesquisado na internet, um jogo teatral inglês, que segundo ele traduziu pelo Google. O jogo simulava um óculos invisível e que só quem estava com ele poderia ver algumas coisas, esse jogador descrevia o que estava vendo, dando pistas, os colegas teriam que adivinhar que objeto ou animal era aquele. Perguntei se a turma queria jogar, e todos concordaram.

Fiquei pensando, será que Roanderson pesquisou o tipo de estratégia que os atores usaram para fazer as várias cenas? As que Dom Quixote via cavalarias, gigantes, Dulcineia? Porque ele foi uma das pessoas que participou desse momento, quando Dom Quixote o comparou com um gigante. Se realmente foi isso, acredito que esse aluno se manifestou criativamente sobre a cena que participou com os atores e sobre o espetáculo, elaborando compreensões que foram além de minhas observações.

Temos muitas coisas para discutir, a ida ao teatro realmente abriu um leque de questões, que antes, só tentando exemplificar não era claro para eles, tivemos que ir ao teatro, ver como se faz, viver essa experiência, para que as questões venham a tornar com mais praticidade. Tenho certeza que essa viagem contribuiu e contribuirá para nossos processos criativos.

5 MEMÓRIA, LEMBRANDO ONTEM

O principal teor deste trabalho é analisar o impacto da prática do jogo teatral na hora do recreio escolar e promover uma mudança no convívio entre os alunos da EMEF Cícera da Silva Sousa, em Barra de Santa Rosa (PB), por intermédio da linguagem artística, fazendo uso de suas especificidades, dentre elas a capacidade de dialogar com os mais distintos e abrangentes signos emprestados de outras linguagens, pois, acreditamos poder tencionar, no espaço onde ocorre o recreio escolar, que também pode ser o de uma reflexão minuciosa, temas pertinentes ao mundo contemporâneo, como é o da violência no recreio escolar, objeto deste estudo, na medida em que surgem várias manifestações demonstradas pelos alunos, enquanto jogam nas aulas de teatro.

As análises das manifestações de violência, feitas no corpo desta pesquisa, são menos definitivas e mais um levantamento de hipóteses. O leitor certamente ao observar as amostras dadas aventará outras possibilidades analíticas, assim, este trabalho quer manter janelas abertas para que o mundo entre por elas e crie jardins no seu interior, com aromas suaves e sorrisos sinceros.

É preciso considerar a classe social dos alunos da escola observada, que não proporciona aos seus membros acesso as viagens, cinemas, museus e teatros. Poderíamos pressupor com isso, que, por serem menos estimulados culturalmente, são menos cuidadosos e afetuoso com os outros e com os espaços onde convivem? É preciso estabelecer uma relação dialética com a cultura e com o mundo?

Sei que nessa escola pública observa-se uma incidência maior de confusões, correrias pelos corredores, barulhos, brigas e desrespeito, isso eu constatei nas minhas observações, mas não cabe aqui fazer comparações com outras escolas em cidades em que os estudantes têm acesso a outras atividades. O que busquei mostrar neste estudo é que existe uma forma de intervir nesses comportamentos conflitantes entre os alunos, que são através dos jogos teatrais.



Foto 9 Alunos na oficina/aula. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Apesar dos conflitos e da falta de tolerância, entre alguns alunos, durante todo o processo deste trabalho era perceptível o envolvimento deles nas oficinas/aula. Estavam engajados, e isto podia ser percebido pela assiduidade aos encontros. O que transcendia era a integração do grupo focal uns com os outros, em ação no espaço. O jogo proporciona esta manifestação não verbal, porém explícita.

Acredito que a função do educador é formativa e que, para a construção do conhecimento científico, são imprescindíveis a conscientização e a realização de instâncias afetivas, que mobilizam nossos corpos e mentes em todos os momentos de nossas vidas. Como se referiu Paulo Freire (1996, p. 85-86) é necessário “[...] conscientizar para mudar, constatar, não para adaptar, e, sim, para transformar [...].

Os alunos que participam comigo da pesquisa, tiveram uma participação bem proveitosa nas oficinas/aula. Raramente faltavam e se envolviam em todos os jogos teatrais propostos para aquele dia. O que mais os deixavam entusiasmados era quando íamos para outras salas de aulas dramatizar as criações do dia. Combinavam entre eles, na véspera, o que levar para a oficina, como chapéus, lenços, botas, frutas, tudo que fosse usar no cenário. Era nítido o trabalho em equipe e a contribuição uns com os outros.

Quanto ao aluno Roanderson, que por muitos dias no ano letivo de 2019, foi alvo de pré-julgamentos, por sempre estar em confusões em sala de aula e no recreio, por ficar várias vezes sem poder participar no recreio por bater nos colegas, para minha alegria, passa a ser o menino que todos querem como integrante do grupo, isso nas oficinas/aulas. Ouvir os alunos falarem que querem ficar com Roanderson nas atividades é um dos maiores presentes dessa pesquisa. Ele era o mais excluído, o que não tinha amigos, o que ninguém tinha paciência, desde as professoras à gestão. Cansados de não obter resultado nas conversas e sermões, acabaram de certa forma deixando-o de lado.

Neste ano de 2020 Roanderson está no 5º ano, a professora atual me falou em depoimento que estava apreensiva em tê-lo como aluno, pois, todos os ex-professores tinham algo de negativo a contar sobre ele. Assustada com todo histórico que ouviu do aluno, resolveu colocá-lo perto de sua mesa para poder ter mais contato. Mas, para sua surpresa, Roanderson é um aluno que participa das aulas, que ajuda a todos, que faz as atividades e que na hora de escutar é um dos mais atentos. Antenado em tudo, conversa sobre qualquer assunto, dá sua opinião, pesquisa, faz as atividades. Roanderson me confessou que seu maior problema é apenas, alguns dias, não querer fazer a tarefa de casa. Que depoimento emocionante, que alegria em ouvir tudo aquilo da professora, tenho certeza que tudo

aconteceu pelo motivo do acolhimento, e isso faz parte das oficinas, no acolher, no escutar o outro, no ouvir suas histórias e dar importância as suas criações.

Talvez me perguntem se toda essa mudança foi fruto das oficinas/aulas. Se não foi ela diretamente, foi indiretamente, porque nela os alunos tinham a oportunidade de exercer seu direito de fala e pensamento, sem serem criticados. Viveram por muitos dias essa metodologia, agradeço a rotina proposta nos encontros, ela foi a nossa maior aliada nos jogos teatrais.

Continuei observando o recreio e de olho nos alunos que participaram comigo na pesquisa, todos brincam, interagem uns com os outros, sem conflitos por perto, a não ser os próprios conflitos que fazem parte da brincadeira. No dia 16 de março de 2020, estava eu na escola, bem na hora do recreio, quando passava pela secretaria avistei Roanderson sentado em uma cadeira. Depressa fui saber o que tinha se passado para ele estar ali, novamente fui surpreendida. A mesma secretária, a senhora Priscila, que por várias vezes se queixou dele a mim, disse que era apenas uma visita, que Roanderson agora era outra pessoa. Ele rapidamente me flertou, e entendi perfeitamente a mensagem “[...] Sou a mesma pessoa, eles que não me compreendiam [...]”.

Com muita ternura compreendi o olhar de Roanderson, era exatamente assim que havia conhecido. Um menino superesperto, cheio de talentos e muita vontade de socializar seus aprendizados. Precisava apenas da arte para fazer-se compreendido e respeitado, consequentemente respeitar e compreender os demais.

A receptividade das turmas, quando íamos apresentar nossas criações, me levaram a compreender o quanto nossos alunos são sedentos por arte, seja ela na forma mais rebuscada ou não, digo isso pelo motivo de não trabalhar com os alunos todos os elementos do teatro, apenas os jogos teatrais. Observei quanto essas apresentações impactaram em quem estava assistindo e quem estava realizando.

Turmas numerosas que ficavam completamente atentas as apresentações, coisa que muitas das vezes escutei reclamações de colegas professores, que uma sala numerosa dificultava a concentração por parte deles. Até concordo que uma sala numerosa e com espaço pequeno realmente é muito difícil de trabalhar, organizar os grupos, organizar carteiras de forma não convencional, mas em relação a atenção de todos os alunos na aula, as nossas apresentações provaram que qualquer tema trabalhado através da arte, nesse caso o teatro, pode conseguir a atenção da turma, tivemos êxito em todas as salas que passamos.

Sempre que terminávamos uma apresentação, era de costume alguns alunos me abordar se podiam entrar no grupo focal. Eu me peguei várias vezes pensando em quais motivos os levariam a querer ingressar no grupo, pensei em ser por causa dos jogos teatrais que eles sempre me viam fazendo com os alunos, talvez vissem como uma brincadeira, que até concordo, criança gosta de brincar, e aprender brincando ainda é mais prazeroso e eficiente. Pensei também em ser por causa das apresentações nas outras turmas, talvez o sucesso dos alunos e o reconhecimento por aquela atividade realizada os deixavam com vontade também de ser reconhecido pelos colegas ou de querer simplesmente fazer algo produtivo. Pensei outras vezes, que era por conta dos temas trabalhados, já que era a realidade de todos da escola. Mas, acabei chegando a conclusão que poderia ser a junção de tudo isso, afinal o teatro abraça todas as causas, todas as pessoas, todos os temas e o que mais quiser acrescentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pelas entrevistas foi bastante importante para as primeiras impressões sobre o recreio escolar. Foi com elas que vi o quanto eram distintas as visões sobre os conflitos que existiam nesse espaço, por um lado os professores, gestor escolar e funcionários, viam o recreio como um momento conturbado e que não sabiam lidar com a situação, já que na visão deles tinham tentado de tudo para solucionar os conflitos que apareciam diariamente.

Como mencionei no primeiro capítulo, as punições mais aplicadas eram castigar os alunos envolvidos nas brigas a ficarem sem recreio no dia seguinte ou até mesmo chamar os responsáveis para irem até a escola conversar sobre o ocorrido. Já na visão dos alunos, eles gostavam do recreio, mesmo sendo sabedores das divergências que sempre apareciam, era o momento mais esperado da aula. Jamais cogitaram a ideia de não existir esse horário.

Queriam uma solução para tudo aquilo, e sinalizavam nas conversas ao voltarem para a sala de aula quando o sinal tocava. Mas, como uma professora disse na entrevista, isso atrapalhava a aula. O que me motivou e me motiva sempre a pesquisar são essas trocas de conversas com os alunos é que percebo que são eles os mais atingidos diretamente com tudo que se passa no ambiente escolar. Feliz de quem aprendeu a ouvi-los.

Outro ponto importante para essa pesquisa foram as minhas observações durante os vários recreios, apesar de durarem apenas 15 minutos, mas, foi através dessas observações que pude adentrar no universo das brincadeiras atuais, várias vezes me peguei pensativa e relembrando da minha infância, isso me proporcionava uma interação muito rica com eles.

Foi nessas observações que comprehendi que não eram brigas por maldade, que não eram conflitos pensados estrategicamente pelos alunos, eram apenas uma maneira de se defenderem, sei que de maneira errada, mas isso porque não conheciam outra forma de resolverem seus conflitos, ninguém lhes mostrava como resolver, apenas apontavam quem fazia certo ou errado. Isso eu pude comprovar com os alunos que participaram das oficinas/aulas de jogos teatrais.

A mudança do comportamento e o jeito de lidar com as situações constrangedoras foram pontos que notei ao longo da pesquisa. Talvez se eu estivesse aberto as inscrições para um maior número de participantes, o recreio da escola Cícera da Silva Sousa teria outro

patamar, mas em meio a 300 alunos, apenas 20 participaram das oficinas/aulas. O que reforça que essa pesquisa deve dar continuidade dentro dessa instituição, como já foi sugerido por mim a incluir no Projeto Político Pedagógico da escola a continuação das oficinas/aulas em contra turno para alunos que se interessam a participar.

Fui muito feliz em ter escolhido os jogos de Boal e de Spolin para realizar as oficinas/aulas. Todos os temas abordados tiveram uma contribuição enorme para o crescimento do grupo, era nítido como impactava de forma positiva. Tive dificuldade nos primeiros encontros em relação aos combinados do grupo, não cumpriam de imediato, cortavam as falas dos colegas, burlavam as regras dos jogos, ficavam com raiva quando era a vez de ficar na plateia. Isso dificultou muito, até eles entenderem que tudo aquilo era preciso para o andamento das oficinas/aulas deu bastante trabalho, mas eu estava confiante que precisava insistir, era cansativo a todo instante ter que parar e lembrá-los dos combinados.

Mas, eu estava embasada nos estudos de Koudela, sabia que era questão de tempo para que eles internalizassem tudo aquilo e agissem cordialmente. Essa parte de como organizar os encontros e os combinados foi fundamental. Com isso o grupo foi ganhando maturidade e eu pude realizar os encontros com mais firmeza. No final de nossos encontros, os alunos já escutavam os colegas, esperavam sua vez em participar e fluía muito mais as discussões nas horas das conversas.

Esses comportamentos positivos eu consegui ver durante o recreio escolar, e para poder me aproximar do universo deles foi muito importante esse contato. Uma das primeiras experiências que mais me aproximei deles foi durante a troca de bolinhas de gudes por conversas, estratégia que consegui criar ao ler etnografias com crianças, a forma inovadora e criativa de abordar os alunos foi muito produtiva. Além de criar uma intimidade maior com eles, eu pude andar pelo recreio e fazer minhas intervenções sem que precisasse estar falando o tempo inteiro. Porque antes disso eu notava que eles se intimidavam com minha presença, viam uma mulher andando o recreio todo com um caderno na mão anotando sabe lá o quê. Uma vez uma aluna me perguntou o que eu tanto anotava. E depois desse momento das bolinhas de gude, até convidada para participar das brincadeiras deles eu fui. Criar novas estratégias para abordar os alunos será sempre a melhor escolha. Chegava em casa e fazia todas as anotações em meu diário de campo. Logo no início percebi que seria um problema, pois fazia tudo manuscrito para depois transcrever para o computador, coisas de quem não é nativo digital, relutei um tempo, mas percebi que não era nada produtivo, abandonei essa estratégia e passei a digitar assim que chegava.

Outra experiência que proporcionei nessa pesquisa e que foi muito significativa foi a nossa viagem a Campina Grande. Na ocasião assistimos o espetáculo Dom Quixote no Teatro Municipal Severino Cabral. Tudo foi muito valioso desde a preparação para a viagem, a ida e o contato com o teatro. Foi a primeira vez de todos os alunos. Depois dessa viagem, o aprendizado nas oficinas/aulas fluiu muito. Os alunos queriam a todo instante inovar, buscavam novas formas de como se apresentar nas salas dos colegas, trazendo novos elementos que antes não cogitavam, novas formas de interagir com a plateia. Tudo isso foi muito rico. Imprescindível oferecer arte aos alunos, sabia da importância de eles passarem por essa experiência, fui buscar ajuda diretamente na secretaria de educação do município, solicitando o ônibus. Fiz tudo com antecedência para não correr o risco de perdemos o espetáculo.

Realmente é maravilhoso o que a arte pode nos proporcionar, o poder de transformação que nos causa é imensurável. Por tudo isso fica claro que temos uma alternativa eficaz no que se refere a ajudar aos alunos durante os conflitos que eventualmente acontecem no recreio escolar da Escola Municipal Cícera da Silva Sousa. Os jogos teatrais provaram ser um parceiro eficaz para uma mudança de comportamento entre alunos, observei isso em todos os alunos do grupo focal, pois a maneira como passaram a se relacionar com os amigos durante o recreio estava diferenciada dos demais alunos. Os conflitos não terminaram, até porque é normal isso acontecer em qualquer ambiente e com qualquer grupo em que existem pessoas convivendo e opinando o tempo inteiro. As divergências são processos naturais. Agora como lidar com isso é outra questão, saber se posicionar, argumentar, criticar de forma respeitosa é outra questão. Viver e passar por experiências que te levem a saber lidar com cada situação é o que nos faz crescer.

Os jogos teatrais trazem essas competências, muito amadurecimento para quem participa efetivamente. Ver um aluno, que antes não argumentava, partia para a agressão física e verbal como uma defesa, passar a querer conversar e explicar os motivos do que realmente o está incomodando é um dos maiores presentes dessa pesquisa.

Outro presente é ouvir de professor sobre aquele aluno, que foi sempre rotulado por toda escola, hoje é referência dentro da sala de aula. Talvez eu seja rotulada também, por pensar algumas vezes diferente de alguns colegas, não costumo rotular alunos, acredito sempre no seu potencial, no que ele tem de melhor, que são inúmeras qualidades, basta ouvir e criar oportunidades para que eles nos mostrem. Não é porque um aluno tem dificuldade de aprendizagem que não pode se destacar, avançar ou superar seus limites. Todos têm seu tempo, seu ritmo. Com minha experiência em sala de aula e agora com essa pesquisa,

comprovei que uma das melhores maneiras de auxiliar os alunos nas suas dificuldades continua sendo por meio dos jogos teatrais e do diálogo aberto e franco.

No dia 17 de abril de 2020, a escola recebeu um decreto de paralisação das aulas por conta da pandemia do novo vírus, o Covid-19. Estava na oficina/aula com os alunos quando o diretor Clementino Silva foi fazer o comunicado na sala, disse que o retorno não tinha previsão. Depois que saiu os alunos me perguntaram se não podíamos apenas ir à escola para as oficinas/aulas dos jogos teatrais. Na hora respondi que o isolamento social era para todos, que não poderíamos nos arriscar indo para a escola. Depois nos despedimos, da maneira que fazíamos sempre, com abraços. É uma das coisas que mais me fazem falta, fazíamos esse gesto em todos nossos encontros. Os alunos, mesmo não sabendo da gravidade do vírus, querendo que as oficinas/aulas não parassem. Para mim isso indica que além de ser prazerosa as aulas são estimulantes e servem de crescimento constante.

Desejo poder continuar com esse trabalho na escola, e seguir com as oficinas/aulas de jogos teatrais mesmo depois de concluir a pesquisa. Tenho muito o que aprender e aprimorar, mas sei onde buscar inspiração e fundamentos. Os autores que trabalhei tem um vasto material de estudo, por eles vou construindo meu acervo e conhecimento e tudo isso aliado na prática. Serei sempre a professora vista nos recreios, aquela que anda pelo corredor, que conversa no chão do pátio com os alunos, a que entra nas brincadeiras para entender melhor do que estão brincando e argumentando, serei sempre vista com cadernos de notas pelas mãos, serei sempre aquela que convida os alunos para visitar o teatro, serei sempre aquela professora insistente na secretaria de educação solicitando ônibus para viagens, serei sempre aquela que os alunos abraçam quando me veem na rua. Por tudo que aprendi e aprendo com eles, serei sempre uma pesquisadora na certeza de alcançar os melhores resultados para uma educação de qualidade e de afeto.

REFERÊNCIAS

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para atores e não atores.** São Paulo: Cosac Naiyfi, 2015.

BOAL, A. **Vida e obra.** Disponível em: <http://acervoaugustoboal.com.br/> Acesso em: 11 Set. 2019.

BOAL, A. Entrevista concedida para Julian Boal. Instituto Augusto Boal. Disponível em: <https://bit.ly/300XMqS> . Acesso em: 12 ago. 2019.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre experiência e o saber de experiência.** São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Departamento de linguística, 2002, nº 19.

BROOK, P. **O teatro e seu espaço.** São Paulo: Vozes, 1970.

BROOK, P. **A porta aberta:** reflexões sobre a interpretação e o teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARDOSO, R. (Org.). **A aventura antropológica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CAVALLARI, R. C; ZACARIAS, V. **Trabalhando com recreação.** 2. ed. São Paulo: Ícone. 1994.

CHANCEREL, L. **Jeux dramatiques dans l'éducation.** Paris: Librairie Théâtrale, 1948.

CLIFFORD. **A experiência etnográfica.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

DELGADO, A.C. C.; MÜLLER, F. Artigo **Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e nas suas culturas.** GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n.07 Agência Financiadora: FAPERGS. Disponível em: <https://bit.ly/3eLrzrv>. Acesso em: 24 abr. 2019.

DEWEY, J. **Arte como experiência.** Martins Fontes, Selo Martins, 2010.

DEWEY, J. **Democracia e educação:** Breve tratado de filosofia da educação. 2^a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

DESGRANGES, F. **A pedagogia do teatro:** provocação e dialogismo. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

SILVA, C. M. M. e. **Catarse, emoção e prazer na poética de Aristóteles.** Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://bitlybr.com/WcGE>. Acesso em: 6 Abr. 2019.

FERREIRA, A. B de H. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da Língua Portuguesa. 3.ed. RJ: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, T. e FALKEMBACH M. F. **Teatro e dança nos anos iniciais.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

FOCAULT, M. Os corpos dóceis. In: **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Trad.: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGO, A. V. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: ESCOLANO, Augustín. **Curriculum, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programas. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FERNANDES, B.; GOMES, E. e N.: AMARAL, J. **Projeto Corpo e (em) movimento com a professora Patrícia Chavarelli Viela da Silva.** A criança e a composição em tempo real. Disponível em: <https://bit.ly/2XmoXeu>. Acesso em: 18 nov. 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, C. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. 14 ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1997. GONSALVES, E. P. **Educação e curva pedagógica.** Campinas, SP: Editora Alínia, 2014.

GOUVÉA, S. F. (Ralatora). **Recreio como atividade escolar.** Câmara de Educação Básica/ Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE). Portal do Ministério da Educação. Arquivos.

Processo n.: 23001000204200214. Parecer n.: CEB 02/2003. Aprovado em: 19.02.2003. Brasília – DF, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3aSHrqU>. Acesso em: 18 Fev. 2020.

KOUDÉLA, I. D. **Apresentação do dossiê jogos teatrais no Brasil:** 30 anos. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Janeiro/ Fevereiro/ Março/ Abril de 2010 .Vol. 7 Ano VII nº 1. São Paulo, 2010. Disponível em : <https://bit.ly/39UGwog>. Acesso em: 10 set. 2019.

KOUDÉLA, I. **A ida ao teatro.** São Paulo: Secretaria de Educação. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/2yMtYTl>. Acesso em: 26 abr. 2019.

LOPES, J. **Pega teatro.** 3 ed. São Paulo: Edts. Bragança Paulista e Urutau, 2017.

QUINTANA, M. **Sapato florido, 1948.** Poema: Pequenos tormentos da vida. São Paulo: Ed. Globo, p 115, 2005.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2011.

OLIVER, J.C. **Das brigas aos jogos com regras:** enfrentando a indisciplina na escola. Trad.: Heloisa Monteiro Rosário. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, J. **Linguagem e pensamento da criança.** São Paulo: Companhia Editora Florense, 1970.

PLATÃO. **A república.** São Paulo: Atena, 1962.

REVERBEL, O. G. **Jogo teatrais na escola, atividades de expressão.** São Paulo: Scipione, 2009.

ROSSEAU, J.J. **Emílio ou da educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SOUZA, E. L de. **As crianças e a etnografia:** criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças In: Iluminuras. Porto Alegre, v. 16, n. 38, Janeiro, Julho/2015.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais na sala de aula, um manual para o professor.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro.** 5. Ed. Trad.: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin.** Trad.: Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Pesquisa em sites e redes sociais:

Grupo de teatro loucos de palco

Facebook: Disponível em: <https://bit.ly/3aUK37D>. Acesso em: 24 abr. 2019.

Instagram: Disponível em: <https://bit.ly/2RnY85C>. Acesso em: 24 abr. 2019.

ANEXOS

ANEXO A

QUESTIONÁRIOS SEMI-ESTRUTURADOS COM PERGUNTAS E RESPOSTAS

Período de realização das entrevistas e aplicação dos Questionários:

Total de entrevistados: 15

Local: Escola Municipal de Ensino Fundamental Cícera da Silva Sousa

Endereço: _____

Gestor Escolar: Professor José Clementino (Zeca)

1. ENTREVISTA COM O GESTOR ESCOLAR JOSÉ CLEMENTINO (ZECA)

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: É um horário complicado que exige bastante atenção de todos os funcionários, a gente sempre fica prestando atenção, porque é um horário onde as crianças saem, querem extravasar sua energia, se batem bastante e é um horário de preocupação pra escola nesse momento.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Sim, geralmente acontecem com frequência, brigas é insatisfação deles com os outros, geralmente acontece.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Problema com o espaço físico que é muito pequeno que nós temos, as crianças também têm muita energia, e nesse momento querem extravasar, questão também é apelidam, mechem uma com a outra, se batem, empurram, aí geralmente isso aí gera um conflito entre eles.

Pergunta: O que você como diretor escolar está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Bom a gente disponibiliza pessoas para prestar atenção no intervalo, como também a gente passa nas salas e pedem a compreensão deles, para eles não se baterem, na verdade fazer um aconselhamento, pedindo pra que eles não façam isso, não se batam, não briguem, que tenham paciência, mas geralmente é difícil, geralmente finda acontecendo, mas a gente

tenta resolver dessa forma por enquanto, porque a gente não tem... o horário é limitado, e a gente não tem muitas pessoas, nem muitos atrativos nesse momento para as crianças NE?

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: O recreio dos sonhos seria com espaço para as crianças brincarem NE? É tivesse bastante espaço, tivesse algumas atividades que elas pudessem nesse horário participarem ou brincadeiras, alguma coisa ou jogos que tivessem bastante disponibilizados, momentos que ela tivesse para participar pra não ficarem ociosas nesse momento, se fosse pra não ser só correria, só bate bate, essas brincadeiras que eles mesmo criam da escola que a gente não tem espaço disponível, seria mais ou menos assim, espaço físico e ocupação para as crianças, diversão seria a palavra certa.

2. ENTREVISTA COM A ALUNA PAMELA

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Assim, porque tem muitas pessoas que elas ficam brigando ai ontem teve duas pessoas que veio brigar, que brigou aqui na escola, eles ficam brigando, ai fica, os meninos ficam mexendo comigo, aí é muito chato.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Já vi.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Porque eles batem nos alunos. Eles vão, aí não ver o outro, aí eles batem aí começam a brigar.

Pergunta: O que você como diretor escolar está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Não.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Que eles não brigassem, que eles ficassem tudo unido e brincassem na hora do recreio.

3. ENTREVISTA COM MERENDEIRA PATRICIA

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Graças a Deus de manhã tudo foi em ordem. O horário é de 9 até 9:15, 15 minutos. Eu Sá achava meio estranho porque é tudo junto com os “pequinininho” com os grandes, o espaço pequeno, está entendendo?

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Já, mas não tô lembrado de algum não. Às vezes era pequenos com grande, entendeu? Essas brigas deles na hora do recreio é assim, as vezes um dava um bofete, dava um murro aí pronto, começava. Agora para a gente lembrar de todos...

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Mulher, acho que nem sei dizer, porque na hora que eles vão brincar começa com um ... pronto já começa como foi ontem de tarde, um levou um murro porque foi o outro amigo que levou.

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Tamo graças a Deus, porque nós fica tudo olhando né? Fica um lá no muro, outro aqui no corredor, mas graças a Deus que esse ano está tudo ok.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Assim, eu achava melhor, os pequeninhos não se ajuntar com os grandes, ta entendendo? Porque eles são bem pequeninhos. Tem uns da sala de vagna, são muito pequenos pra se ajuntar com a sala dos outros, era pra ser... Na minha opinião os pequenos não era pra ter o recreio junto com os grandes.

4. ENTREVISTA COM O VIGIA LUCAS

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Por o espaço ser pequeno, a gente acha muito assim, que... deixa a desejar em alguns pontos, como eles correr, brincar, como não tem espaço, fica violento. Porque eles empurram, bate, se machuca.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Já, várias vezes, de empurrar, de brigar de bater , decair, tudo isso.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Eu acho que pelo meio dele NE, onde eles vivem, a clientela, eu acho que eles já brincam com isso, eles vivem nesse meio da violência, tudo... aí traz pra escola. É uma maneira de ... Como eu já vi um aluno pegar um livro e dizer que é uma arma, fazer de arma, atirar, eu acho que deve ser o meio, apesar de hoje em dia não existe mais isso, a internet qualquer pessoa pode ... Até mesmo classe média, classe alta.

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Assim, a gente trás pra secretaria quando a brincadeira é realmente é muito violenta, que eles se machucam, tal, trás pra secretaria, fala com o diretor, fica de castigo, mas na verdade não adianta muito NE? Eu vejo que não adianta muito, que no outro dia a mesma coisa acontece, então, o castigo não mete medo neles. Eles não têm medo.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Eu acho assim. Eu já dei até algumas opiniões aqui sobre o recreio, que a gente inventasse alguma coisa que eles brincassem que eles se entretem. Porque assim se vc inventasse alguma pra criar eles participam, eu já notei que eles participam, tem que ter algum ambiente assim, um bingo, um jogo de bola, uma brincadeira, eu acho que ajudaria.

5. ENTREVISTA COM O ALUNO RIQUELME

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Agitado e muitas crianças brincando, correndo.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Sim, tem que fica só batendo nas crianças.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Porque não sei se eles ficam querendo bater ou sem querer batendo.

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Há, eu sou... Se acontecer alguma coisa eu falo pra o diretor, que ele vai e bota ele de castigo na secretaria.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Bem quietinhos, sem barulho como todas as escolas que ficam no recreio barulho, eu só quero isso, que seja bem silêncio pra ninguém ficar... é... como se diz... pra ninguém ficar confuso com o barulho das crianças.

6. ENTREVISTA COM ALUNO JÚLIO

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Bom, legal, divertido, mas bom eu não tenho quase nada pra falar, mas eu acho bem legal

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Bom assim, no recreio agora que acabou de acabar eu vi um menino e uma menina de ... Eu não sei a série deles, mas eles estavam correndo, o menino que eu disse, que eu estou dizendo agora, ele bateu na menina, aí ela foi pra parede, ai ele sabe? Eles continuaram a brincar, foi normal.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Bom, porque eles não se gostam.

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

R. Bom, eu quero mais educação, mais respeito com os professores, e eu desejo pra todos que não voltem pra secretaria, porque é muito feio passar vergonha.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Bom um escorregador bem grandão e uma piscina, porque eu só fui numa piscina quando foi no retiro da igreja.

7. ENTREVISTA COM ALUNO UANDERSON

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Eu quero para ir principalmente os grandes depois vim os pequenos pra num empurrar e ninguém se machucar, vim na sequência, primeiro, segundo, terceiro até o quinto, aí ia ficar mais melhor, porque não ia fazer como se machucar bem uns 3, ai não ia, ia ser melhor assim.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Da minha classe? Só do ano passado os meninos começavam a falar da mãe do outro ai se travava no murro e na tapa.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Porque começou a falar da mãe um do outro ai não gostaram , ninguém ia gostar disso.

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Evitar. Mandar ele sair ou falar com a professora.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Que fosse do jeito que eu disse, que fosse separado pra ninguém se machucar, fosse maior a escola pra ser mais coisado, mais divertido.

8. ENTREVISTA COM ALUNA SABRINA

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: É... Toda vez, corre ai derrama a comida, na roupa e era pra ter brincadeira assim.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Sim. Eles discutem e já querem brigar assim na violência.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: É ... sei lá. Não sei dizer porque isso acontece. Mas eu já vi.

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Não, eu fico quieta.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: É ter brincadeira.

9. ENTREVISTA COM ALUNO ROANDERSON

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Eu acho bom porque que ele eu fico brincando no recreio, tem dia que eu venho pra secretaria, por conta que os meninos ficam dizendo mentira deu.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Sim.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Por conta que eles não são amigos.

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Eu sempre entrava na briga pra parar, aí quem apanhava era mais eu, agora eu saí do lugar pra não botar culpa neu.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Ia ser cheio de animais, porque eu gosto de animais.

10. ENTREVISTA COM ALUNA MARIANE

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Acho bom é...e um tempo bom pra brincar pra se divertir e conhecer vários colegas.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Sim. Foi assim, é até hoje também, mas não foi com eu não, foi com ...é... que esse menino ele sempre arenga com todo mundo ai todo mundo vai lá e desconta, o nome dele é Roanderson, acho que ele vai vim também praqui aí ele vai dizer o nome dele ai ele hoje tava batendo nos meninos ai os meninos tudinho foi lá e bateu nele, até do 5º ano.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Porque ele mexe. Porque várias pessoas ficam xingando, fica falando isso, fica falando aquilo quando alguém fala um do outro, aí vai e vai falando

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Eu digo é... para de brigar, porque se não quando tia chegar vai colocar vocês tudinho na diretoria. Ninguém escuta.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Na minha imaginação, que por exemplo no recreio tivesse capoeira, é ... professor de dança, várias coisas, tipo também, como se fosse uma mágica, que a tudo acontecesse quando a pessoa pensa.

11. ENTREVISTA COM O SECRETÁRIO ESCOLAR EDSON

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: É, o recreio da nossa escola Cícera é muito complicado, porque nós temos um número de aluno bastante elevado para a estrutura da escola, no intervalo, brincadeira de criança é o que? Correr, nós não temos espaço físico pra isso, temos um corredor na escola que mede aproximadamente um metro e meio acontece muito acidente aqui nesse corredor, a questão das brincadeiras deles que são muito pesadas, a gente se desdobra muito, para que não aconteça acidente, por que todo dia acontece alguma coisa, já por conta disso, do espaço físico da escola.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Já. Esse é o que mais a gente presencia.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Eu creio que isso já vem de casa, eu tenho certeza, porque os pais não têm... Tem a escola como se fosse pra ser tudo para os alunos, escola tem que educar filhos, tem que ser tudo pra eles, os pais não tem responsabilidade de ensinar os filhos ter responsabilidade com as coisas, é ... de obedecer as pessoas, então fica difícil o trabalho da gente aqui na escola.

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Conversar muito com os alunos, que não pode fazer isso, fazer aquilo, não pode correr... tentando... Hoje é a nossa melhor forma que a gente tem de trabalhar na escola com os alunos é isso, é conversar com eles o que pode e o que não pode ser feito.

Pergunta: Qual seria o recreio dos seus sonhos?

Resposta: Primeiro se tivesse uma área de lazer seria primordial, um refeitório, é uma ... brincadeiras para tirar, mexer com eles, com atividades pra eles, fazer atividades, que tem um grupo que gosta de dançar, outro gosta de jogar bola, outro gosta de correr, se nossa escola tivesse um espaço adequado pra isso seria maravilhoso, melhoraria em 100 % ou mais.

12. ENTREVISTA COM A PROFESSORA KÁTIA

Pergunta: Como você avalia o recreio aqui na escola Cícera da Silva Sousa?

Resposta: Regular, o espaço não é bom, a falta de não ter o que fazer, acaba batendo um no outro, e talvez a falta de uma pessoa apropriada pra tomar conta.

Pergunta: Você já presenciou alguma confusão, brigas, conflitos dos alunos nesse espaço escolar?

Resposta: Muitas, e principalmente quando a gente volta pra sala, o discurso deles é fulano brigou com fulano, tia fulano fez isso. Leva pra sala.

Pergunta: Por que você acha que isso acontece nesse horário escolar?

Resposta: Falta de estrutura na escola da escola, falta de organização também no plano da escola, até no PPP um item que falasse que a hora do intervalo tivesse as pessoas certas, o lugar fosse adequado ao intervalo como parquinho, refeitório, se tudo tivesse direitinho talvez problema fosse menor. Não que fosse sancionar o problema todo mas iria melhoraria

Pergunta: O que você está fazendo para resolver esses conflitos, essas brigas, para que essas coisas não aconteçam?

Resposta: Eu acho que só conversar pra não brigar no intervalo, pra se controlar, só dialogar. Eles terem onde lancharem, quando terminarem ter já alguma coisa pra fazer pra não ficar sozinhos e 20 minutos de recreio.